

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

ELOY SAN CARLO MAXIMO SAMPAIO

**ELABORAÇÃO DA SEGUNDA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO:
CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE NARCISISMO**

**São Paulo
2013**

ELOY SAN CARLO MAXIMO SAMPAIO

**ELABORAÇÃO DA SEGUNDA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO:
CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE NARCISISMO**

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientadora: Professora. Dr.^a Eva Maria Migliavacca.

São Paulo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Sampaio, Eloy San Carlo Maximo.

Elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico: contribuições do conceito de narcisismo / Eloy San Carlo Maximo Sampaio; orientadora Eva Maria Migliavacca. -- São Paulo, 2013.

120 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Narcisismo 2. Metapsicologia 3. Aparelho psíquico I. Título.

BF575.N35

ELABORAÇÃO DA SEGUNDA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE NARCISISMO

ELOY SAN CARLO MAXIMO SAMPAIO

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eva Maria Migliavacca

Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Sodr e Vieira

Prof.^a Dr.^a Norma Lottenberg Semer

Dissertação defendida e aprovada em: __/__/2013

Para Kássya, minha companheira nessa viagem.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Eva Maria Migliavacca, por suas valiosas contribuições durante todo esse processo. A sua aposta na minha autonomia foi algo inestimável para o meu percurso formativo no mestrado e que certamente impactará positivamente os meus futuros trabalhos. Realmente muito obrigado.

Às professoras Dr.^a Cláudia Maria Sodré Vieira e Dr.^a Norma Lottenberg Semer, por generosamente integrarem a banca e possibilitar que ela seja um momento privilegiando de aprendizagem.

Aos meus pais, Ant nio e Marilene, que mesmo diante de todas as dificuldades sempre me incentivaram a estudar. Esta disserta o   produto direto de todo o esforço que vocês fizeram ao longo de suas vidas.

Ao meu irmão  caro, que além de me fazer rir, também atuou como um importante leitor do meu trabalho.

  K ssya, por suportar pacientemente a distância e por demonstrar que   preferível o amor ao narcisismo.

Aos meus amigos Minoti, Vinicius, Brunna, Fagner, Sarah, Cl dia, Karin, Akashi, Kim, Danilo, por estarem presentes durante todo o processo me dando apoio intelectual e emocional. A convivência com vocês deixa claro que a maior riqueza de um homem é a amizade.

Agradeço especialmente ao meu amigo Marcelo, que certamente foi a pessoa que mais contribuiu para que esse sonho do mestrado se materializasse.   impossível expressar a minha gratidão por meio de palavras, mas tenho certeza que possuo uma sorte imensa por poder contar contigo.

Aos meus companheiros de mestrado Douglas, Marina e Luiz, que foram interlocutores importantes e que me lembravam que o mestrado não é um processo angustiante só para mim.

Aos professores Anita e Altair, pela minha formação como pesquisador e pelos valiosos ensinamentos nos tempos da graduação.

À FAPESP, pela bolsa.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram com a realização deste trabalho.

*Um olhar pode mudar a vida de um homem?
Não falo do olhar do poeta, que depois de
contemplar uma urna grega pensou em
mudar de vida. Refiro-me a transformações
muito mais terríveis (...).*

*Olhei meus olhos. Olhando e sendo olhado -
uma coisa afinal irrefletida, um eixo de aço,
lava de um vulcão sendo expelida, nuvem
infindável. O olhar. O olhar.*

(RUBEM FONSECA)

RESUMO

ELABORAÇÃO DA SEGUNDA TEORIA DO APARELHO PSÍQUICO: CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE NARCISISMO

A teoria freudiana não é um corpo imutável, grandes e importantes alterações são percebidas na sua obra e um exemplo desse quadro é a passagem da primeira para a segunda teoria do aparelho psíquico. Existiram vários fatores que contribuíram para essa mudança teórica, dos quais é possível destacar o narcisismo. Dessa maneira, a presente dissertação objetiva compreender como o desenvolvimento do conceito freudiano de narcisismo impactou a passagem do primeiro para a segundo modelo de aparelho psíquico. A pesquisa realizada foi teórico-conceitual de caráter bibliográfico e empreendeu uma revisão histórica de certos elementos da teoria freudiana. A discussão se organiza a partir de três pontos interligados: 1) a elaboração do primeiro modelo de aparelho psíquico no interior da *Interpretação dos sonhos*, 2) o desenvolvimento do conceito de narcisismo entre 1910 e 1923 e 3) o papel desse conceito para a proposição do segundo modelo de aparelho psíquico em *O ego e o id*. O final do processo investigativo permite afirmar que a contribuição do narcisismo para a instauração da segunda tópica se deu prioritariamente a partir de duas vias: na alteração das figuras que compunham o conflito psíquico e na estruturação das instâncias que compõem a segunda tópica.

Palavras-chave: Narcisismo; Metapsicologia; Aparelho psíquico.

ABSTRACT

ELABORATIONS OF THE SECOND THEORY OF THE PSYCHIC APPARATUS: CONTRIBUTIONS OF THE NARCISSISM CONCEPT

The Freudian theory is not an immutable body, substantial and important alterations are perceived in his work and an example of this is the passage from the first to the second theory of the psychic apparatus. There were various factors that contributed for this theoretical change, from which it is possible to highlight the narcissism. Thus, the present dissertation aims to understand how the development of the Freudian concept of narcissism impacted the passage from the first to the second model of psychic apparatus. The research made was of a theoretical-conceptual bibliographical character and undertook a historical revision of certain elements of the Freudian theory. The discussion is organized from three interconnected points: 1) the elaboration of the first model of the psychic apparatus inside *The Interpretation of Dreams*, 2) the development of the narcissism concept between 1910 and 1923 and 3) the role of this concept for the proposition of the second model of psychic apparatus in *The Ego and the Id*. The end of the investigative process makes it possible to affirm that the contribution of narcissism to the establishment of the second topic was promoted predominantly from two ways: in the alteration of the figures that composed the psychic conflict and in the structuralization of the elements that compose the second topic.

Key words: Narcissism; Metapsychology; Psychic apparatus.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 12 |
| Metodologia | 18 |
| | |
| Capítulo 1: Interpretação dos sonhos e a proposição da primeira tópica | 22 |
| 1.1 A interpretação dos sonhos-1900..... | 23 |
| 1.2 Da clínica para a metapsicologia..... | 31 |
| 1.3 Desdobramentos clínicos e teóricos da primeira tópica..... | 38 |
| | |
| Capítulo 2: O desenvolvimento do conceito freudiano de narcisismo | 43 |
| 2.1 O surgimento do termo narcisismo na teoria freudiana: narcisismo e perversão..... | 44 |
| 2.2 Narcisismo e psicose: Caso Schreber | 48 |
| 2.3 Contribuições da reflexão antropológica para o narcisismo | 51 |
| 2.4 1914: a forma mais desenvolvida do conceito de narcisismo | 53 |
| 2.4.1 Narcisismo e a dimensão psicogenética..... | 55 |
| 2.4.2 Narcisismo e economia..... | 61 |
| 2.4.3 Narcisismo e dinâmica..... | 63 |
| 2.5 Desenvolvimento do narcisismo após 1914 | 65 |
| | |
| Capítulo 3: As contribuições do narcisismo para a elaboração da segunda tópica | 70 |
| 3.1 O desenvolvimento do conceito de ego..... | 70 |
| 3.1.1 O ego nos escritos pré-psicanalíticos..... | 70 |
| 3.1.2 O ego nos anos iniciais da primeira tópica..... | 79 |

| | |
|--|------------|
| 3.1.3 As implicações do narcisismo para a teorização do ego..... | 83 |
| 3.1.4 O ego e o id: formalização da segunda tópica..... | 88 |
| 3.2Superego..... | 95 |
| Considerações finais..... | 103 |
| Referências..... | 112 |

Introdução

Em 1917, no artigo *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud afirmou que a humanidade sofreu três grandes golpes narcísicos decorrentes do avanço do conhecimento. O primeiro foi *cosmológico* e surgiu pela destituição da Terra como o centro do universo. O segundo, de caráter *biológico*, foi o resultado da teoria evolucionista, que apresentava o homem como totalmente integrado aos demais animais, inexistindo, portanto, um abismo entre eles. Por fim, também existiria o golpe *psicológico*, materializado pela psicanálise, que explicitou que os aspectos mais estruturantes do homem são desconhecidos por ele mesmo, ou seja, “o ego não é o senhor da sua própria casa” (1917b/1996, p.153). Coube a Freud retirar a última ilusão da superioridade do homem, “ao anunciar que a consciência não é soberana no psiquismo do indivíduo e que o eu não é autônomo no funcionamento psíquico” (BIRMAN, 1997, p.20).

Uma das coisas que costuram integralmente a obra freudiana é a afirmação de que todos os atos psíquicos são dotados de sentido e que esses não são necessariamente acessíveis à consciência, donde decorre a noção de um descentramento inerente. Existe uma dimensão oculta do homem que não cessa de se fazer presente. Os atos falhos, sintomas, chistes e os sonhos são testemunhas dessa condição. Tais fenômenos, todavia, permaneceriam ininteligíveis se não se lançasse mão de uma noção central para a psicanálise: o conflito psíquico. É a necessidade de se apreender teoricamente o que é o conflito psíquico que está na base do desenvolvimento da racionalidade metapsicologia (MEZAN, 1988).

Acompanhando a obra de Freud é possível afirmar que um dos momentos privilegiados da metapsicologia é justamente a elaboração das teorias dos aparelhos psíquicos. São elas que fornecem a possibilidade de entendimento dos modos de manifestação do conflito, permitindo uma apreensão mais rigorosa desse alheamento de si, que constitui a terceira ferida narcísica da humanidade. Esses modelos são construídos a partir da clínica, constituindo-se como uma tentativa de universalização daquilo que foi percebido nos fenômenos práticos. Eles são, portanto, momentos de síntese que permitem refletir sobre a ação psicanalítica, mas também abrem caminhos para outras investigações de cunho teórico.

Encontramos em Freud dois modelos de aparelho psíquico principais, que foram elaborados em um intervalo de mais de 20 anos. O primeiro data de 1900 e está presente na *Interpretação dos sonhos*, o segundo foi apresentado em 1923 na obra *O ego e o id*. Esses modelos são as figuras centrais das duas tópicas. Na passagem de um para o outro, vários fatores intervieram, dos quais é possível destacar o narcisismo.

É justamente essa articulação que a presente dissertação busca investigar, ou seja, como o desenvolvimento do conceito de narcisismo contribuiu para a passagem da primeira para a segunda teoria do aparelho psíquico.

Buscamos apresentar no capítulo inicial desta dissertação como o primeiro modelo surge no interior da *Traumdeutung*. Conforme aponta Mezan (1988), a mola mestra dessa obra é a afirmação de que *o sonho é a realização de um desejo*. Tomando por base esse enunciado, acompanhamos como Freud executa um trabalho de progressiva ampliação, partindo de casos absolutamente singulares, até desenvolver uma teoria que tenta explicar, de modo geral, algumas características das produções oníricas.

Apesar de inicialmente a obra se propor a entender os processos envolvidos no ato de sonhar, ao final ela acaba por estabelecer um modelo global de como se organiza a mente. Isso faz com que o resultado do processo de investigação empreendido por Freud seja a criação de um aparelho mental, que é a figura central da primeira tópica.

O aparelho apresentado é composto por três sistemas principais, que possuem regras próprias de funcionamento, são eles: o Inconsciente, o Pré-consciente e o Consciente. O Inconsciente seria a região que comporta os registros mnêmicos que são impedidos de ascender diretamente à consciência por conta da ação da censura, ou seja, ele é composto pelo recaiado. O seu modo de funcionamento é diferente em relação aos outros extratos mentais, já que ele se organiza por meio dos processos primários e do princípio do prazer. É ele que pode ser tomado como a sede do desejo, que, em última instância, remonta à sexualidade infantil. O Pré-consciente, por sua vez, seria a parcela que comporta os registros que não estão prontamente disponíveis à consciência, mas podem ser acessados mediante um aumento de catexia. Diferentemente do Inconsciente, ele se organiza pelos processos secundários e leva em conta a existência de uma realidade externa. Por fim, também existe o sistema Consciente, que é aquele que possui os conteúdos

que estão imediatamente disponíveis para o sujeito, como, por exemplo, aqueles que provêm da percepção.

Nesse modelo de aparelho mental, o conflito psíquico era explicado pela impossibilidade dos conteúdos inconscientes ascenderem aos sistemas Pré-consciente/Consciente, por conta da ação da censura. Um fator que merece ser sublinhado em relação à primeira tópica é a clara divisão entre os polos do conflito. As instâncias que recalcavam e a que continha o recalcado podiam ser facilmente delimitadas, pois pertenciam a registros tópicos diferentes.

Essa proposta teórica guiou a racionalidade psicanalítica por mais de duas décadas. Era ela que permitia a inteligibilidade das produções do inconsciente e tornava possível uma ação clínica. Todavia, a investigação de uma série de fenômenos exigiu que a compreensão psicanalítica acerca do conflito psíquico fosse paulatinamente repensada. Foram vários os fenômenos que contribuíram para isso, dos quais cabe destacar o narcisismo (COSTA, 2003; BIRMAN, 1997).

O narcisismo não foi um conceito criado por Freud. Suas raízes remontam à mitologia grega, cuja versão mais famosa é exposta nas *Metamorfoses* de Ovídio (1988). Segundo essa versão, existiria um belo jovem que ignora sistematicamente as investidas de amor dos outros, chegando a provocar a morte da ninfa Eco, e como castigo é condenado a se apaixonar mortiferamente por sua própria imagem.

Tampouco foi Freud quem introduziu esse termo no campo psi. A figura mitológica de Narciso serviu de base para que uma série de autores anteriores a Freud também tentassem isolar certos fenômenos psicopatológicos. Segundo Guimarães (2012), a primeira referência ao mito de Narciso no âmbito psicopatológico “surge no texto *Le fétichisme dans l’amour* [O fetichismo do amor] de Alfred Binet de 1887, publicado em 1888” (GUIMARÃES, 2012, p.19). Tal afirmação também é encontrada em Roudinesco e Plon (1998). Além de Binet, também cabe destacar os trabalhos de Havelock Ellis (1898), que no trabalho *Autoerotism, a psychological study* utiliza a referência ao mito para designar comportamentos patológicos de amor a si (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994). Em 1899, o criminologista Paul Näcke, comentando o texto de Ellis, introduz o termo em alemão *Narzissmus*.

O que vale ressaltar desse cenário é que o mito de Narciso já estava presente no campo da psicopatologia mesmo antes da proposta freudiana. Além disso,

também deve-se atentar que ele normalmente era relacionado a comportamentos perversos.

Nos escritos freudianos o termo emerge pela primeira vez em 1910, em uma reedição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, obra originalmente escrita em 1905, e permanecerá presente até mesmo nos últimos escritos do autor, como por exemplo, no *Esboço de psicanálise*, de 1938. Nesse trajeto observa-se que o conceito nem sempre significou a mesma coisa, passando por importantes transformações ao longo do tempo.

É justamente esse processo de desenvolvimento o objeto do segundo capítulo desta dissertação. Uma vez que visamos compreender o impacto das elaborações sobre o narcisismo para a construção da segunda tópica, apresentamos as principais teorizações sobre esse conceito no período que vai do seu surgimento em 1910 até a publicação de *O ego e o id* de 1923.

Como se verá adiante, o processo de análise permitiu delinear alguns momentos principais. Inicialmente destacamos os primeiros textos em que o termo aparece, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) e *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910a) e em relação a eles foi possível afirmar que a palavra narcisismo não podia ser encarada exatamente como um conceito, mas como uma metáfora sobre alguns comportamentos perversos.

Conforme aponta Green (1989), a emergência da dimensão conceitual do narcisismo se dará no Caso Schreber, de 1911, momento no qual ele vai ser relacionado a uma dimensão psicogenética, psicodinâmica e econômica. É nessa obra também que se desfaz a ligação exclusiva entre narcisismo e psicopatologia, uma vez que ele passa a ser compreendido como uma etapa universal do desenvolvimento libidinal.

Em *Totem e tabu* (1913) o narcisismo será vinculado a uma racionalidade antropológica, texto no qual o conceito será utilizado para analisar dimensões supra individuais. Também vale notar que tal obra já contém os germes das teorizações sobre narcisismo primário e secundário.

Esse conjunto de escritos serviu de base para que em 1914 Freud publicasse uma obra central para a discussão: *Sobre o narcisismo: uma introdução*. É esse o momento em que o conceito aparece em sua forma mais desenvolvida, sendo síntese dos escritos anteriores e ao mesmo tempo funcionando como um guia para as posteriores obras que utilizam o conceito.

Após o artigo de 1914, também vale destacar as contribuições de *Luto e melancolia* (1917a) e *Psicologia das Massas e análise do ego* (1921), por exporem a discussão que envolve a relação entre narcisismo e identificação. Essa articulação será uma das peças centrais para a teorização das instâncias ideais, que em 1923 irão compor o conceito de *superego*.

Após essa historiografia do conceito de narcisismo, analisaremos no terceiro capítulo o modo como ele impactou a elaboração da segunda tópica. Sinteticamente é possível afirmar que sua principal contribuição se deu de duas maneiras interligadas: em primeiro lugar ele atuou na modificação do entendimento psicanalítico acerca do conflito psíquico, e, em segundo lugar, também foi uma peça importante para a explicitação da psicogênese e dinâmica dos componentes da segunda teoria do aparelho psíquico.

Em 1923, momento de enunciação da segunda tópica, Freud propôs um modelo composto pelo id, ego e superego. O id é apresentado como a parcela mais primitiva da mente, totalmente inconsciente, além de ser a sede das pulsões. Ele é regido pelos processos primários e pelo princípio do prazer. O ego, por sua vez, surge como uma diferenciação do id que decorre do contato do sujeito com a realidade externa. Ele se estrutura contando com os processos secundários e com o princípio de realidade. Existem várias funções que estão ligadas a ele, como a busca pela manutenção da vida, ou ainda, o papel ativo como instância recalcanete. Segundo Freud, o ego pertence simultaneamente ao inconsciente, pré-consciente e consciente. Por fim, também se nota a existência do superego, que é a parcela que comporta as instâncias ideais, herdeira do complexo de Édipo e que, sob determinadas condições, pode se tornar pura cultura da pulsão de morte.

Um fator que merece ser sublinhado é que essa nova divisão não aponta para o sepultamento definitivo da primeira tópica, uma vez que seus principais pontos continuam válidos. Freud (1923) afirma que a característica de um determinado processo mental ser consciente ou inconsciente é, em última instância, o principal farol que guia a investigação sobre as profundezas do psiquismo. Conforme propõe Garcia-Roza (2009), a proposição da segunda tópica trata-se mais de um deslocamento temático em relação à primeira do que propriamente uma substituição.

Como estratégia de exposição das contribuições do narcisismo, o terceiro capítulo irá abordar inicialmente como ele modificou a noção de ego em psicanálise.

Para tanto, será apresentada uma investigação histórica desse conceito, privilegiando: a) as suas elaborações pré-psicanalíticas, b) as suas características na primeira tópica, c) as alterações impostas pelo narcisismo e d) sua reelaboração no texto *O ego e o id*. O que se nota é que até a publicação da obra de 1923, o ego era compreendido como estreitamente ligado aos sistemas Pré-consciente e Consciente, além de ser apresentado prioritariamente como uma instância recalante. Esse cenário só mudou devido ao conceito de narcisismo que progressivamente evidenciou que ele possui dimensões inconscientes, ou seja, comporta as mesmas características do recalado.

Em um segundo momento será analisado o conceito de superego. Várias de suas características e funções são frutos diretos do conceito de narcisismo, como, por exemplo, o fato dele comportar aquilo que Freud chamou de “ego ideal” e “ideal do ego”. Também será sublinhado como o narcisismo contribui para o seu modo de funcionamento, fazendo que ele possa se tornar veículo da pulsão de morte.

Na conclusão retomaremos a tese que guiou todo o esforço investigativo desta dissertação, a saber, que o desenvolvimento do conceito de narcisismo foi uma articulação imprescindível para a passagem da primeira para a segunda teoria do aparelho psíquico. Buscamos, assim, oferecer uma resposta que seja síntese do que foi anteriormente elaborado nos capítulos.

METODOLOGIA

Esta dissertação consiste em uma pesquisa teórico-conceitual sobre certos aspectos fundamentais da teoria freudiana. Ao se realizar uma pesquisa em psicanálise é necessário considerar algumas especificidades inerentes a este campo. Conforme aponta Mezan (1993) “a pesquisa em psicanálise desdobra-se [...] em duas vertentes: a que investiga a história das ideias psicanalíticas e a que investiga os processos psíquicos propriamente ditos” (p.96-97). Evidentemente que estes dois campos não estão totalmente estanques, afinal a construção de um corpo teórico psicanalítico é diretamente tributário das investigações clínicas, por outro lado, a prática clínica também é enriquecida e problematizada pela consideração das questões de cunho teórico-epistemológico. O tipo de investigação realizada ao longo deste trabalho está ligada prioritariamente ao primeiro campo delineado por Mezan. Buscamos aqui acompanhar como ocorre o desenvolvimento e a transformação de certas ideias e conceitos dentro da obra de Freud.

A proposta de se executar uma investigação de algumas articulações teóricas da psicanálise já assinala quais são os procedimentos metodológicos mais profícuos a serem adotados. Isso se deve ao fato de que “o objeto de estudo requer que se descubra qual a metodologia adequada para estudá-lo” (MIGLIAVACCA, 2001), o que significa que, no presente caso, o tipo de pesquisa adotada foi a do tipo bibliográfico.

Köche propõe que pesquisa bibliográfica objetiva “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa” (Köche, 2010, p.122). Vale considerar que essa alternativa pode se apresentar de diversas maneiras, tais como determinação do estado da arte, revisão de pesquisa empírica ou ainda como revisão histórica. Em relação a esse último tipo, Luna estabelece que elas buscam “a recuperação da evolução de um conceito, área, tema, etc. e a inserção dessa evolução dentro de um quadro de referência que explique os fatores determinantes e as implicações das mudanças (LUNA, 2011, p.86). Dessa forma podemos caracterizar o trabalho desta dissertação como uma pesquisa teórico-conceitual de caráter bibliográfico e que visa uma revisão histórica de certos elementos da teoria freudiana.

O problema investigado ao longo deste trabalho é: como o desenvolvimento do conceito de narcisismo impactou a elaboração do segundo modelo de aparelho psíquico?. Essa opção está ligada ao fato de que os modelos de aparelho psíquico sintetizam uma série de determinações que tem implicações profundas na prática clínica e na teoria. A passagem da primeira para a segunda tópica representa uma alteração de grande envergadura, na qual um modelo mecânico deu lugar para uma proposta antropomórfica (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994), permitindo assim uma ampla alteração da psicanálise.

Esse avanço teórico se deve a vários elementos e analisar globalmente todos os fatores responsáveis por essa mudança ultrapassa os limites deste trabalho. Seria impossível, por exemplo, analisar simultaneamente toda a história do conceito de pulsão, das análises empreendidas por Freud, das transformações da noção de ego, da ideia de defesa em psicanálise, para apenas ficarmos com alguns pontos. Diante dessa impossibilidade é necessário realizar um recorte.

Do ponto de vista do método, o objeto a ser eleito é aquele que consegue sintetizar o maior número de determinações. Isso significa que a mediação escolhida para explicitar a modificação dos modelos de aparelho psíquico deve ser aquela que possui o caráter mais fundamental. A partir da leitura e análise de autores como Mezan (1998), Monzani (1988), Green (1989), Birman (1997), Laplanche (1992), Garcia-Roza (2001), Costa (2003), é possível afirmar que o narcisismo é um elemento central para desvelar essa transformação no pensamento freudiano.

Todavia, é necessário considerar que o narcisismo é um conceito plural, que ao longo de quase três décadas de desenvolvimento apresentou várias acepções e se relacionou com problemáticas que por muitas vezes são distantes entre si. Miguez (2007) chegou a propor a pluralização do termo por compreender que o conjunto de fenômenos agrupado sob a palavra narcisismo nem sempre dizem respeito a mesma coisa.

Da mesma maneira como metodologicamente não se optou anteriormente por analisar todas as implicações envolvidas na passagem da primeira para a segunda tópica, também na análise da história do narcisismo não se tentará uma abordagem de todas as discussões acerca desse fenômeno na obra de Freud. Concordamos com Green (1989) quando aponta para uma impossibilidade de uma síntese definitiva das várias acepções a respeito do narcisismo existente na obra de Freud.

A investigação histórica do conceito de narcisismo não significa buscar uma recuperação linear e cronológica do termo na obra de Freud. Antes disso, aponta para a necessidade de entender quais foram os aspectos desse conceito que se fizeram presentes no momento da formalização da segunda tópica. Essa condição acaba por sinalizar dois recortes fundamentais.

O primeiro é que os textos sobre o narcisismo a serem analisados são aqueles que foram publicados entre 1910, momento da primeira aparição do conceito, até 1923, por ocasião da apresentação da segunda teoria do aparelho psíquico. Ainda que seja possível rastrear aparições do narcisismo até 1938 no *Esboço de psicanálise*, a presente dissertação não irá abordar os textos publicados após *O ego e o id*.

O segundo é que os textos a serem apresentados entre 1910 e 1923 são aqueles que se presentificam na segunda tópica. As obras foram escolhidas após a leitura dos escritos de Freud e de comentadores, em especial Garcia-Roza (2001), Miguelez (2007), Laplanche (1992), Laplanche; Pontalis (1994). Esse estudo apontou para a eleição de sete obras centrais para a discussão, são elas: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910a/1996), *Notas psicanalíticas de um relato autobiográfico de paranóia (dementia paranóide)* (1911a/1996), *Totem e tabu* (1913/1996), *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996), *Luto e melancolia* (1917a/1996) e *Psicologia das massas e análise do ego* (1920/1996).

Esses textos foram adotados como sendo aqueles que melhor sintetizam o percurso do conceito na teoria freudiana, o que não significa que serão os únicos a serem abordados. Os demais escritos de Freud também serão trabalhados na medida em que auxiliem, complementem ou contrastem com o grupo de texto inicialmente delimitado.

Freud é tomado aqui como fonte primária de investigação, o que significa dizer que este trabalho tentará ao máximo utilizá-lo para a exposição dos problemas e para construir as possíveis soluções. Os comentadores do pensamento freudiano possuem uma posição secundária, e emergem apenas quando contribuem para esclarecer o campo investigado ou quando oferecem algumas respostas para as questões que ficaram irresolutas no próprio Freud.

Ao final da investigação, espera-se que esta dissertação seja capaz de oferecer compreensão mais ampla sobre alguns motivos centrais que levaram a proposição da segunda teoria do aparelho psíquico

Diante de uma certa flutuação nos termos utilizados é necessário uma pequena nota de esclarecimento. Inicialmente gostaríamos de sublinhar que a tradução utilizada foi a *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, da editora Imago, preservando a nomenclatura original em todas as citações literais. Todavia, preferimos substituir alguns termos ao longo do restante do texto, adotando pulsão ao invés de instinto, assim como recalque ao invés de repressão.

Também foi mantida a nomenclatura latina Id, Ego e Superego, exceto nas citações literais de comentadores que escolheram utilizar os termos Isso, Eu e Supereu.

Capítulo 1

Interpretação dos sonhos e a proposição da primeira tópica.

A interpretação dos sonhos (1900) é uma obra central da psicanálise e impactou de maneira ímpar o conhecimento moderno. Essa posição privilegiada foi inclusive sublinhada por Freud, que mesmo após três décadas da publicação da *Traumdeutung* concebia que esse texto

contém, mesmo de acordo com o meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida (FREUD, 1900/1996, p.38).

Não deixa de ser curioso que o autor de outros escritos fundamentais como *Mal estar na civilização* (1929), *Futuro de uma ilusão* (1929), *O ego e o id* (1923), *Além do princípio do prazer* (1920), *Totem e tabu* (1913), para dizermos apenas alguns exemplos, confira à *Interpretação dos sonhos* um papel tão privilegiado.

Possivelmente essa condição está ligada ao fato de que a *Traumdeutung* possui uma característica inaugural. Ela é a primeira obra indiscutivelmente psicanalítica e representa o esforço radical de Freud para a configuração de um novo campo do saber. Esse texto é o pórtico real da psicanálise e contém alguns pontos que, se não são indiscutivelmente rupturas plenas, afirmam-se ao menos como momentos de amplas modificações.

Faz parte desse cenário o progressivo afastamento das referências neurológicas e biológicas, que a partir da *Interpretação dos sonhos* deixam de ser o campo privilegiado da reflexão freudiana. Cada vez mais é a vida psíquica, nas suas mais diversas formas de manifestação, que ocupa o lugar de destaque. Isso não significa, contudo, que a biologia esteja a partir de então permanentemente descartada; ela ainda integra o projeto freudiano, mesmo que seja de uma maneira diferente daquela notada nos textos pré-1900. Conforme esclarece Costa (2006) “Freud nunca eliminou de suas considerações as variáveis orgânicas, mantendo-as sempre como um elemento que faz parte da constituição da realidade psíquica” (p.23).

Também deve ser lembrada uma alteração no método que orienta a investigação. Em textos como *Projeto para uma psicologia científica* (1895b) ou ainda em *Interpretação das afasias* (1891) é clara a utilização de uma linguagem vinculada às ciências naturais e um método pautado na *explicação*. Essa situação se altera na *Traumdeutung* uma vez que a partir de então nota-se um acento em um método *interpretativo* e uma linguagem cada vez mais solidária ao esforço hermenêutico. Outra vez a afirmação de uma ruptura radical é problemática; afinal, mesmo nos textos pré-1900 já era possível constatar a presença, ainda que tímida, do método interpretativo, bem como o fato de que nas obras publicadas após a *Interpretação dos sonhos* o esforço explicativo também não se encontra totalmente ausente.

Mudança na continuidade e continuidade na mudança, essa articulação sublinha que Freud avançava teoricamente abandonando vários elementos, ao mesmo tempo em que conservava algo de fundamental. Se considerarmos a *Interpretação dos sonhos* como pórtico da psicanálise, também é necessário lembrar que antes de chegar a esse ponto existiu uma longa estrada prévia.

1.1 A Interpretação dos sonhos-1900

A *Interpretação dos sonhos* contém a formalização do aparelho psíquico ligado à primeira tópica. Já se tornou célebre a referência ao Capítulo VII dessa obra devido a sua exposição do modelo constituído pelos sistemas *Inconsciente*, *Pré-consciente* e *Consciente*. A proposição desse modelo emerge como uma exigência lógica de todo o trabalho de interpretação exposto nos capítulos anteriores. A progressiva universalização de uma teoria sobre os sonhos conduziu para uma discussão metapsicológica, de modo que a proposição da primeira tópica, e o aparelho psíquico a ela relacionado, estão organicamente vinculados com o restante da obra. Assim, para investigarmos esse objeto é necessário acompanharmos algumas construções fundamentais elaboradas ao longo das mais de 600 páginas da *Traumdeutung*.

A atividade interpretativa não é um fator exclusivo do pensamento freudiano. Trata-se na verdade de uma ação muito antiga que pode ser encontrada, por

exemplo, entre os gregos. Eles também buscavam interpretar, muitas vezes relacionando essa atividade com a dimensão religiosa. Assim, se interpretava as entranhas de uma ave, os voos dos pássaros, os sinais do céu (MEZAN, 2002).

Com o tempo essa arte interpretativa se deslocou do plano religioso e começou a ocupar também o plano intelectual. As diversas transcrições de livros iam progressivamente acumulando erros, que eram minimizados pela interpretação. Existia uma busca pelo sentido original de determinado conhecimento, denominada pelos gregos de *hermeneutiké*, fazendo referência ao deus Hermes, uma vez que esse deus era o incumbido de levar informações entre dois pontos geográficos distintos. Seria ele responsável pela passagem, pelo trânsito, ideia essa que foi transposta para a viagem que visa a busca de sentido. Desse modo:

A *hermeneutiké* é assim uma arte do trânsito e do vínculo entre pontos distantes, quer sejam geográficos ou semânticos. Na acepção mais restrita, ela é uma arte da tradução, da recuperação ou da preservação do sentido (MEZAN, 2002, p.176).

No campo dos sonhos também se notava a tentativa de extração de sentidos. A busca por um significado não imediatamente disponível esteve presente em diversos momentos da cultura. Freud sublinha a existência de dois métodos mais usuais dessa tarefa. O primeiro seria a interpretação “simbólica”, que consiste na consideração “do conteúdo do sonho como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo que seja inteligível e, em certos aspectos, análogo ao original” (FREUD, 1900/1996, p.132) Seria exemplo dessa alternativa a passagem bíblica do sonho das sete vacas magras devorando sete vacas gordas que denotaria sete anos de abundância seguidos de sete anos de fome. O segundo método pode ser denominado de “decifração” e consistia em tratar “os sonhos como uma espécie de criptografia em que cada signo pode ser traduzido por outro signo de significado conhecido, de acordo com o código fixo” (p.132). Para essa alternativa seria possível então a construção de um livro dos símbolos, com significados pré-estabelecidos.

A esses dois tipos de métodos interpretativos, Freud contrapõe um terceiro que se pautaria por uma abordagem racional dos sonhos, definido por ele como método científico. A ciência contemporânea a Freud também se ocupava dos sonhos, mas geralmente os encarava como mero reflexo de atividades fisiológicas, ou como um objeto de estudo menor dada a sua vinculação com o saber popular ou

o misticismo. A busca de sentido nunca esteve em seu horizonte investigativo, pois “ao reduzir o fenômeno onírico a um processo somático, as teorias científicas dos sonhos não dão margem a nenhum problema com a interpretação dos mesmos” (FREUD, 1900/1996, p.131). A psicanálise, todavia, concebe que os sonhos não somente têm um sentido, mas também que é possível interpretá-los de um ponto de vista racional.

Interpreta-se algo porque algumas dimensões do sentido não estão imediatamente disponíveis. Essa ação justifica-se somente se há algo para ser *descoberto*. Essa intuição também se aplica no caso dos sonhos e a explicação oferecida por Freud é ao mesmo tempo inédita e absolutamente fértil para todo o desenvolvimento da psicanálise. Para esse autor, o conteúdo dos sonhos não emerge de maneira direta porque está sob ação de resistências.

Por conta disso, Freud pode afirmar que existe um conflito psíquico, o que acarreta uma compreensão da vida anímica como essencialmente dividida. É na tentativa de explicar esse quadro que são formuladas hipóteses sobre o tipo de trabalho que se executa no sonho e de como esse cenário permite a elaboração de um modelo de aparelho psíquico.

No final do capítulo II da *Interpretação dos sonhos*, Freud propõe que “quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo” (FREUD, 1900/1996, p.155). Essa asserção é a grande linha de pensamento que irá guiar o restante da obra. Mezan estabelece que tal afirmação é o eixo fundamental da argumentação da *Traumdeutung* e que na tentativa de sua resolução “faz mais do que elucidar os enigmas do sonho: lança as bases de toda a armação conceitual da psicanálise” (MEZAN, 1998, p.16). A afirmação freudiana irá de modo espiralado, para utilizarmos a metáfora de Monzani (1988), ser repetida várias vezes nessa obra: ela emerge recorrentemente, com um crescente grau de complexificação, visto que a cada retomada integra os novos conhecimentos conquistados pela pesquisa.

É interessante acompanhar a maneira como Freud constrói uma rede de exemplos e explicações para validar essa afirmação. Há um caráter progressivo na sua exposição. A proposição de que o sonho é a realização de um desejo inicialmente está circunscrita a um caso particular, relacionado ao autor: o sonho de Irma. Posteriormente isso é ampliado para as ocasiões nas quais muito comumente a relação entre sonho e desejo pode ser percebida quase sem distorções, ou seja,

nos sonhos de crianças. Em um terceiro momento a validade dessa proposta é estendida inclusive aos sonhos nos quais o trabalho de censura modificou amplamente o material onírico e não permitem uma constatação imediata da sua relação com a satisfação de desejo. Por último, também são considerados aqueles sonhos que parecem estar em absoluta oposição a alguma satisfação, como os sonhos de angústia, que para Freud não contrariam sua hipótese, pois ainda podem ser a satisfação do desejo de expiação de culpa (FREUD, 1900/1996).

Ao percorrer esse trajeto fica explícita a existência de um desejo originário que não pode se expressar de maneira direta. Nesses casos existe a ação de uma distorção que altera o texto onírico primário. Discutindo sobre esse quadro Garcia-Roza (2009) estabelece que

o sentido do sonho não é imediatamente acessível nem ao sonhador, nem ao intérprete. A razão disso reside no fato de o sonho ser sempre uma forma disfarçada de realização de desejo e que nessa medida incide sobre ele uma censura cuja o efeito é a deformação onírica (p.63).

Essa constatação reconfirma que a vida psíquica é estruturalmente conflituosa. Por conta disso Freud propõe que:

os sonhos recebem sua forma em cada ser humano mediante a ação de duas forças psíquicas (ou podemos descrevê-las como correntes ou sistemas) e que uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do desejo (FREUD, 1900/1996, p.178).

Assim, ao final do capítulo IV, que tem por título *A distorção dos sonhos*, é proposta uma primeira ampliação do eixo central da obra. A afirmação original feita pelo autor pode ser reescrita agora como “o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalçado)” (FREUD, 1900/1996, p.193).

Ao nos determos nessa nova formulação, dois fatores parecem exigir um maior detalhamento. O primeiro deles é o que seria o *desejo* e o segundo, o que se entende por *realização disfarçada*. Em relação ao primeiro tópico cabe observar que os sonhos podem comportar uma multiplicidade de opções de satisfação de desejos. Eles podem vir de diversas camadas mentais, o que posteriormente será organizado em termos de sistemas.

Inicialmente existem aqueles sonhos que aparecem quase diretamente, onde o trabalho de distorção não foi operado ainda. Seriam exemplos dessa classe os sonhos que se originam das questões cotidianas, que em algum momento ocuparam a consciência do sonhador, ou ainda os sonhos infantis que emergem de maneira quase direta.

Em uma segunda possibilidade poderíamos incluir os sonhos nos quais o desejo aparece relacionado com um fator que não estava imediatamente na mente do sujeito, mas que em si aparentemente não comporta nada de conflituoso. Esse seria o caso de um desejo provindo do pré-consciente. Também estão incluídas nessa classe as produções oníricas que visam manter o sujeito dormindo, afinal, para Freud o sonho é o guardião do sono.

Por fim existiriam aqueles sonhos que são amplamente deformados, devido à ação da censura. Nessas situações estaríamos diante de desejos inconscientes, que para Freud são relacionados à satisfação de um desejo sexual infantil.

Existe assim uma topologia da origem dos desejos; os vários sistemas podem contribuir de diferentes maneiras para a produção onírica. Mezan, analisando essa condição, propõe que “desta topologia de desejos, Freud deduz que apenas o desejo inconsciente possui força bastante para suscitar um sonho” (MEZAN, 1998, p.17), ainda que para isso precise se apoiar em elementos conscientes ou pré-conscientes para atravessar a censura.

Cabe observar que essa divisão esquemática não deve ser tomada de modo maniqueísta, visto que é da natureza do sonho ser sobredeterminado, organizado por camadas e satisfazer simultaneamente vários desejos. Os desejos provindos do inconsciente podem encontrar sua satisfação ao se associarem a outros desejos não condenados pela censura

Percebe-se então, em uma primeira etapa da análise, o caráter determinante dos desejos inconscientes. O que o prosseguimento da leitura da *Traumdeutung* vai revelar é que inclusive esses desejos, nas suas mais diversas formas de manifestações, possuem uma característica comum.

Uma primeira indicação desse quadro se relaciona com a atemporalidade do inconsciente, afinal nele não existe nada que é encerrado, que é relegado a um passado que não possa voltar, ou que seja simplesmente esquecido (FREUD, 1900/1996). Isso encaminha para a conclusão de que as mesmas forças que estavam em ação nas pessoas quando elas eram crianças continuam a existir. Os

desejos infantis integram as causas mais profundas das diversas produções do sujeito: sintomas, atos falhos, chistes e, como não poderia deixar de ser, os sonhos. É nesse sentido que COSTA (2006) estabelece que Freud “propõe a indestrutibilidade do desejo infantil, mantido intacto no inconsciente, afirmando que dele nada se apaga completamente. O que se registra uma vez permanece sempre em condições de ser reativado” (p.10).

Logicamente esse fator não emerge de maneira imediata. Na verdade essa condição só pode ser percebida através de um esforço analítico, dadas as diversas distorções postas pela censura. Dessa maneira é que se pode compreender que “de modo geral, a cena da infância só é representada no conteúdo manifesto do sonho por uma alusão, e ela se tem de chegar por uma interpretação dos sonhos” (FREUD, 1900/1996, p.228).

A radicalidade do pensamento freudiano não se restringe a propor que a origem infantil está presente em alguns sonhos, mas sim que ela é o fator causador de todos os sonhos. É bem verdade que outros desejos também podem ser satisfeitos de maneira concomitante nas produções oníricas, porém o fator central são as experiências primitivas. Por isso tornou-se possível afirmar que “o desejo que é representado num sonho tem de ser um desejo infantil” (FREUD, 1900/1996, p.583).

A censura recai sobre esses sonhos não só por eles serem infantis, mas também por resguardarem algo de inconfessável para a consciência. O desejo em questão é justamente aquele que possui caráter sexual e está vinculado à cena edípica. Dessa forma, a asserção central da *Interpretação dos sonhos* pode agora ser anunciada como: o sonho é a realização (disfarçada) de desejos (infantis de cunho sexual).

Após o esclarecimento sobre o que se entende por desejo, cabe agora analisar o que seria a *realização disfarçada*. Esse tópico nos remete diretamente para o trabalho executado pelos sonhos e tal investigação expõe a proximidade desse objeto com a linguagem.

O sonho seria composto por duas manifestações diferentes: os pensamentos oníricos e o conteúdo dos sonhos, ou simplesmente de conteúdo latente e manifesto. Essa divisão é fundamental, já que a investigação psicanalítica confere especial atenção ao conteúdo latente, pois ele resguarda o sentido do sonho e

denuncia o desejo do sujeito. Essas duas facetas do sonho são definidas por Freud da seguinte maneira:

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornaram-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimentos deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm de ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos dos sonhos (FREUD, 1900/1996, p.303).

Os sonhos se organizam no interior do aparelho psíquico para construir uma espécie de texto, no qual diversas associações e arranjos do conteúdo latente exigem uma tradução. O desejo ligado aos pensamentos oníricos só pode emergir no sonho manifesto se puder ser simbolizado e isso comumente é feito por meio de uma representação pictoricamente concreta ou de uma forma verbal (FREUD, 1900/1996). Isso permite afirmar que uma das maneiras de se compreender o sonho é como uma sucessão de imagens que denotam desejos inconscientes. Cabe observar que a ideia de um aparelho psíquico que funciona como um aparelho de linguagem não é inaugurada pela *Interpretação dos sonhos*, afinal, construções semelhantes são encontradas em textos como *Sobre as afasias*, escrito em 1891, o que permite a delimitação de uma proximidade entre as duas produções.

Embora o desejo possa ser simbolizado, isso não quer dizer que ele denuncia de imediato a sua existência. Isso apenas significa que o estado de pura excitação no interior do aparelho psíquico pode ganhar expressão e formar o conteúdo latente, que por sua vez, através do trabalho dos sonhos, pode aparecer então como conteúdo manifesto. A existência dessas duas formas é diretamente tributária da ação da censura. A impossibilidade de emergência imediata dos conteúdos inconscientes obriga o desejo a se expressar de maneiras alternativas, que tem por objetivo simultaneamente satisfazê-lo e torná-lo suficientemente irreconhecível a ponto de não constituir uma ameaça à continuidade do sono. Para esse fim dois meios são mais comumente empregados: a condensação e o deslocamento. O primeiro fator atua na modificação dos elementos pelos quais o conteúdo latente emerge, ao passo que o segundo atua na modificação da importância psíquica dos mesmos.

A condensação seria notada quando o conteúdo manifesto reúne várias cadeias associativas ligadas ao conteúdo latente, ou seja, quando várias expressões dos desejos inconscientes se presentificam no sonho que pode ser lembrado. Isso é um dos fatores responsáveis pelo fato de que “os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos” (FREUD, 1900/1996, p. 305). A condensação é um recurso especialmente útil por conseguir realizar vários desejos inconscientes e, justamente por isso, ser suficientemente irreconhecível a ponto de ser admitida pela censura. A sobreposição é responsável pela distorção onírica.

Ao lado da condensação Freud também salienta a existência do deslocamento como uma das manifestações do trabalho do sonho. Esse processo consiste no fato da centração do conteúdo não coincidir com a dos pensamentos oníricos (FREUD, 1900/1996). O que aparece como mais importante no sonho manifesto não é o que melhor representa o desejo inconsciente, tal elemento pode estar ligado a um aspecto marginal, aparentemente anódino do sonho. Essa condição é tratada de um modo radical por Freud a ponto de ele estabelecer que “o que é claramente a essência dos pensamentos do sonho não precisa, de modo algum, ser representado no sonho” (FREUD, 1900/1996, p.331). É por retirar a importância de determinados conteúdos manifestos que o desejo pode sub-repticiamente se expressar apesar da ação da censura.

Cabe observar que tanto a condensação quanto o deslocamento não são fatores ligados exclusivamente à produção dos sonhos. Eles também atuam na formação dos chistes, dos atos falhos e dos sintomas, o que permite afirmar que esses dois mecanismos são característicos do trabalho do inconsciente como um todo.

Ao retomarmos a asserção inicial do sonho como realização do desejo, podemos notar que ela progressivamente foi se ampliando, seja no grau de universalização, passando do caso isolado do sonho de Irma para todas as produções oníricas, seja nos mecanismos psíquicos evocados: de uma simples “satisfação de desejos” para uma “realização disfarçada por meio da condensação e deslocamento de desejos infantis de cunho sexual”. O grau de ampliação das cadeias teóricas vai paulatinamente se dirigindo para uma formulação sobre o que é esse aparelho psíquico que sonha e quais são as suas características. A reflexão metapsicológica que é elaborada ao final da *Interpretação dos sonhos* emerge como

consequência lógica da estrutura interna do trabalho, ainda que tenha algumas diferenças no modo de sua exposição.

1.2 Da clínica para a metapsicologia

O final da *Traumdeutung* é dedicado à exposição sistematizada dos conhecimentos obtidos via investigação clínica. É notável a diferença do método de exposição empregado no capítulo VII quando comparado com o restante da obra. Se nos seis capítulos precedentes Freud executava um trabalho de exegese das produções oníricas, investigadas por meio de sua ação clínica, na última parte da *Interpretação dos sonhos* ele passa a detalhar sistematicamente as características desse aparelho que sonha. A hermenêutica passa a ocupar um lugar de menor destaque em relação à explicação, afinal não se trata mais de descobrir um sentido oculto por trás dos sonhos, mas descrever o funcionamento dessa máquina que sonha.

Tais diferenças, todavia, não apontam para uma cisão entre as duas partes da obra. Não se trata de dois momentos epistemológicos distintos: o primeiro composto pelos capítulos iniciais, já indiscutivelmente psicanalíticos, e o segundo composto pelo capítulo VII, onde a linguagem positivista e o mecanicismo existiriam apartados das demais reflexões.

Ao refletirmos sobre o conjunto da obra, considerando o método de exposição que já vinha sendo adotada nos capítulos precedentes, é possível afirmar que a parte final, que se ocupa de uma reflexão metapsicológica de caráter mais explicativo, é o prosseguimento de um trabalho que já vinha se desenrolando. Portanto, o capítulo VII é a formalização de uma teoria dos sonhos que paulatinamente se ampliava e visava elucidar todos os fenômenos oníricos, o que atesta a inseparabilidade da díade hermenêutica e explicação.

Freud retoma no final do livro todos os pontos que foram precedentemente abordados, mas adotando um novo patamar de teorização. Isso se torna possível pela formulação de um aparelho psíquico, que se por um lado abre todo um novo cenário de compreensão sobre os sonhos, por outro, lança consideráveis desafios. Assim é plenamente cabível a advertência feita pelo autor, de que não estamos mais

diante de uma investigação que nos leve apenas para a clareza e ao esclarecimento.

É esse desconhecimento que o obriga a “formular hipóteses que toquem provisoriamente na estrutura do aparelho psíquico e no jogo de forças que nele atuam” (FREUD, 1900/1996, p.543). Esse esforço tem como ponto distintivo o fato de não mais se basear na neurologia ou na fisiologia. Assim, Freud explicita que desprezará

por completo o fato de que o aparelho anímico em que estamos aqui interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica. Permanecerei no campo psicológico e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo (FREUD, 1900/1996, p. 566-567).

Fica clara nessa passagem a mudança em relação aos aparelhos anteriores. Diferentemente do que era abordado no *Projeto...* ou no texto *Sobre as afasias*, trata-se agora de uma representação analógico-metafórica e não mais real. O que está em jogo não é mais encontrar a fundamentação estritamente biológica, mas de explicar as relações fixas e temporais dos processos psíquicos. Por isso o autor afirma que irá retratar

O aparelho psíquico como um instrumento composto a cujos componentes daremos o nome de “instâncias”, ou (em prol de uma clareza maior) “sistemas”. Pode-se prever, em seguida, que esses sistemas talvez mantenham entre si uma relação espacial constante, do mesmo modo que os vários sistemas de lente de um telescópio si dispõem uns atrás dos outros. A rigor, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos realmente se disponham numa ordem *espacial*. Bastaria que uma ordem fixa fosse estabelecida pelo fato de, num determinado processo psíquico, a excitação atravessar os sistemas numa dada sequência *temporal* (FREUD, 1900/1996, p.567).

Se por um lado o caráter inaugural da proposta presente na *Traumdeutung* fica evidente nesses trechos, por outro, também parece ser bem pertinente a afirmação feita por Ricoeur de que o capítulo VII é “incontestavelmente, o herdeiro do ‘Projeto’ de 1895. Não tendo sido esse ‘Projeto’ publicado pelo próprio Freud, podemos dizer que é em *A Interpretação dos sonhos* que ele se salva” (RICOEUR, 1977, p. 83).

A afirmação de Ricoeur fica especialmente clara ao atentarmos para o modo como o aparelho psíquico é apresentado. Segundo Freud (1900/1996), esse

aparelho tem um sentido determinado, uma vez que “toda atividade psíquica parte de estímulos (externos ou internos) e termina em inervações” (p.568). Esse quadro conduz para uma delimitação de suas primeiras características, pois permite afirmar que ele é composto por uma extremidade perceptiva e por uma parte motora.

Assim, é apresentado um primeiro modelo gráfico de como seria esse aparelho.

Figura 2- Aparelho psíquico



Fonte: Freud, 1900/1996, p.568

Normalmente os processos psíquicos transcorrem da extremidade perceptiva para a motora. É importante notar que essas elaborações também explicitam uma concepção fundamental desse aparelho psíquico, que será um dos fatores diferenciadores do modelo proposto em 1923 em *O ego e o id*. No modelo delineado na *Traumdeutung*, Freud defende que o “aparelho psíquico deve construir-se como aparelho reflexo. Os processos reflexos continuam a ser o modelo de todas as funções psíquicas” (FREUD, 1900/1996, p.568), ao passo que o modelo ligado à segunda tópica possuirá uma conotação mais dinâmica.

O prosseguimento da exposição do aparelho irá se basear em argumentos que denunciam a sua ligação com o *Projeto...*, uma vez que é proposto que percepção e memória não podem ser coincidentes, ou, nas palavras do autor, não seria coerente pensar “que um mesmo sistema possa reter fielmente as modificações de seus elementos e, apesar disso, permanecer perpetuamente aberto à recepção de novas oportunidades de modificação” (FREUD, 1900/1996, p.569).

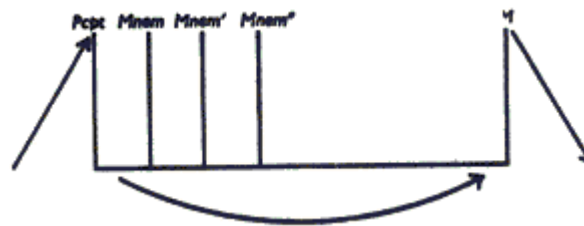
Isso autoriza a pensar que entre o sistema perceptivo e motor existiria um sistema *Mnêmico*, denominado pela sigla (*Mnem*). O conteúdo captado pela percepção constituiria a memória e no interior desse sistema poderia ser organizado por meio de *associações*. Para Freud,

a associação consistiria, assim, no fato de que, em decorrência de uma diminuição das resistências e do estabelecimento de vias de facilitação a excitação é mais prontamente transmitida de um primeiro elemento *Mnem* para um segundo do que para um terceiro (FREUD, 1900/1996, p. 569).

Nesse quadro o sistema *Mnem* é apresentado como complexo e possui diversos elementos. Um mesmo conteúdo perceptivo pode deixar vários registros diferentes. O trânsito desses dados no interior do sistema *Mnem*, bem como a probabilidade de relembrar algo seria dependente dos “graus de resistência de condução erguida contra a passagem de excitação” (FREUD, 1900/1996, p. 570).

Esse cenário fornece elementos para uma ampliação da representação gráfica do aparelho psíquico. Com essas novas elaborações, torna-se possível propor o seguinte esquema:

Figura 3- Aparelho psíquico



Fonte: Freud, 1900/1996, p.569

O sistema *Pcpt*, incapaz de reter memória, seria a instância que formaria a consciência (*Cs*), apontando a existência de uma absoluta correspondência, ou seja, $Pcpt=Cs$ (FREUD, 1900/1996). Tal afirmação expõe a radicalidade da psicanálise na história do conhecimento uma vez que consciência passa a ser “apenas (um) órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas” (FREUD, 1900/1996, p.640).

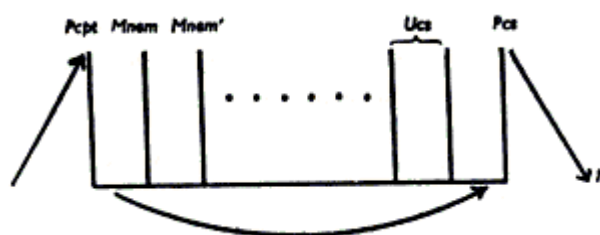
Durante a investigação clínica dos sonhos foi descoberta a existência de um conflito psíquico, que pode ser percebido pela impossibilidade de um reconhecimento imediato dos desejos que compõem o fenômeno onírico. Isso decorre da ação de censura posta por uma *Instância crítica*, que para Freud possui “uma relação mais estreita com a consciência do que a instância criticada, situando-se assim como uma tela entre esta última e a consciência” (FREUD, 1900/1996, p.571). Essa instância também seria responsável pela nossa vida em vigília, determinando nossas ações voluntárias e conscientes. Para tentar integrar essas

constatações ao aparelho psíquico se propõe um sistema *Pré-consciente*. Essa denominação não é aleatória e serve para indicar que os processos excitatórios que ocorrem no sistema podem passar para a consciência desde que uma certa cota de catexia, ou em outras palavras atenção, seja destinada para eles. Por ser responsável pelo movimento voluntário, o pré-consciente deve ser representado graficamente ligado à extremidade motora do aparelho.

A instância criticada, por sua vez, também constituiria um sistema, que é denominado de *Inconsciente*. Ele seria a fonte dos sonhos, ou seja, comportaria os desejos sexuais infantis. Tal como foi recorrentemente apresentado ao longo da *Interpretação dos sonhos*, o conteúdo inconsciente não pode ser diretamente reconhecido pelo sujeito; isso ocorre porque ele “não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente, ao passar pelo qual seu processo excitatório é obrigado a submeter-se à modificações” (FREUD, 1900/1996, p.571), o que permite identificar que é o Pré-consciente que deve ser relacionado ao trabalho dos sonhos.

Com essas novas elaborações o aparelho psíquico pode ser representado da seguinte forma:

Figura 4- Aparelho psíquico



Fonte: Freud, 1900/1996, p.571

Cabe observar que o modelo não representa o lugar ocupado pela consciência. Isso salienta a dificuldade de incluir esse sistema no esquema construído. Diante das descrições fornecidas por Freud é possível perceber que a consciência poderia ocupar as duas extremidades do aparelho, afinal é afirmado que a consciência coincide com o sistema Perceptivo (Pcpt), o que implicaria que ela deveria ser ligada à extremidade esquerda; porém, também foi estabelecido que ela seria o sistema posterior ao Pré-consciente, o que implicaria que ela deveria estar

no lado direito. Conforme sublinha Garcia-Roza (2001), esse desconforto para incluir a consciência nas representações do aparelho psíquico não surge na *Interpretação dos sonhos*, pois condição semelhante já era notada na *Carta 52* da correspondência de Freud com Fliess. Em ambos os casos não existe a explicitação do lugar ocupado pela consciência. Esse é um argumento importante para demonstrar a vinculação entre esses dois modelos de aparelho psíquico, ligação que fica ainda mais ressaltada se lembrarmos que os termos utilizados para nomear os sistemas são os mesmos (*Inconsciente, Pré-consciente, Consciente*).

Além dos aspectos estruturais, a *Traumdeutung* também define a organização econômica do aparelho psíquico. Existe um processo basilar que define o seu modo de funcionamento, denominado de *princípio da constância*, que é basicamente o esforço do aparelho de ser livre de estímulos o máximo possível, construção essa já tematizada no seu *Projeto...* Tal tendência seria responsável pelo fato dele seguir “o projeto de um aparelho reflexo, de modo que qualquer excitação sensorial que incidisse nele podia ser prontamente descarregada por uma via motora” (FREUD, 1900/1996, p.594).

O princípio da constância, aliado à representação estrutural do aparelho são elaborações metapsicológicas que tornam possível conceituar o que é o desejo. Em um primeiro momento, no caso de um bebê, os estímulos incidem sob a forma de *necessidade*, como por exemplo, a fome, e essa, ao ser eliminada via nutrição, forma um conteúdo de memória. Após esse momento fundante, toda vez que essa necessidade específica estimular o aparelho psíquico

surgirá de imediato uma moção psíquica que procurará recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Uma moção dessa espécie é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto para essa realização é a via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo para uma completa catexia da percepção (FREUD, 1900/1996, p.595).

Esse trecho denuncia dois pontos importantes que merecem ser sublinhados. O primeiro é a vinculação do desejo com a memória, o que expõe o caráter central dos elementos mnêmicos para a construção do aparelho psíquico. O segundo fator está ligado a uma explicitação de certos mecanismos que atuam no psiquismo primitivo, pois inicialmente a recuperação mnêmica da experiência de satisfação não constitui apenas o desejo, mas é em si uma satisfação alucinatória. O que significa

que “o primeiro desejar parece ter consistido numa catexização alucinatória da lembrança de satisfação” (FREUD, 1900/1996, p.625).

Cabe observar que esse modo de organização não diz respeito apenas ao bebê, mas é a expressão típica do funcionamento do sistema inconsciente, uma vez que nele as expressões psíquicas são reguladas por processos primários. Essa propensão à satisfação imediata do desejo se deve ao *princípio de desprazer*, nomeado em obras posteriores de princípio do prazer, que consiste na busca de prazer para a redução do nível de excitação no aparelho psíquico. Tal quadro só é possível porque o inconsciente está orientado para que a descarga das quantidades de excitação ocorra livremente, ou seja, tenda a realizar total e imediatamente o desejo (FREUD, 1900/1996).

A coincidência primitiva entre o desejo e sua satisfação não é plenamente eficaz para o rebaixamento do nível de tensão existente proveniente do estado de necessidade. Retornando ao exemplo da nutrição, poderíamos dizer que a alucinação de estar sendo alimentado não significa, no limite, que a fome irá acabar. Essa situação obriga o aparelho psíquico a se organizar de outro modo, baseando-se em processos secundários, que consistem em um segundo modo de funcionamento visando a redução do nível de tensão, levando em conta a existência da realidade externa. Esse modo de organização psíquica rege os sistemas pré-consciente e consciente.

O processo secundário é uma modificação do processo primário, o que geneticamente significa que ele surgiu em uma etapa posterior. A primeira alteração consiste na tentativa de gastar a energia de uma maneira mais eficaz e para isso ocorrer é “necessário deter a regressão, para que não vá além da imagem mnêmica” (FREUD, 1900/1996, p.595), para que ela não termine em uma alucinação. Essa alternativa conduziria uma busca pela consideração da realidade externa para a satisfação do desejo. Assim, o processo secundário deve ser capaz de distinguir o que é uma satisfação alucinatória e uma que provém do mundo exterior, o que significa que uma de suas funções é o teste de realidade.

No que tange ao modo de administração de energia, também existe uma diferenciação em relação ao processo primário. Ao vincular a satisfação à elementos existentes na realidade externa, torna-se impossível que a satisfação sempre ocorra de modo imediato, pois o objeto de desejo pode estar temporariamente indisponível ou demandar algum esforço para sua obtenção. Isso faz com que no processo

secundário a energia não seja livre e imediatamente descarregada, mas transformada em uma catexia quiescente (FREUD, 1900/ 1996). Diferentemente dos estados primitivos ou inconscientes, com o processo secundário torna-se possível um adiamento do prazer.

1.3 Desdobramentos clínicos e teóricos da primeira tópica

O modelo de clínica

A proposição da primeira tópica na *Traumdeutung* impactou fortemente a psicanálise, seja no campo teórico ou no clínico. Apesar do modelo proposto em 1900 ser tributário das reflexões anteriores, é inegável que a análise do inconsciente ganhou mais profundidade e rigor somente quando o aparelho elaborado pôde ser adjetivado como psíquico.

Uma de suas características fundamentais é ser em grande parte um mecanismo de memória. Essa afirmação pode ser apreciada a partir de diversos pontos. No aspecto estrutural, podemos dizer que a consciência é o sistema que não possui memória alguma; o pré-consciente seria aquele que possui elementos mnêmicos que podem ser recuperados diretamente por um aumento voluntário de catexia; e o inconsciente seria o sistema que não permitiria uma recuperação direta da memória a não ser por um esforço analítico. No que diz respeito à definição do que é o desejo para a psicanálise, fica claro que ele é tributário da recuperação mnêmica de uma experiência de satisfação de necessidade. Referente aos dois processos mentais, primários e secundários, é possível afirmar que eles também se diferenciam pela possibilidade de recorrer à memória para a satisfação alucinatória do desejo, ou pela recusa dessa via, se direcionando para a realidade.

Essa característica teve importantes repercussões na investigação psicanalítica. É possível se falar de um tipo específico de racionalidade clínica ligada ao aparelho psíquico adotado a partir de 1900. Em condições ideais, a psicanálise visaria a recuperação do material mnêmico impossibilitado de ascender à consciência por conta da censura. Sobre o objetivo do tratamento analítico é afirmado que “descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória;

dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão” (FREUD, 1914/1996, p.163).

Conforme é sublinhado na *Interpretação dos sonhos* e abordado mais profundamente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), o material esquecido diz respeito, em última análise, à sexualidade infantil, ainda que outros conteúdos possam estar vinculados a esses. Prova disso seria a existência da *amnésia infantil*, que consiste no esquecimento sistemático, por conta do recalque, dos primeiros anos de infância, momento em que o jogo edípico adquire seus contornos.

A importância desse fenômeno vai além do fato de que a amnésia infantil incide em todos os neuróticos, mas também que serve como modelo para algumas outras expressões da estrutura histórica, uma vez que

ligar a amnésia infantil à histórica é mais do que um mero jogo de palavras. A amnésia histórica, que está a serviço do recalque, só é explicável pela circunstância de que o indivíduo já possui um acervo de traços anêmicos que deixaram de estar à disposição da consciência e que agora, através de uma ligação associativa, apoderam-se daquilo sobre o que atuam as forças repulsoras do recalque. Pode-se dizer que sem a amnésia infantil não haveria amnésia histórica (FREUD, 1905/1996, p.165).

Desse modo é possível concluirmos que o aparelho psíquico proposto na *Traumdeutung* é solidário com um modelo de clínica que em grande parte visava a recuperação de elementos mnêmicos que permaneciam inconscientes por conta da ação do recalque.

O mecanicismo

É inegável que a psicanálise, de modo inaugural, tomou o sujeito como seu objeto privilegiado. Essa opção foi mantida de modo radical, uma vez que os elementos investigados são justamente aqueles que profundamente formam o homem, ou seja, a vida psíquica. Tal percurso fez com que a psicanálise ocupasse um lugar destacado na história do conhecimento, ao mesmo tempo em que descentrou o homem de si mesmo, demonstrando a insuficiência da consciência para a definição do sujeito. Depois de Freud, o homem passa a ser aquilo que ele não sabe o que é.

Não obstante, uma das características mais notáveis do aparelho de 1900 é seu forte apelo mecanicista. A linguagem utilizada se apoia largamente nesse tipo de perspectiva e são abundantes as referências a uma certa *engenharia psíquica*. Aos observarmos as metáforas utilizadas, essa vinculação fica explícita, já que é proposto que o aparelho psíquico pode ser entendido como um mecanismo ótico, tal como um microscópio ou um telescópio (FREUD, 1900/1996). Isso se torna relevante ao observarmos que na proposta construída em *O ego e o id* existe um contraste, pois o mecanicismo dá lugar ao antropomorfismo na formalização dos sistemas.

Essa condição se deve a alguns fatores. Inicialmente, cabe uma vez mais sublinhar a proximidade da *Traumdeutung* com os escritos anteriores, principalmente com os textos *Sobre as afasias* e o *Projeto...*, nos quais a base fisiológica era compatível com uma visão mecanicista. A diferença entre esses dois grupos de texto é que a máquina biológica dá lugar à máquina psíquica.

Além disso, também pode ser destacado que justamente por sustentar uma concepção absolutamente nova sobre o que é o homem, a psicanálise evitou sobrepor suas construções aos termos usualmente adotados na filosofia. A reflexão metapsicológica envolvida na elaboração do aparelho psíquico “recorre a formulações mecânicas porque seu objetivo é descrever processos que escapam à alçada do sujeito entendido como consciência de si” (MEZAN, 1998, p.355), diferenciando esse tipo de pensamento dos sistemas anteriores existentes na história do conhecimento. É desse modo que se torna possível entender que “o propósito da reflexão metapsicológica é *expurgar da psicologia a noção de sujeito*, como corolário da afirmação de que o verdadeiramente psíquico é o inconsciente” (MEZAN, 1998, p.355).

Se tomarmos que o aparelho psíquico construído em 1900 é mecanicista, cabe agora apontar qual a especificidade dessa afirmação ao se levar em conta o tipo de elaboração posta pela psicanálise. Existe um elemento que diferencia o mecanicismo freudiano de outras propostas, como por exemplo, a de Descartes, a saber, o caráter constitutivo da noção de conflito psíquico. O esforço metapsicológico, incluindo a construção de modelos de aparelhos, visa explicar as causas e as maneiras de expressão do conflito. Assim,

é essencialmente a exigência de encontrar causas no sentido forte para o que acontece na psique que leva Freud a selecionar metáforas originadas das ciências naturais, como a física, a biologia e a química. Mas por que um

aparelho? Em parte, porque existe uma ampla tradição neste sentido (...) que remonta ao século XVII, com Descartes, e se estende por todo o século XVIII, com diversos expoentes mais felizes ou menos. Mas o motivo principal desta escolha é que Freud tem desde o início uma visão da vida psíquica como constituída por *movimentos opostos uns aos outros*, e a imagem de um aparelho, necessariamente constituído por peças que devem apresentar um arranjo específico, mas que também podem se quebrar ou se danificar, é extremamente útil para figurar esta concepção fundamental. A grande novidade do modelo freudiano em relação aos propostos pelos filósofos é que o *funcionamento do aparelho é ao mesmo tempo o desarranjo dele*, porque é movido por forças que agem em sentido contrário umas às outras – o conflito (...) – e a base para esta ideia é muito simplesmente a ideia de inconsciente (MEZAN, 1998, p. 347).

Fica claro então que ao se falar do caráter mecanicista ligado ao aparelho delineado na *Interpretação dos sonhos*, deve-se ter em mente que a máquina em questão é essencialmente descompassada. É uma maquinaria que não trabalha em uníssono, já que a sua razão de ser é o conflito.

A existência de um mecanicismo nas versões iniciais do aparelho psíquico possui uma função muito bem delimitada: resguardar a radicalidade dos processos inconscientes em contraposição ao sujeito entendido como consciência de si. Esse quadro, todavia, não se mantém em sua integralidade nos posteriores desenvolvimentos da teoria freudiana. Uma série de trabalhos com o conceito de narcisismo e identificação permitiu uma refundação sobre o que se compreende como sujeito, delimitando de maneira mais clara a diferença entre as posições psicanalíticas de um lado e as posições científicas e filosóficas de outro. Refletindo sobre esse quadro pode-se afirmar então que

É somente a partir de meados da década de 1910 que a consideração dos processos ligados ao narcisismo forçará Freud a rever a radicalidade de suas posições iniciais, e, nesta revisão, entrará em cena uma concepção do sujeito como essencialmente constituído e afetado pelo outro (MEZAN, 1998, p.355).

Isso só demonstra que a noção de sujeito não nasceu pronta na teoria freudiana e embora a psicanálise certamente tenha contribuído amplamente para uma redefinição desse conceito, ele só foi obtido após décadas de trabalho. A paciente reflexão clínica permitiu um aprofundamento em uma série de fenômenos que constituem o homem. Isso significa dizer que essas elaborações, embora indicadas nas construções prévias, precisaram de tempo até o seu completo desenvolvimento.

Essa condição sugere então a fertilidade de uma investigação do desenvolvimento do conceito de narcisismo para avaliar o seu impacto na passagem do aparelho psíquico apresentado na *Traumdeutung* para aquele estruturado a partir de *O ego e o id*.

Capítulo 2

O desenvolvimento do conceito freudiano de narcisismo

Esta dissertação visa analisar alguns aspectos da constituição da segunda teoria do aparelho psíquico. Isso se justifica por ser esse o modelo mais desenvolvido na teoria freudiana, já que integra o que há de fundamental nas elaborações precedentes, além de abrir todo um novo campo de investigação e prática clínica. A proposição do aparelho psíquico de 1923 foi tributária de vários fenômenos, de maneira que é impossível apontar uma causalidade única para a sua emergência. No entanto, algumas elaborações foram mais determinantes do que outras nesse processo, dentre as quais pode ser citado o desenvolvimento do conceito de narcisismo.

O narcisismo permitiu uma redefinição da noção de sujeito em psicanálise por expor o caráter formativo do *outro* na delimitação do homem (MEZAN, 1998). Evidentemente essa relação com a alteridade já se encontrava tematizada nos anos anteriores, porém o narcisismo permitiu um aprofundamento das determinações metapsicológicas desse processo.

O narcisismo impactou a passagem do primeiro para o segundo modelo de aparelho psíquico de várias maneiras. Sucintamente é possível afirmar que ele contribuiu para o alargamento do conceito de inconsciente, que passa a comportar não só o recalcado, mas também as instâncias recalcentes; simultaneamente ele também atuou na redefinição do conceito de ego em psicanálise, que passou a ser compreendido como um elemento cingido, que não coincidia com os sistemas Pré-consciente/Consciente, pois o seu núcleo era inegavelmente inconsciente; por fim, como consequência da ampliação do conceito de ego, ele atuou na explicitação das instâncias ideais, que posteriormente foram a base da proposição do superego¹.

Cabe ressaltar, porém, que apesar do narcisismo ter sido fundamental para mudanças na teoria psicanalítica ele nem sempre apresentou o mesmo significado. É possível delinear uma história do conceito, que demonstra diferentes nuances ao longo da obra de Freud. Conforme aponta Miguelez, o narcisismo é um conceito

¹ Esses aspectos serão analisados mais detidamente no capítulo 3 dessa dissertação.

plural, que surge através de diferentes exigências clínicas, ao mesmo tempo em que abarca uma ampla gama de processos. Sob a denominação de narcisismo Freud descreveu fenômenos tão diversos que se torna lícito pensarmos nesse conceito

como algo que tem muitas faces, múltiplos semblantes. Uma delas está voltada para as psicoses, e todo um campo de trabalho e de pesquisa surge se perguntar até que ponto o narcisismo ajuda hoje na compreensão desses ainda enigmáticos fenômenos. Outra face está voltada para a cultura e os fenômenos sociais. Outra, ainda, para as diferenças sexuais. E ainda haveria, em vários campos, outros semblantes (MIGUELEZ, 2007, p.15-16).

É justamente por tentar fazer justiça a essa multiplicidade de fenômenos que Miguelez propõe o termo *Narcisismos*. Green (1989), também atento a essa complexidade, aponta que é impossível elaborar uma síntese completa das elaborações freudianas sobre o narcisismo, dada as contradições entre os vários estados descritos por Freud.

Diante de tal quadro, não é proposto aqui uma análise global sobre o narcisismo. O que esta dissertação visa é a exposição dos momentos mais significantes da elaboração desse conceito, privilegiando as construções que impactaram a elaboração da segunda tópica. Essa opção já aponta para um recorte temporal, pois serão prioritariamente considerados os textos publicados entre 1910 e 1923.

Com isso objetiva-se visualizar a trajetória do narcisismo, que passa de um termo periférico para exemplificar a escolha objetual homossexual, para se tornar um dos conceitos centrais da metapsicologia freudiana.

2.1 O surgimento do termo narcisismo na teoria freudiana: narcisismo e perversão

O narcisismo é um conceito crucial para a psicanálise e passou por um processo de elaboração no interior da teoria freudiana. A primeira ocorrência do termo se deu em 1910 e nos anos subsequentes esteve presente em vários trabalhos do autor, sendo notado inclusive em suas últimas publicações, como em *Moisés e o monoteísmo* (1938) ou *Esboço de psicanálise* (1940). O fato do narcisismo integrar por três décadas os trabalhos de Freud fez com que ele assumisse múltiplas significações. Inicialmente é possível constatar que o

narcisismo ocupava um lugar tímido no conjunto do trabalho e somente com o passar dos anos se tornou uma peça fundamental da metapsicologia. Nesse percurso o narcisismo esteve envolvido, de diferentes maneiras, com todas as estruturas: perversão, psicose e neurose.

Ao analisarmos as primeiras ocorrências da palavra narcisismo na obra de Freud é possível constatar que ele não era um conceito, já que não explicitava as dimensões psicogenética, psicodinâmica e econômica. Inicialmente o termo servia mais para estabelecer uma comparação entre certos estados, especialmente a homossexualidade e o mito grego de Narciso. Porém, mesmo nesses momentos iniciais já estavam tematizadas certas problemáticas que posteriormente continuariam imbricadas.

A emergência do narcisismo nos escritos de Freud se deu em uma relevante nota de rodapé de uma reedição dos *Três ensaios da teoria da sexualidade*, obra originalmente publicada em 1905, mas que ao longo dos anos sofreu modificações e acréscimos significativos por parte do autor. A presença do narcisismo nesse texto angular da psicanálise já serve de prenúncio para a sua posterior importância.

O principal objetivo desse livro é definir a compreensão psicanalítica sobre a dimensão sexual e, para tanto, três grandes discussões são elaboradas. O primeiro capítulo, que tem por título *As aberrações sexuais*, visa expor exemplos de uma sexualidade tida como desviante, ou para utilizar um termo mais exato, perversa. A investigação conduz à afirmação de que essas manifestações sexuais na verdade são constitutivas de toda experiência humana, o que torna bem problemático uma rígida divisão entre normalidade e anormalidade, uma vez que “a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana” (FREUD, 1905/1996, p.218). Curioso observar que, apesar do título desse capítulo, a tese defendida pelo autor aponta para o fato de que “não há aberrações sexuais, ou melhor, de que a sexualidade humana é em si mesma, aberrante e perversa” (GARCIA-ROZA, 2008, p.30).

O segundo capítulo, *A sexualidade infantil*, expõe e desenvolve a tese de que as crianças vivenciam a sexualidade e que tal quadro além de universal é determinante para as posteriores manifestações do desejo nos adultos. É nessa parte da obra que é definido o conceito de *auto-erotismo*, concebido como a condição na qual a “pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo” (FREUD, 1905/1996, p.170). Cabe ressaltar, conforme aponta Freud, que a pulsão auto-

erótica surge diante da ausência do objeto que garante a satisfação primordial. Isso significa dizer que “a pulsão torna-se auto-erótica quando perde o seu objeto” (GREEN, 1989, p.119), tese essa que também é defendida por Laplanche (1985). Um fato que merece atenção é que principalmente nos primeiros trabalhos que usam o termo narcisismo não existe uma clara separação entre esse elemento e o auto-erotismo, existindo uma sobreposição entre esses dois registros.

Por fim, a última parte discute *As transformações da puberdade* e trata das exigências envolvidas na passagem da sexualidade infantil para a adulta, destacando as alterações dos movimentos libidinais, bem como das relações com os objetos.

No capítulo sobre *As aberrações sexuais*, um dos pontos abordados é a homossexualidade, denominado por Freud como inversão, que consiste no fato do objeto da pulsão ser do mesmo sexo do sujeito. Existe uma longa história de tentativas prévias de explicar esse fenômeno, que comumente era concebido como fruto da degeneração ou do inatismo. Tais teorias são criticadas por Freud (1900/1996), que propõe uma abordagem psíquica para o problema.

Ao tentar compreender a psicogênese da inversão é explicitado que

A psicanálise não trouxe até agora um esclarecimento completo da origem da inversão; não obstante, desvendou o mecanismo psíquico de sua formação e enriqueceu substancialmente a colocação dos problemas envolvidos. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1900/1996, p.137).

Essa primeira aparição da palavra narcisismo é utilizada na descrição da escolha do objeto sexual dos invertidos, que por meio de um jogo de identificações buscam objetos que confirmem a sua própria imagem. Ao analisarmos esse uso do termo, é possível afirmar que ele é mais um elemento metafórico do que um conceito propriamente dito.

Vale notar que embora nesse momento da elaboração freudiana a homossexualidade fosse apresentada como um exemplo de manifestação perversa, ela não era concebida como pertencente ao campo da anormalidade, já que “a psicanálise opõe-se com toda firmeza à tentativa de separar os homossexuais dos

outros seres humanos como um grupo de índole singular” (FREUD, 1900/1996, p.137). Essa visão é tributária da concepção adotada de pulsão sexual, uma vez que o seu objeto é o elemento mais mutável, ou seja, “de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste” (p.140). É levando em conta tal quadro que Miguelez pode afirmar que

Freud toma a inversão como prova da existência de uma aleatoriedade *a priori* do objeto da pulsão, de uma falta de objeto, de uma indeterminação abrangente que a soldadura aparente da pulsão com seu objeto deixara invisível. A indeterminação masculino/ feminino é um caso sofisticado se comparado com a indeterminação geral atribuída à sexualidade (MIGUELEZ, 2007, p.74).

A associação do narcisismo com a homossexualidade é um elemento recorrente nos primeiros anos no desenvolvimento do conceito e estará novamente presente em *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910a), que é o primeiro escrito que originalmente foi publicado já contando com esse termo.

Essa obra visa expor algumas das características psíquicas de Leonardo da Vinci, que é apresentado como sendo uma “pessoa emocionalmente homossexual” (FREUD, 1910a/1996, p.104). A partir do estudo desse artista renascentista se propõe uma teoria geral sobre alguns dos mecanismos determinantes para o surgimento da homossexualidade. Segundo Freud, os homossexuais apresentavam um duplo movimento: por um lado tinham uma relação particularmente erotizada com a mãe e por outro existia um arrefecimento da presença do pai.

Essa aproximação entre mãe e filho imprime características específicas ao jogo edípico, pois apesar da particular vivacidade dos desejos incestuosos ainda existe a proibição de sua consumação. Diante disso os homossexuais executariam um movimento no qual ele “reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor” (FREUD, 1910a/1996, p.106).

Tal trajetória teria uma ampla repercussão psíquica e os homossexuais executariam na verdade

um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do *narcisismo*, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem

que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, 1910a/1996, p.106).

O narcisismo seria, assim, o nome de um processo de retorno ao auto-erotismo. Essa sobreposição desses dois registros não será mantida nas obras posteriores e serão diferenciados a partir de uma reformulação da teoria do desenvolvimento libidinal.

A reflexão freudiana empreendida nesses primeiros escritos apresenta ao menos três pontos que merecem ser destacados na história do narcisismo: a) o caráter proto-conceitual do termo, pois apesar de já estar se aproximando de uma elaboração mais profunda e rigorosa, o narcisismo, nesse momento, ocupava o lugar de uma metáfora, de uma comparação, b) atrelado a característica anteriormente citada, observa-se que Freud não propunha uma diferenciação entre narcisismo e auto-erotismo, o que só ocorrerá a partir do texto sobre o *Caso Schreber* escrito em 1911, c) mesmo ainda não sendo um conceito plenamente desenvolvido, nota-se que a discussão já contempla a relação entre narcisismo e identificação. Essa díade é abordada nos textos posteriores e seu desenvolvimento será fundamental para a proposição do segundo modelo de aparelho psíquico.

O início das discussões sobre o narcisismo ocorre no terreno da perversão, mas o seu desenvolvimento passará pelas outras estruturas. Nos anos subsequentes ficará claro nos escritos de Freud o caráter universal desse fenômeno, integrando esse processo a relação entre narcisismo e psicose.

2.2 Narcisismo e psicose: Caso Schreber

Em 1911 foi publicado *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides)*, que é um trabalho fundamental para a compreensão freudiana da psicose. Apesar de *Sobre o narcisismo: uma introdução* ser o escrito que apresenta o fenômeno em sua forma mais desenvolvida, a ponto de alguns autores afirmarem que “foi em 1914 [...] que o termo adquiriu o valor de um conceito” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 531), esta dissertação defende, assim como Green (1989), que a dimensão conceitual se definiu no texto sobre o Caso Schreber. Tal afirmação pode ser apreciada ao notarmos que nessa obra o narcisismo é inserido em uma *psicogenética*: ele é um

estado do desenvolvimento libidinal, uma compreensão *econômica*: no qual uma regressão maior ou menor ao narcisismo definirá o caráter paranoico, um fator *dinâmico*: existem conflitos que estão baseados no narcisismo, como a paranoia, megalomania, erotomania.

Essa obra visa analisar as memórias escritas do juiz presidente Daniel Paul Schreber, que é adotado como um caso fértil para se compreender a paranoia. Tal fenômeno é complexo e apresenta uma etiologia que remonta a vários fatores, dos quais Freud destaca as fixações libidinais.

Fixação é um modo de funcionamento da libido no qual ela se encontra fortemente ligada a determinadas *imagos* ou permanece operando de um modo primitivo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994). Só faz sentido relacionar a etiologia de algum estado às fixações se existir uma concepção de desenvolvimento da libido, no qual se observaria várias fases. Freud (1911a/1996) propõe um percurso que vai do auto-erotismo até as relações objetais. Obviamente, o que está em jogo na exposição freudiana não é uma tipologia fixa, de caráter finalista², mas sim o traçado de linhas gerais que podem ser seguidas ou não, todavia, para fins de exposição, é possível conceber que a libido passa por certos estágios³.

Inicialmente existiria o auto-erotismo, quando a pulsão se satisfaz de maneira perversa e polimorfa sem precisar de objetos externos. Essa condição já tinha sido descrita nos *Três ensaios...* (1905/1996) e a novidade que o Caso Schreber traz é a existência de um estágio posterior denominado de narcisismo, que pode ser compreendido como a ocasião no

desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus instintos sexuais (que até aqui haviam estado empenhados em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso (FREUD, 1911a/1996, p.68).

Essa fase seria sucedida pelas relações objetais.

² Essa condição foi notada por alguns autores pós freudianos que começaram a trabalhar com a ideia de que o narcisismo não é somente uma etapa a ser superada, mas sim um elemento importante no percurso do sujeito, ou seja, “a formação de um narcisismo normal e saudável é um processo independente e necessário de pleno direito” (HOLMES, 2002, p.44). Tal proposta pode ser claramente percebida nos trabalho de Kohut (1978), que defende que o narcisismo é um fator necessário para uma vida bem sucedida, portanto não é apenas um elemento para ser superado e esquecido na história do sujeito.

³ Sobre esse ponto cabe ressaltar o comentário de Green (1989) sobre o auto-erotismo e o narcisismo, mas que pode ser estendido para os demais estágios, segundo o autor “nem o auto-erotismo nem o narcisismo são somente fases. O Eu- ou na origem, as pulsões do Eu- pode se oferecer como fonte de satisfação através de mecanismos que perdurarão por toda a vida” (p.119)

Um fator que merece ser destacado é que em um primeiro momento o investimento em alguém que seja absolutamente diferente do sujeito demanda um grande trabalho psíquico. A passagem de um estágio para outro é gradual, no qual as diferenças só são assimiladas paulatinamente. Desse modo, o primeiro objeto externo escolhido é aquele que possui importantes semelhanças com o sujeito, mais especificamente os mesmos órgãos sexuais. Green (1989) propõe que essa busca por órgãos sexuais semelhantes é suficiente para se falar em uma “escolha objetal homoerótica onde o significante do homoerótico é representado pelos genitais masculinos que valem pelo objeto total” (GREEN, 1989, p.51). Somente após esse momento que se estruturaria a possibilidade de relações heterossexuais.

Um fator que diferencia as elaborações sobre o narcisismo dos escritos freudianos anteriores é que a partir do Caso Schreber o narcisismo não pode ser mais exclusivamente compreendido como o mecanismo de escolha objetal dos homossexuais. Existe um descolamento entre esses dois fenômenos. Essa homossexualidade constitutiva não é simplesmente dissolvida com a possibilidade dos relacionamentos heterossexuais, na verdade ela passa por transformações e se combina com as pulsões do ego para constitui os laços sociais (FREUD, 1911a/1996). Assim, a amizade, o companheirismo, o espírito de grupo são decorrentes da sublimação dessa libido homossexual.

Todavia, existem pessoas que não se

libertaram completamente do estágio de narcisismo – que equivale a dizer, têm nesse ponto uma fixação que pode operar como disposição para uma enfermidade posterior– acham-se expostas ao perigo de que alguma vaga de libido excepcionalmente intensa, não encontrando outro escoadouro, possa conduzir a uma sexualização de seus instintos sociais e desfazer assim as sublimações que haviam alcançado no curso de seu desenvolvimento (FREUD, 1911a/1996, p.70).

Isso contribuiria para o desvelamento da etiologia da paranoia, uma vez que os sujeitos que apresentam essa condição “se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas catexias instintuais sexuais” (FREUD, 1911a/1996, p.70).

Essa relação fica ainda mais evidente quando Freud expõe que a gravidade das manifestações paranoicas é proporcional ao nível de fixação ao narcisismo, o que equivale a dizer que

os paranoicos trouxeram consigo uma *fixação no estágio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do *retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo* constitui medida da quantidade de regressão característica da paranoia. (FREUD, 1911a/1996, p.79-80).

Essas observações lançam o narcisismo para um patamar diferente daquele no qual era apresentado nos textos anteriores. Ele não mais é compreendido como uma metáfora, mas sim como um conceito. Evidentemente ainda não apresenta toda a complexidade que posteriormente vai se revestir. Até chegar as suas elaborações mais radicais, o narcisismo ainda obteve contribuições de outros fenômenos e outras áreas, das quais pode se destacar as reflexões antropológicas.

2.3 Contribuições da reflexão antropológica para o narcisismo

Em *Totem e tabu* (1913), Freud apresenta uma interpretação antropológica das origens sociais e dos elementos fundadores do psiquismo. Apoiado em uma bibliografia etnográfica, o livro aborda uma das organizações sociais mais antigas, o totemismo. Essa obra é de especial interesse para a análise do desenvolvimento do conceito do narcisismo, por ser o primeiro momento em que ele é utilizado para descrever e explicar fenômenos supra-individuais, sendo percussora das discussões que envolvem o narcisismo e a sociedade.

Freud (1913) propõe que a função do regime totêmico é impedir os relacionamentos endogrupais. Nos povos ditos primitivos existiriam vários clãs e cada um possuiria um animal totêmico específico, de maneira que duas pessoas sob a regulação do mesmo totem não poderiam ter contato sexual. Esse tipo de organização visava em última instância o impedimento do incesto, que era encarado como um tabu.

Etimologicamente o Tabu resguarda uma ideia antitética, sendo simultaneamente algo sagrado e impuro. Eles sempre estão relacionados a proibições, que são tomadas como naturais e inquestionáveis. Freud aponta que “as duas mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto” (1913/1996, p.49). Em ambos os casos a transgressão do tabu sempre traz consequências, que inicialmente eram concebidas

como uma punição automática, emanada do próprio tabu, mas que depois ficou a cargo dos outros membros da sociedade.

O tabu pode apresentar transformações e passar a regular outros códigos de convivência entre os indivíduos. Assim, pode ser tabu o contato com os bens pessoais, o pronunciamento de nomes próprios, a proximidade com mulheres menstruadas ou ainda a morte. Essa lista poderia ser longamente estendida, porém o fundamental de ser retido é que em todos os casos o tabu se apoia em um sistema animista. Freud (1913/1996) define que o animismo é conceber o mundo como sendo povoado por espíritos, que habitam os seres vivos, incluindo o homem, e os objetos inanimados e esses espíritos seriam capazes de afetar as pessoas.

Desse modo, a punição automática que proviria, por exemplo, das relações incestuosas ou da ingestão do animal totêmico, estaria diretamente relacionada com a ação dos seres espirituais ofendidos por esses eventos. Os mecanismos básicos de proibição e instauração da lei não remontam à justificativas racionais, mas sim à certeza que tais homens possuíam da realidade de seu pensamento. Assim, “o homem primitivo tinha uma crença imensa no poder de seus desejos” (1913/1996, p.94) e essa condição pode ser denominada de onipotência de pensamento.

Tal cenário é decorrente de uma configuração psíquica mais profunda. Ele surge a partir de um modo particular da organização da libido. É por isso que é possível afirmar que

Os homens primitivos (...) atribuem uma alta valorização – a nossos olhos, uma supervalorização – aos atos psíquicos. Essa atitude pode perfeitamente ser relacionada com o narcisismo e ser encarada como um componente essencial deste (1913/1996, p.100).

O narcisismo emerge como um dos determinantes do modo primitivo de compreensão do mundo, influenciando inclusive as possibilidades de organização social. Nesse momento da elaboração do conceito ele é apresentado como uma fase entre o auto-erotismo e a escolha objetal na qual

Os instintos sexuais até então isolados se reuniram em um todo único e encontram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constitui aproximadamente nessa mesma época (FREUD, 1913/1996, p.99).

Mesmo nas etapas posteriores do desenvolvimento libidinal o narcisismo não seria descartado. Ele é um componente perene da relação do homem com o mundo, assim

um ser humano permanece até certo ponto narcisista, mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido. As catexias de objetos que efetua são, por assim dizer, emanções da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele. A condição de apaixonado, que é psicologicamente tão notável e é o protótipo normal das psicoses, mostra essas emanções em seu máximo, comparadas com o nível do amor a si mesmo (FREUD, 1913/1996, p.99).

Essa reflexão antropológica será importante para elucidar as condições primitivas de organização do indivíduo. Existiria para Freud uma repetição do percurso de desenvolvimento da civilização e do sujeito. Assim, a onipotência do pensamento e o narcisismo a ela ligado seriam componentes fundamentais para a constituição do homem e auxiliariam na compreensão das neuroses.

Existem alguns fatores que são importantes de serem destacados para a apresentação da trajetória do narcisismo. Nesse momento ele já é concebido como investimento no ego tomado como objeto. Além disso, Freud esclarece uma dinâmica da libido na qual em um primeiro momento ela se localiza no ego, para depois poder se direcionar para os objetos e que podem retornar para o seu local de origem. São exatamente esses os mecanismos que posteriormente serão denominados de narcisismo primário e secundário.

A partir da análise dos textos anteriores a *Sobre o narcisismo: uma introdução* é possível afirmar que mesmo antes de sua publicação as principais linhas conceituais acerca do narcisismo já estavam desenvolvidas ou ao menos tematizadas. A grande contribuição do texto de 1914 foi reunir as principais elaborações sobre esse objeto e sintetizar as questões que provocariam uma ampla mudança metapsicológica.

2.4 1914: a forma mais desenvolvida do conceito de narcisismo

O conceito freudiano de narcisismo possui uma complexa trajetória, de maneira que ao se traçar a sua historiografia é necessário ter em mente que ele é um elemento multifacetado, com quase três décadas de elaboração. Apesar da sua

última aparição ser em 1938, o narcisismo encontra o seu ponto de maior desenvolvimento em 1914 na obra *Sobre o narcisismo: uma introdução* e essa afirmação se apoia em três argumentos: em primeiro lugar, deve se reconhecer que em 1914 o narcisismo adquire sua forma conceitual quase definitiva, as principais reflexões acerca de sua dinâmica e economia serão mantidas nas obras posteriores, ainda que a dimensão psicogenética seja parcialmente reinterpretada; em segundo lugar, é possível notar que esse texto contém o que há de fundamental nas reflexões prévias do conceito, isto é, ele se mostra como a síntese do que foi construído no intervalo entre 1910 e 1914; por fim, nessa obra já existe a indicação das principais questões impostas pelo narcisismo para a teoria freudiana, sinalizando como ele impactará nos anos seguintes a reflexão psicanalítica.

Essa condição ímpar faz com que o texto seja peculiarmente supercondensado. Ele foi “concebido apressadamente, febrilmente e sem dúvida com entusiasmo, [*Sobre o narcisismo: uma introdução*] foi rapidamente considerado imperfeito, senão monstruoso” (LAPLANCHE, 1985, p. 72). A tentativa de exposição de todas as questões presentes nesse artigo, e suas posteriores articulações, não é tarefa fácil; todavia, é possível investigar alguns de seus pontos principais. Diante disso, a presente dissertação irá abordar esse texto analisando como o narcisismo é concebido em 1914 em sua dimensão psicogenética, dinâmica e tópica. Reconhecemos que tal separação é artificial e serve apenas para facilitar a exposição do objeto, pois não se deve perder de vista que existe uma passagem entre estes três registros e que eles se complementam.

Inicialmente cabe notar que Freud expõe que a investigação acerca do narcisismo se serviu de três campos principais: as manifestações perversas, como a homossexualidade⁴, as manifestações psicóticas, como a demência precoce e a paranoia, e o estudo da mente dos povos ditos primitivos e das crianças. Essas três indicações já sinalizam o que há de fundamental nas elaborações anteriores a 1914.

É possível ligarmos alguns textos centrais a cada um desses pontos. Dessa maneira, a discussão sobre a relação do narcisismo e a homossexualidade já tinha sido abordada em 1910 na reedição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*

⁴A visão psicanalítica sobre a homossexualidade mudou com o passar dos anos. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) era clara a vinculação da homossexualidade com a perversão, inclusive a discussão sobre esse fenômeno estava inserida no capítulo com o sugestivo título de *As aberrações sexuais*. Vale notar que em 1914 essa vinculação entre homossexualidade e perversão já não é mais tão explícita.

e em *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância*, a relação entre narcisismo e paranoia pode ser encontrada no *Caso Schreber* de 1911 e a contribuição da reflexão antropológica que aborda os povos ditos primitivos pode ser observada em *Totem e tabu* (1913). Existe um desenvolvimento conceitual ao longo desses textos, de maneira que é possível localizar várias interpretações a respeito do narcisismo que foram abandonadas ou modificadas nesses anos iniciais.

No entanto, os elementos fundamentais foram conservados no texto de 1914, como por exemplo, a relação entre narcisismo e identificação, uma compreensão psicogenética acerca do fenômeno ou ainda a proposição que o narcisismo possui dois tempos, o primário e o secundário. Vale lembrar, todavia, que ainda que as principais elaborações sobre o narcisismo já estivessem delineadas nos anos anteriores, seria errôneo afirmar que o texto de 1914 é apenas um resumo do que já tinha sido construído. *Sobre o narcisismo...* aprofunda enormemente a discussão e tem por isso uma grande potência criativa.

2.4.1 Narcisismo e a dimensão psicogenética

No texto de 1914 o narcisismo é concebido como um fator que ocorre em dois tempos, como algo que possui duas facetas. Grosso modo, o narcisismo pode ser entendido como a condição na qual a libido se encontra investida no ego. Ele se organiza a partir de duas formas de expressão: o narcisismo primário e o secundário. No primeiro caso Freud entende que ele é o estado no qual existe uma “catexia libidinal original do ego” (FREUD, 1914/1996, p. 83), ao passo que o narcisismo secundário seria o retorno da libido para o ego decorrente do abandono de investimento objetal.

A psicogênese do narcisismo secundário é mais clara no texto freudiano, já que é explicitado em que momento da história do desenvolvimento libidinal ele surge e quais são os motivos responsáveis pela sua manifestação. O narcisismo secundário só pode ocorrer após a instauração das relações objetais, o que significa apontar que ele se estabelece em uma etapa avançada do desenvolvimento libidinal do sujeito. A condição que ocasiona o seu surgimento é o rompimento dos investimentos nos objetos, o que faz com que a libido retorne para o ego.

Situação diferente surge ao se tentar analisar a psicogênese do narcisismo primário, que é um fenômeno nebuloso e mais difícil de apreender. Inicialmente cabe salientar que ao se falar desse estado está se apontando para duas questões: como o narcisismo primário pode ser integrado na história de desenvolvimento do sujeito e quais são as condições necessárias para a sua gênese. O primeiro ponto é mais fácil de ser acompanhado no artigo de 1914, porém a solução do segundo aspecto se mostra um pouco mais problemática.

Freud aponta que o narcisismo é um estágio do desenvolvimento libidinal. Apesar da teoria psicanalítica falar explicitamente de diferentes fases de organização da libido, é necessário ressaltar que não estamos diante de uma tipologia fixa. Trata-se mais de uma estratégia de exposição do que de uma rígida divisão que seja plenamente confirmada pela análise clínica.

Tal compreensão pode ser notada no texto de 1914, mas já estava estruturada desde o *Caso Schreber*. Freud propõe a existência de diferentes modos de organização libidinal, que vão do auto-erotismo até as relações objetais, sendo que entre esses dois momentos notam-se gradações intermediárias.

Inicialmente o sujeito se estruturaria a partir do auto-erotismo, que é entendido como a condição na qual a pulsão está “apta a se satisfazer por si mesma, tanto na ausência quanto na presença do objeto, *mas independentemente dele*” (GREEN, 1989, p.121). Embora a disposição perverso-polimorfa da criança habilite todo o seu corpo a se tornar fonte de excitação, existe uma tendência que as fontes preferenciais sejam anaclíticas. Em tal etapa primitiva ainda não há um sentido de unidade corpórea, de maneira que a fonte somática da pulsão deriva de um corpo essencialmente fragmentado. É por isso que a maneira de expressão da sexualidade infantil pode ser definida “pelo funcionamento inorganizado das pulsões parciais” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p.402).

Essa disposição anárquica da pulsão que se satisfaz no próprio corpo tem como destino a relação objetal, que é o investimento libidinal de elementos exteriores ao sujeito. Seria essa a principal transformação da passagem do auto-erotismo para uma sexualidade que visa o (re)encontro⁵ do objeto. As pulsões parciais passam então a ser organizadas sob o primado da zona genital.

⁵O reencontro se deve ao fato de que Freud, por vezes, defende que não existe um momento de relação completamente anobjetal. O fato de mesmo no auto-erotismo existir uma condição anaclítica já expõe que o bebê

A diferenciação entre auto-erotismo e relações objetais já estava presente na teoria freudiana desde muito cedo. Toda uma teoria sobre o desenvolvimento libidinal foi construída levando em conta esses dois polos. Contudo, o avanço das compreensões a respeito do narcisismo, assinalou a existência de uma etapa intermediária.

Assim, o narcisismo primário seria uma organização posterior ao auto-erotismo no qual as pulsões parciais de um corpo fragmentado seriam unificadas. Isso não levaria, porém, imediatamente para um investimento de objetos diferentes do sujeito, mas sim para o seu próprio ego. A libido que antes se encontrava investida em partes de um corpo sem um sentido de unidade, passa, com o narcisismo primário, a se direcionar para o ego.

O que a introdução do narcisismo esclarece no percurso de desenvolvimento libidinal é o caráter processual desse fenômeno. O narcisismo primário se situa entre o auto-erotismo e as relações objetais por ser a superação da fragmentação corpórea própria das pulsões parciais, ao mesmo tempo em que ainda não investe elementos amplamente diferentes do sujeito.

Repetidas vezes, Freud aponta a dificuldade de se observar diretamente a existência do narcisismo primário, ao contrário do auto-erotismo ou das relações objetais, por exemplo; todavia a existência dessa condição pode ser deduzida a partir de alguns fatos. Pertence a esse grupo a atitude dos pais em relação aos seus filhos, já que as suas ações apontam para a “revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram” (FREUD, 1914/1996, p.97). Eles imputam toda sorte de perfeição e valor aos seus descendentes, que não são concebidos como limitados pelas leis da natureza ou da sociedade. Esse encantamento provocado pelas pequenas crianças está ligado ao poder de fascinação do narcisismo. Diante dos filhos narcisicamente perfeitos, os pais não conseguem tratá-los de outra maneira que não seja concebê-los como a “Sua

organiza a sua sexualidade por meio do contato do outro cuidador. Isso fica claro na seguinte passagem “Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro.” (FREUD, 1905/1996, p.210). A crítica da existência de um estado anobjetal no psiquismo é aprofundada pelos trabalhos de Laplanche (1985, 1992)

majestade o bebê”. Essa condição das crianças pequenas seria uma prova da existência de um narcisismo primário que já organiza a sua vida libidinal e é capaz de provocar o amor e a admiração das outras pessoas que abriam mão do seu próprio narcisismo.

A análise da dimensão psicogenética desse fenômeno não diz respeito apenas ao momento em que ele emerge no percurso de desenvolvimento do homem, mas também aos fatores que condicionaram o seu surgimento. Uma indicação é fornecida por Freud ao tentar diferenciar o narcisismo do auto-erotismo, pois para o autor

Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914/1996, p.84).

Cabe observar que apesar de citar a necessidade de adição de uma “nova ação psíquica”, Freud não deixa explícito qual seria ela. Uma das consequências do estabelecimento do narcisismo é a estruturação do ego, mas não existe nenhuma menção absolutamente explícita que o ego seja simultaneamente a causa do surgimento do próprio narcisismo.

A questão de como o narcisismo surge não é diretamente respondida no texto de 1914 e se torna ainda mais complexa quando são tomados os desdobramentos posteriores acerca desse fenômeno⁶, principalmente após a sistematização da segunda tópica. Após 1914 o narcisismo passa a ser considerado como o estado que existe desde a origem da vida (FREUD, 1923/1996), ou ainda como sendo um momento da organização libidinal que se expressa através do auto-erotismo (FREUD, 1915a/1996). Em ambas as alternativas a diferenciação entre esses dois estados se torna mais problemática, o que dificulta compreender exatamente quais são os fatores responsáveis pela criação do narcisismo.

⁶Basta observar algumas indicações freudianas presentes em *O ego e o id* (1923) no qual é exposto que o narcisismo primário é o estado primordial de vida, anterior ao surgimento do ego. Roudinesco e Plon (1998) diz que nesse momento da elaboração freudiana, o narcisismo podeira ser representado como a vida intra-uterina, o que significa dizer que ele é, no mínimo, contemporâneo ao auto-erotismo. Laplanche e Pontalis (1994) ressaltam que ao se tomar essa interpretação a “distinção entre o auto-erotismo e o narcisismo é suprimida” (p.290).

Porém, se nos restringirmos ao texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) é possível construir algumas hipóteses de qual ou quais fenômenos estariam relacionados ao surgimento do narcisismo. As respostas não estão explicitadas nesse texto, de maneira que se faz necessária uma interpretação que leve em conta uma certa lógica do pensamento metapsicológico em Freud. Tomando o texto freudiano, Laplanche (1985) apresenta algumas reflexões que apontam para possíveis soluções desse problema.

Uma primeira alternativa seria considerar que existe uma relação interconstitutiva entre ego e narcisismo. Freud deixa claro que o narcisismo estrutura o ego, que é uma espécie de cimento libidinal que possibilita a reunião do corpo despedaçado do auto-erotismo. Todavia o ego é uma estrutura complexa e muito dificilmente seria estruturado de uma maneira abrupta, de modo que parece ser mais razoável pensar que sua conquista é processual. Isso significa dizer que antes de uma unidade plenamente formada pode existir algo que seja semelhante a um ego rudimentar, no qual o corpo não se encontra de maneira tão despedaçada.

Talvez seja essa progressiva superação do corpo do auto-erotismo que pode fazer com que as pulsões parciais se unifiquem progressivamente e sirvam de base para o narcisismo. De maneira mais sucinta, seria possível apontar que por um lado o narcisismo estrutura o ego, mas por outro o processo de constituição do ego primitivo também promove o narcisismo, ou seja, “o investimento libidinal do ego é inseparável da própria constituição do ego” (LAPLANCHE, 1985, p.72). Garcia-Roza (2008) também defende essa posição afirmando explicitamente que “o que se acrescenta ao auto-erotismo, para dar forma ao narcisismo, é o eu [...] o narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu” (GARCIA-ROZA, 2008, p.42).

É possível localizar um grande número de autores que defendem que a ação psíquica necessária para o narcisismo é a introdução do ego e tal alternativa nos obriga a explicitar o que isso quer dizer. Uma explicação comumente utilizada é que esse processo passa pela conquista de uma imagem corporal, de uma representação totalizante do que é o sujeito. Essa posição é defendida, por exemplo, por Garcia-Roza (2008), que diferencia duas categorias: a primeira é denominada de representação-de-si, que consiste nas imagens unificadas que o sujeito tem dele mesmo, a segunda seria o sentimento-de-si (*selbstgefühl*), que é o derivado do sentimento primitivo de onipotência e que depende de tudo que foi conquistado pelo

sujeito, tal possibilidade diz respeito “à vida de relação do indivíduo e à sua auto-conservação” (p.52). Cabe observar que estes dois pontos não são necessariamente coincidentes, pois o sentimento-de-si, embora use a libido narcísica, é diferente do ego tomado como objeto.

As interpretações sobre os fatores responsáveis pela emergência do ego encontram um ponto de especial desenvolvimento em Lacan (1998), na sua proposição do estágio do espelho. Segundo o autor, a emergência do eu estaria na dependência de uma identificação primordial da criança com a sua imagem e isso estabeleceria uma certa superação do “corpo esfacelado”. Essa conquista de uma imagem do eu é o momento no qual “a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua o universal, sua função de sujeito” (LACAN, 1998, p.97). Esse fenômeno aponta para aquilo que Freud propõe como sendo os fatores necessários para a superação do auto-erotismo e advento do narcisismo.

Além do papel do ego, também é possível pensarmos em uma segunda alternativa dos fatores responsáveis pelo estabelecimento do narcisismo primário: a “ação psíquica” que atua na superação do auto-erotismo pode ser o narcisismo dos pais revivido na criança (LAPLANCHE, 1985; DEUSSOANT, 1992; GREEN, 1989; GARCIA-ROZA, 2002). Talvez a supervalorização e a imputação de toda a perfeição narcísica da criança atuem como um elemento que estimule o seu próprio narcisismo. Os pais não somente reviveriam o seu narcisismo perdido através de seus filhos, mas também atuariam no sentido de construir esse estado nas crianças pequenas. Desse modo, como propõe Laplanche (1985), o narcisismo primário

Não é nada mais que a onipotência dos pais invertida. É a partir da onipotência dos pais, vivida como tal pela criança, e de sua introjeção, que os estados narcísicos megalomaniacos da criança podem ser compreendidos (LAPLANCHE, 1985, p.83).

Os fatores que seriam responsáveis pelo surgimento do narcisismo apontam, então, segundo essa interpretação, para o enlace subjetivo.

A análise do texto freudiano pode apontar que essas duas possibilidades não são mutuamente excludentes. Conforme indica Garcia-Roza (2008), elas podem se combinar, o que significa dizer que o narcisismo primário surge pela confluência

entre a conquista da imagem unificadora do ego e da atualização do narcisismo paterno.

2.4.2 Narcisismo e economia

A economia é uma faceta fundamental para a explicação dos fenômenos metapsicológicos. Freud define que o ponto de vista econômico é aquele que tenta levar “até as últimas consequências as vicissitudes de quantidades de excitação e chegar pelo menos a uma estimativa *relativa* de sua magnitude” (1915b/1996, p.186). Adotando uma perspectiva semelhante, Laplanche e Pontalis propõem que o adjetivo econômico

qualifica tudo o que se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências (1994, p.121)

Essas definições são especialmente úteis para compreendermos algumas dimensões do narcisismo, como por exemplo, a passagem do narcisismo primário para as relações objetais.

Com progressiva unificação corpórea, a pulsão passa a investir libidinalmente o ego. Esse acúmulo libidinal provoca uma elevação da tensão psíquica, que é sentido como uma situação desprazerosa. Para Freud o aparelho mental é “acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos” (1914/1996, p. 92). Isso significa que é impossível um sujeito suportar indefinidamente um aumento tensional. Com a instalação do narcisismo primário começa a se fazer necessário a existência de vias de escoamento do excesso libidinal.

É por conta de tal quadro que existe a passagem do narcisismo primário para as relações objetais. Segundo Freud, a necessidade dessa modificação do destino da libido

surge quando a catexia do ego com a libido excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos

destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar (1914/1996, p.92).

É por existir um aumento tensional até níveis desprazerosos que se passa do narcisismo primário para as relações de objeto.

O ponto de vista econômico, além de ajudar a compreender a passagem do narcisismo para as relações objetais, também elucida a relação entre a libido do ego e a libido objetal. Essas duas formas de manifestação da libido não apontam para a existência de dois tipos de energia distintos, mas sim para dois destinos de investimento diferentes.

Freud propõe que inicialmente é o ego que concentra a libido, conforme o narcisismo primário, e somente depois que ela é utilizada para investir os objetos, o que significa dizer que existe

uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionada com os pseudópodes que produz (1914/1996, p.83)

Portanto, existe apenas um tipo de energia, que é limitado e que ora investe o ego, ora investe o objeto. Na verdade, é possível concebermos essas duas possibilidades como uma gangorra, pois quanto mais a libidos e direciona a um dos polos, menos presente estará no outro. Existe uma verdadeira antítese entre essas duas possibilidades. Deussoant (1992) aponta que Freud recorre a uma hipótese de um *balanceamento energético*: para investir um elemento, o outro deve ser necessariamente desinvestido.

É possível localizar alguns estados que representariam um investimento prioritário no objeto ou no ego. É por isso que se concebe que a expressão máxima da libido objetal se dá “no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal” (FREUD, 1914/1996, p.83). Em contrapartida, existiriam condições nas quais a libido narcísica se apresentaria de modo mais definido, que é o que ocorre em manifestações psicóticas, quando existe um colapso psíquico por uma retirada massiva da libido objetal e consequente investimento no ego (FREUD, 1911a/1996; 1914/1996).

Partindo da antítese entre esses dois estados, é compreensível que após o rompimento de um investimento objetal a libido se dirija para o ego, ou seja, a libido não é simplesmente destruída. É justamente esse o mecanismo do narcisismo secundário. Em estados como o luto esse movimento é facilmente perceptível, afinal, após a perda do objeto amado o sujeito enlutado fica insensível aos encantos de outros objetos, ou seja, fica narcisicamente isolado e somente gradativamente, após a realização de um trabalho psíquico, é que passa a conseguir a catexizar outros objetos.

2.4.3 Narcisismo e dinâmica

Ao se falar em dinâmica, é acentuado o papel do conflito psíquico. Essa noção diz respeito em última instância ao embate pulsional (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994), mas se atualiza em várias situações, como, por exemplo, no fenômeno do recalque. No texto de 1914, o narcisismo ocupa uma posição nodal por evidenciar alguns problemas que resultaram na superação do primeiro modelo pulsional, representado pelas pulsões do ego e de auto-conservação, pelo segundo modelo, organizado a partir das pulsões de vida e de morte.

O conceito de pulsão se fez presente muito cedo na obra freudiana e já em 1905 era um elemento importante no interior dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Todavia foi somente a partir de 1910, na obra *A compreensão psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, que foi postulada claramente a existência de duas formas conflitantes da pulsão. Por um lado existiriam as pulsões do ego, que se ocupariam da manutenção da vida e que possuem um tipo de energia claramente definido: o interesse. Por outro lado, em oposição ao primeiro tipo, existiria a pulsão sexual, que contaria como tipo de energia a libido.

O desenvolvimento da teoria do narcisismo impõe, ainda, algumas questões que desafiam essa forma de organização pulsional bem delimitada. Ao postular a existência do narcisismo primário, Freud sinaliza que o ego é constituído pela libido e que se serve desse tipo de energia para se relacionar com o mundo. Dessa maneira, uma separação entre um tipo de energia própria ao ego, o interesse, e outra diferente ligada à esfera sexual perde gradualmente sua clareza. Tal impasse é perceptível em uma pergunta presente no texto de 1914: “se concedermos ao ego

uma catexia primária da libido, por que há necessidade de distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não-sexual dos instintos do ego?” (FREUD, 1914/1996, p.84).

Curioso observar que para essa pergunta não é apresentada nenhuma resposta definitiva no texto *Sobre o narcisismo*. Freud elucida apenas que a separação entre libido do ego e a energia não sexual do ego são desdobramentos lógicos de sua teoria pulsional. Já no texto de 1914 é perceptível a dificuldade de manter a rígida separação entre as duas classes pulsionais e por mais de uma vez é possível perceber a abertura de possibilidades de revisão. Freud chega a dizer que pode abandonar a hipótese da separação entre pulsões do ego e sexuais “se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre os instintos” (FREUD, 1914/1996, p.86).

Na verdade, esses incômodos só serão resolvidos a partir de 1920 com a proposição da segunda teoria pulsional. A pulsão de vida abarcará o que anteriormente era denominado de pulsões do ego e sexuais, eliminando assim a dicotomia entre esses elementos, uma vez que passam a ser concebidos como expressões diferentes do mesmo fenômeno. Porém, apesar do narcisismo ter abalado a fundamentação pulsional do aspecto dinâmico, ele ainda foi utilizado para explicar outros fenômenos, como o recalque.

Segundo Freud, o narcisismo primário não é inteiramente convertido em investimento objetais, pois uma parte importante é utilizada para a criação do ideal do ego, o que significa dizer que

O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual como o ego infantil se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (FREUD, 1914/1996, p.100).

O ideal do ego é fundamental para o processo de recalque, pois representa a atualização no psiquismo das exigências culturais que recaem sobre o indivíduo. Freud chega a dizer explicitamente que “para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão” (1914/1996, p.100).

A proposição do ideal do ego foi um dos elementos mais importantes materializados em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, uma vez que será uma das ideias percussoras daquilo que posteriormente será denominado de superego.

Embora seja possível localizar já no texto de 1914 uma série de discussões e conceitos que posteriormente impactarão a proposição da segunda tópica, ainda é necessária a consideração de alguns textos publicados entre 1914 e 1923. Tais obras desenvolvem alguns pontos centrais que foram anunciados na obra capital do narcisismo e que permitem uma melhor compreensão do que foi a virada de 20.

2.5 Desenvolvimento do narcisismo após 1914

Após a introdução do narcisismo na metapsicologia freudiana, algumas investigações se mostraram especialmente férteis para o desenvolvimento do conceito. Uma delas foi a consideração dos estados de luto e melancolia, que são o objeto do artigo homônimo escrito em 1917. As perdas objetais, desde *Totem e tabu* (1913), mas principalmente após *Sobre o narcisismo uma introdução* (1914), passaram a ser relacionadas a alguma manifestação narcisista.

Ao analisar o luto e a melancolia, Freud propõe que tais estados surgem diante de uma perda de um ente querido ou de uma ideia abstrata que foi libidinalmente investida. Ainda que existam aproximações nas causas precipitantes desses fenômenos, é necessário reconhecer que as operações psíquicas envolvidas são distintas. A explicação metapsicológica para ambos os casos são marcadamente diferentes e é nessa disparidade que podemos acompanhar algumas importantes ideias que auxiliaram na elaboração da segunda tópica.

O luto é concebido como a reação normal diante de uma perda. A libido que antes tinha sido utilizada para investir o objeto retorna ao ego, tal como Freud descreveu no narcisismo secundário (1914/1996). Essa retração libidinal faz com que o indivíduo perca o interesse pelo mundo, a capacidade de amar e não inicie qualquer atividade. Apesar da ampla modificação psíquica que o luto ocasiona ele não é concebido como uma manifestação patológica, uma vez que ele é universal e possui um caráter passageiro.

O estabelecimento do luto está relacionado com a dificuldade que os homens têm de abandonar “posições libidinais” (FREUD, 1917a/1996), o que significa dizer

que ainda que um dado objeto tenha sido perdido, o psiquismo tenta a todo custo prolongar a relação. Esse momento de reclusão narcísica característico das pessoas enlutadas é justamente a última tentativa de manter o vínculo. O teste da realidade, todavia, demonstra para o sujeito a inexistência do elemento amado e faz com que um trabalho psíquico se inicie. Para Freud, a superação do luto estabelece uma condição na qual “cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas” (1917a/1996, p.250). O desinvestimento se processa pouco a pouco e ao término do processo a libido que tinha retornado para o ego torna-se novamente disponível para novos investimentos.

Muitas destas características também ocorrem na melancolia, porém existem diferenças importantes que devem ser sublinhadas. Assim como no luto, a melancolia também se inicia com a perda de um objeto, com a diferença que somente nesse segundo estado não se sabe exatamente o que foi perdido, ou seja, “a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência” (FREUD, 1917a/1996, p.251). Além disso, somente nessa condição é que se observa que o sujeito se apresenta como totalmente desprovido de qualidades e não hesita em lançar toda sorte de críticas sobre ele próprio. Se no luto é o mundo que perde o seu valor, na melancolia é o próprio ego que emerge como empobrecido (FREUD, 1917a/1996).

Essa condição do melancólico está diretamente ligada ao modo como se dá a relação objetual, que como esclarece Freud (1917a/1996) foi executada a partir de uma base narcisista. Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) é proposto que uma pessoa pode escolher um objeto tomando dois modelos básicos: a partir dos cuidadores, denominado de escolha anaclítica, ou a partir dela mesma, que é a escolha narcisista. É típica da segunda alternativa a possibilidade de substituição da relação objetual pela identificação.

Tal resolução fica mais inteligível se retomarmos os quatro modos típicos da escolha narcisista, que segundo Freud (1914/1996) ocorrem na tentativa de amar: a) o que a pessoa é, b) o que ela foi, c) o que gostaria de ser ou d) alguém que já foi parte dela. É o ego nas suas diferentes temporalidades, passado, presente e futuro, que se afirma como o elemento a ser buscado. O objeto é amado naquilo que ele é o sujeito. O ego é o ponto de referência que delimita a relação, mas também é o

fator mais afetado diante de um rompimento. Ele se identifica com o objeto perdido, para assim ainda continuar a amar.

Além da regressão da relação objetal narcisista para a identificação, outra característica importante da melancolia é a notável auto-desvalorização do sujeito. Essa condição emerge a partir da ambivalência em relação ao objeto. Aquilo que o sujeito ama é simultaneamente odiado e essa agressividade não é eliminada com o rompimento do vínculo objetal. Ela é atualizada no ataque que uma parte do ego faz em relação à outra parte que foi modificada pela identificação com o objeto perdido.

Esses mecanismos foram descritos por Freud e explicitam a existência de uma divisão egóica fundamental. A proposição de um agente crítico no interior dessa instância é um dos germes que posteriormente culminarão com a proposição do superego. Isso fica especialmente claro quando são discutidos os destinos que o melancólico dá para a libido que anteriormente era utilizada nas relações objetais, já que ela

não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pode, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (FREUD, 1917a/1996, p.254-255).

A discussão sobre a melancolia traz indicações importantes, das quais cabe ressaltar ao menos dois pontos que são fundamentais para acompanhar como o narcisismo impactou a elaboração da segunda tópica. A primeira é a explicitação de processos em que o ego se encontra cingido e que uma das partes é inconsciente e a segunda é a descrição de estados nos quais a relação objetal é substituída por uma identificação.

Essa relação entre narcisismo e identificação constitui um dos temas mais intrincados em psicanálise por se articular com oposições que nem sempre são claramente delimitadas pela metapsicologia, como por exemplo, o eu e o outro, dentro e fora, o igual e o diferente, a auto-suficiência e a necessidade da alteridade. Conforme aponta Miguez (2007), a identificação é um fator mutável dentro do pensamento freudiano e que se complexifica ao associar-se com o narcisismo. Para

corroborar esse argumento basta lembrar que essa díade esteve presente em trabalhos como *Leonardo da Vinci* (1910a), *Totem e tabu* (1913), *Sobre o narcisismo* (1914) e como foi exposto acima também em *Luto e melancolia* (1917a).

Em 1920 Freud apresenta algumas construções importantes acerca desses elementos e no texto *Psicologia das massas e análise do ego* propõe três tipos de identificação. A primeira remeteria a uma condição primitiva, nos momentos de formação do aparelho psíquico e nesse caso a identificação seria concebida “como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1920/1996, p.115). O segundo tipo seria o regressivo, no qual a libido que antes era utilizada para investimento objetal passa a se direcionar para a modificação egóica. Freud define essa segunda possibilidade como aquela na qual “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação” (FREUD, 1920/1996, p.116). Por fim, também é citada a identificação que ocorre independentemente de qualquer relação sexual com o objeto, bastando para isso que exista um ponto em comum entre os sujeitos. Freud estabelece que esse último tipo pode ser denominado de identificação histérica.

É especialmente válido determo-nos um pouco mais nas duas primeiras possibilidades de identificação. No primeiro tipo, também denominada de identificação primária (MIGUELEZ, 2007; LAPLANCHE; PONTALIS, 1994) o fenômeno ocorre em um momento no qual ela não pode ser tão facilmente distinguida do (re)encontro com o objeto (FREUD, 1923/1996), ou seja, ela é anterior às relações objetais plenamente constituídas. Não parece ser forçado supor uma relação entre a identificação primária e o narcisismo primário (FREUD, 1914/1996). A formação do ego e do não-ego exige uma condição na qual esses elementos não estão claramente diferenciados e nesse momento o sujeito é aquilo que ele ama, ou em outras palavras, os objetos incitam uma modificação nele e isso é realizado às expensas da libido narcísica.

A identificação primária poderia lançar alguma luz sobre a psicogênese do narcisismo primário, questão que ficou em aberto no texto de 1914. Tal fenômeno poderia atuar na formação do ego, que por meio da dialética entre o eu e o não-eu forneceria aquilo que Freud denominou de nova ação psíquica necessária para o surgimento do narcisismo. Mas também, e de maneira articulada, a identificação primária poderia explicar o primeiro enlace entre a criança e seus pais. Nesse caso devemos lembrar que a identificação não pressupõe necessariamente a assimilação

da pessoa total, mas sim de algum de seus traços. O que poderia acontecer é que a criança se identificasse com o narcisismo que os seus pais projetaram sobre ela. Segundo Laplanche (1985), tal solução é apenas parcial, pois se por um lado explica o surgimento do narcisismo na criança, por outro deixa aberto os motivos que ocasionaram o narcisismo nos pais e isso nos obrigaria a pular retroativamente de narcisismo em narcisismo.

Dando continuidade a essa linha de raciocínio, poderíamos dizer que a identificação primitiva está para o narcisismo primário assim como a identificação regressiva está para o narcisismo secundário. Isso significa apontar que ao existir uma situação na qual a vinculação objetal é substituída por uma apropriação do sujeito das características do objeto existe um refluxo libidinal para o ego. Essa comparação não está explicitamente construída no texto freudiano de 1920, mas é uma alternativa logicamente coerente. Miguelez (2007) aponta que

É difícil pensar que “o eu tome sobre si as propriedades do objeto”, ou que “tome emprestado um único traço dele” para outra coisa que não seja atrair sobre si os investimentos que antes estavam alocados no objeto. É evidente que a identificação é um dos caminhos de transformação da libido objetal em libido narcisista (MIGUELEZ, 2007, p.131).

A identificação regressiva é o tipo de processo que entra em ação na melancolia e, por consequência, também é o mecanismo responsável pela instauração do ideal do ego. Essa afirmação presente no texto de 1917 foi novamente retomada em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1920) demonstrando que progressivamente essas elaborações teóricas se solidificavam no interior da psicanálise.

Ao analisarmos os textos que estão às vésperas da formalização da segunda tópica, principalmente no que tange à dinâmica entre narcisismo e identificação, é necessário reconhecer que essa relação sempre esteve presente nas principais obras freudianas sobre o narcisismo. Mesmo nos momentos mais primitivos, como nos *Três ensaios* (1905) ou *Leonardo da Vinci* (1910a), o narcisismo já pressupunha uma associação com a identificação para explicar a homossexualidade, por exemplo. Os desdobramentos dessa díade fornecerão importantes argumentos que irão auxiliar a instauração da segunda tópica do aparelho psíquico, conforme será visto no próximo capítulo.

Capítulo 3

As contribuições do narcisismo para a elaboração da segunda tópica

3.1 O desenvolvimento do conceito de ego

O desenvolvimento do conceito de narcisismo instaurou questões para a metapsicologia freudiana. É possível localizar diferentes interpretações sobre como esse conceito impactou a obra de Freud. O narcisismo contribuiu para a instauração da noção de sujeito no interior do aparelho psíquico (MEZAN, 1998; BIRMAN, 1997), para a redefinição da teoria pulsional (GREEN, 1989), para uma visão mais abrangente da psicogênese da psicose (MIGUELEZ, 2007) ou ainda para redefinir a compreensão freudiana de conflito psíquico (COSTA, 2003).

Esse quadro permite afirmar que a pluralidade do conceito de narcisismo, tal como foi exposto no capítulo 2 desta dissertação, foi uma mediação fundamental para algumas transformações na metapsicologia e na clínica freudiana. Dentre esse espectro, uma articulação especialmente importante foi a elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico, principalmente no que tange à estruturação de seus sistemas.

É clara a contribuição do narcisismo para a redefinição da noção de ego, bem como para o desenvolvimento do conceito de superego. As mediações e as implicações de tal transformação serão os pontos abordados neste capítulo.

3.1.1 O ego nos escritos pré-psicanalíticos

Apreender o que se concebe por ego é uma tarefa especialmente complexa, dada a sua recorrência na obra de Freud. O termo está presente tanto nas publicações pré-psicanalíticas, quanto nas últimas obras do autor. Durante esse período suas transformações foram relevantes e sua incidência foi variável. Como estratégia de análise, esse conceito será avaliado em quatro momentos distintos: nas publicações pré-psicanalíticas, nos anos iniciais da primeira tópica, na sua

redefinição provocada pelo desenvolvimento do conceito de narcisismo e na sua conceitualização ligada à segunda tópica.

A razão de recorrermos às publicações anteriores a 1900 não se deve apenas a uma tentativa de apreensão total do que é o ego em psicanálise. Evidentemente existem diferenças importantes entre essa parte da obra e o que foi elaborado após a publicação da *Interpretação dos sonhos*. Tal cenário aponta para a necessidade de cautela ao trabalharmos com estes textos, não esquecendo jamais que os termos utilizados por Freud nesse momento da sua produção poderão se revestir de outros significados em etapas posteriores de sua obra. Assim, palavras como consciência, inconsciência e ego, termos que são recorrentes nos escritos pré-psicanalíticos, nem sempre coincidem totalmente com o que será elaborado após a primeira ou a segunda tópica. Porém, mesmo cientes destas advertências, o que é especialmente interessante de se notar é que existem várias formulações freudianas sobre o ego elaboradas antes de 1900 que irão se manter nos anos subsequentes e constituiriam uma visão sobre o conflito psíquico.

Os escritos pré-psicanalíticos representam o momento no qual Freud estava trabalhando em um referencial neurológico. A dimensão da biologia e da energética ainda se constituíam como o terreno privilegiado de sua reflexão, somando-se a isso que o esforço hermenêutico não tinha se desenvolvido em toda a sua potencialidade (RICOUEUR, 1977). São exemplos desse momento os textos *Projeto para uma psicologia científica* (1895b) ou ainda uma série de rascunhos elaborados por Freud que surgiram da sua correspondência com Fliess, nos quais o autor se debruça sobre os mecanismos do conflito psíquico, especialmente os *Rascunhos H, K e N*.

Ao tratarmos do *Projeto*, um dado que precisa ser previamente considerado é que ele apresenta uma série de construções que podem ser tomadas como sendo as percussoras dos modelos de aparelho psíquico (GARCIA-ROZA, 2009), contudo, ele difere dos modelos posteriormente elaborados por se assentar explicitamente em uma base neurológica. Já no início do seu trabalho Freud anuncia que

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição (1895b/1996, p.347).

Essa passagem marca a sua diferença com as construções ligadas a primeira e a segunda tópica, uma vez que nesses escritos posteriores o aparelho psíquico era anunciado como possuindo uma condição metafórica.

Mesmo tendo em vista essa importante diferença, a consideração do *Projeto* interessa nesta dissertação porque nele Freud apresenta uma teoria sobre o ego. É curioso notar que já nesse momento existem formulações fundamentais sobre esse objeto que irão se manter nos escritos posteriores e só irão se alterar com o desenvolvimento das discussões acerca do narcisismo. As funções desempenhadas pelo ego só podem ser acompanhadas se estiverem relacionadas com os outros componentes do aparelho, o que nos direciona para uma descrição de algumas características do modelo de 1895.

O artigo se baseia na distinção entre os tipos de neurônios e na circulação de energia entre eles. A energia que provém do mundo externo é denominada de Q e quando incide na rede neuronal é denominada de $Q\eta'$. Existiriam neurônios que continuamente estariam abertos à recepção de estímulos, ao passo que outros nem sempre estariam aptos a novas estimulações.

Essa disponibilidade para a circulação de $Q\eta'$ é a base para a primeira diferenciação do sistema. Freud propõe que

existem neurônios permeáveis (que não oferecem resistência e nada retêm), destinados à percepção, e impermeáveis (dotados de resistência e retentivos de $Q\eta'$), que são portadores da memória e, com isso, provavelmente também dos processos psíquicos em geral. Daqui por diante chamarei ao primeiro sistema de neurônios de ϕ e, ao segundo, de ψ (1895b/1996, p.352).

Assim, os neurônios ϕ seriam responsáveis pela percepção, ao passo que os neurônios ψ constituiriam um sistema de operações psíquicas, das quais se destaca a memória.

A rede neuronal ϕ e ψ atuam na administração das quantidades de energia que incidem sobre o organismo. As estimulações podem ser tanto de origem exógena, incidindo sobre ϕ , quanto endógena, incidindo sobre ψ , que como já foi dito também é responsável pela memória. Tais características dão conta dos aspectos quantitativos: recepção, circulação, retenção e eliminação de energia, porém não conseguem elucidar a dimensão qualitativa. É evidente que a experiência humana não se baseia apenas em relações de intensidades variáveis com o mundo, mas é

sim composta por uma interpretação sobre essas intensidades, o que significa dizer que existe uma atribuição de qualidades aos estímulos recebidos.

Freud não se furta da tentativa de analisar tal fenômeno e constata que a rede neuronal ϕ e ψ é insuficiente para explicar como se opera a passagem do aspecto quantitativo para o qualitativo. Esse quadro acaba por conduzir a suposição de que exista

um terceiro sistema de neurônios – ω , talvez [pudéssemos chamá-lo] – que é excitado junto com a percepção, mas não com a reprodução, e cujos estados de excitação produzem as diversas qualidades – ou seja, são *sensações conscientes* (FREUD, 1895b/1996, p.361).

Temos assim um quadro no qual existem três neurônios: um destinado ao recebimento de estímulos, à dimensão perceptiva (ϕ), outro destinado à retenção destes estímulos, formação da memória e dos demais processos psíquicos (ψ), e um terceiro que é apto a traduzir o que se passa nas outras duas redes para uma dimensão qualitativa ou em, outras palavras, consciente (ω). A relação entre esses três componentes é dinâmica e se estabelece levando em conta certos princípios econômicos.

O primeiro dado a ser levado em conta é que o aparelho proposto por Freud não é capaz de suportar a livre circulação de todos os estímulos, sejam eles provenientes do mundo externo, sejam provenientes do interior do organismo, como, por exemplo, os estados biológicos de necessidade ou de desejo. A existência de uma estimulação ininterrupta levaria a um aumento tensional que ameaçaria a integridade do aparelho e no limite levaria o organismo à morte.

Diante de tal quadro, Freud propõe que o aparelho conta com uma tendência primitiva de buscar o menor nível de excitação. Essa condição é denominada de *princípio da inércia*, que consistiria na “tendência do sistema nervoso, (...) de evitar que ele fique carregado de $Q_{\eta'}$ ou a de reduzir a carga ao mínimo possível” (1895b/1996, p.353). No limite essa redução apontaria para a redução da $Q_{\eta'}$ ao nível zero. Não é sem razão, portanto, que alguns autores localizem aí algumas das diretrizes do que posteriormente será denominado de pulsão de morte (GREEN, 1989).

A redução dos níveis de $Q_{\eta'}$ estaria ligada à obtenção de prazer e, principalmente, à fuga do desprazer. Embora regule o funcionamento de todo o

sistema, a percepção qualitativa tanto do prazer quanto do desprazer está ligada aos neurônios ω . Garcia-Roza (2009) estabelece que isto representa um esboço inicial “do que viria mais tarde ser chamado de princípio do prazer” (GARCIA-ROZA, 2009, p.52), posição também defendida por Green (1989), que aponta que tal princípio pode ser encarado como uma derivação do princípio de constância. Esses conceitos serão de fundamental importância para desenvolvimentos metapsicológicos ulteriores.

É dessa maneira que se nota que os neurônios ϕ se organizam para não receberem a totalidade de estimulação perceptiva do mundo externo, captando apenas uma parte dos estímulos. Ou ainda que os neurônios ψ busquem reinvestir a $Q\eta'$ na memória das experiências de satisfação, reproduzindo momentaneamente, e de maneira imperfeita, o prazer obtido e a conseqüente redução de tensão.

O princípio da inércia permanece todo o tempo como o horizonte que organiza os processos mentais. Todavia, a complexificação do organismo fez com que surgisse uma série de necessidades internas que o obriga a buscar objetos exteriores para a sua satisfação. A total descarga de $Q\eta'$ impossibilitaria que as ações necessárias para tal obtenção fossem executadas. Isso aponta, então, para a necessidade de se resguardar um nível ótimo de energia $Q\eta'$, notando-se assim uma modificação do princípio da inércia, denominado de princípio da constância, que segundo Freud consistiria “no empenho de ao menos manter a $Q\eta'$ no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante.” (FREUD, 1895b/1996, p.349).

Conforme aponta Garcia-Roza, “o princípio de inércia e o princípio de constância estão relacionados a uma das distinções mais fundamentais que Freud faz no *Projeto*: a distinção entre processos primários e processos secundários” (GARCIA-ROZA, 2009, p.49). Isso fica claro quando notamos que o primeiro princípio sempre tende para uma descarga direta e imediata, ao passo que o segundo pressupõe um adiamento da descarga, que só pode ser obtida por meio da ligação com objetos que tragam satisfação.

Neste arcabouço o ego surge como sendo um dos componentes do sistema ψ ⁷ e possui uma dupla função: ele deve inibir algumas descargas imediatas que acarretariam um prejuízo ao organismo e também reter uma cota de $Q\eta'$ para ser usada em ações que efetivamente provoquem a obtenção de prazer e a fuga do desprazer.

No que se refere ao primeiro aspecto, cabe lembrar que o sistema ψ é responsável pela memória e pode, em atendimento ao princípio da inércia e ao processo primário, buscar o rebaixamento tensional re-catexizando as lembranças de satisfação. A simples rememoração possui apenas resultados imediatos e transitórios, uma vez que não é capaz de eliminar as fontes de estimulação que provocam os estados de desejo e necessidade. Seria um desperdício de $Q\eta'$ se utilizar irrestritamente desse mecanismo.

Além disso, também deve ser sublinhado que uma re-catexização massiva das lembranças de satisfação faria com quem elas fossem percebidas como reais. Isso significa que caso não seja interrompido o processo se estabeleceria a alucinação da satisfação, mecanismo esse que é largamente utilizado no início da vida quando não se tem as condições necessárias para se obter diretamente os objetos de satisfação, mas que se mostra insuficiente em etapas posteriores quando já se domina o controle da motilidade. É por tal cenário que Freud pode então afirmar que é “a inibição pelo ego que possibilita um critério de diferenciação entre percepção e realidade” (FREUD, 1895b/1996, p.378). Fica evidente, portanto, que o ego é capaz de funcionar em um registro diferente daquele imposto pela exigência de descarga imediata, o que faz com que Freud afirme que “se o ego existe, ele deve inibir os processos psíquicos primários” (FREUD, 1895b/1996, p.376).

A segunda função do ego encontra-se intimamente relacionada com a primeira. Por ser necessário buscar estados em que a distribuição energética tenha os níveis mais baixos possíveis o ego retém, por um lado, a cota de $Q\eta'$ inibida e, por outro a utiliza em *ações específicas*, isto é, em fatores que efetivamente promovam a obtenção de objetos de prazer, por meio de “uma alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual)” (FREUD, 1895b/1996, p.370). Assim, o ego emerge no *Projeto* como uma mediação

⁷ Essa condição merece ser sublinhada, pois diferentemente dos outros escritos produzidos em sequência ao *Projeto*, não é a consciência, sob a figura dos neurônios Ω , que se encontra vinculada ao ego.

fundamental de uma suspensão temporária da tendência da satisfação imediata, para que a energia possa ser utilizada ligando-se a outros elementos diferentes do sujeito.

No *Projeto*, tal como nos posteriores trabalhos psicanalíticos, o ego está associado à busca do índice de realidade e aos processos secundários. Freud explicita essa característica ao estabelecer que

A *catexia de desejo*, levada ao ponto de alucinação, [e] a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designadas como *processos psíquicos primários*; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como *processos psíquicos secundários*. Ver-se-á que a condição necessária destes últimos é a utilização correta *das indicações da realidade*, que só se torna possível quando existe inibição por parte do ego (FREUD, 1895b/1996, p.379).

Não deixa de ser curioso notar que mesmo no *Projeto* o ego possui uma dimensão defensiva, ainda que isso seja elaborado partindo de bases rudimentares. Cabe ao ego buscar os melhores caminhos para a satisfação e o rebaixamento energético, seja evitando a alucinação pela inibição do investimento dos traços mnêmicos, seja pela busca das melhores vias de se obter o prazer e fugir do desprazer.

O *Projeto* é certamente um dos escritos mais importantes do dito período pré-psicanalítico, todavia, para a análise do desenvolvimento do conceito de ego, também é útil abordarmos outros textos desse período. Durante os anos iniciais Freud manteve uma profícua correspondência com Fliess, a qual pode ser tida como uma fonte valiosa de suas primeiras elaborações teóricas (GAY, 2009). Conforme aponta Bonfim (2008), dentro desse grupo inicial de textos existem três manuscritos que se destacam por evidenciar a relação entre ego e os processos de defesa, são eles: o *Rascunho H*, de 24 janeiro de 1895, o *Rascunho K*, de 01 de janeiro de 1896 e o *Rascunho N*, datado de 31 de maio de 1897.

Já em 1895, Freud tentava compreender o fenômeno da paranoia, propondo inclusive a centralidade do conceito de projeção para desvendar este estado. No *Rascunho H* (1895a/1996) é apresentado que a paranoia se constitui como um modo patológico de defesa diante dos conteúdos sexuais. Apesar de esse escrito versar principalmente sobre os mecanismos paranoicos, estes só são abordados por apresentar de maneira mais desenvolvida certos determinantes envolvidos no conflito

psíquico de maneira geral. Assim, o estudo desse estado psicótico permite uma melhor visão acerca de outros estados psicopatológicos, como a histeria, ideias obsessivas e confusão alucinatória (FREUD, 1895a/1996).

No que tange especificamente à paranoia, cabe notar que ela surge pelo fato dos elementos sexuais provocarem uma rejeição por parte do ego. Tal rejeição emerge sobre a figura do auto-julgamento, que na paranoia é substituído pela percepção da existência de um julgamento externo. A projeção incide sobre a fonte da censura, que por provir do exterior pode ser mais facilmente rejeitada.

A paranoia é, portanto, uma defesa contra as representações incompatíveis com o ego. A dimensão sexual é negada através do recalque e não deixa de ser curioso de se notar que em 1895 Freud apresentava esse processo de defesa quase como sendo explicitamente consciente. O autor propõe que o conflito paranoico repousa em um movimento de recalque *intencional*.

A histeria, as ideias obsessivas e a confusão alucinatória compartilhariam com a paranoia a mesma etiologia. A diferença na maneira como tais estados se apresentam repousariam na relação entre afeto, conteúdo da ideia e alucinações. Foge aos objetivos desta dissertação analisar pormenorizadamente as especificidades de tais estados, contudo é útil sublinhar o fator que unifica esses três fenômenos, uma vez que todos eles surgiriam por que “a ideia incompatível não tem acesso à associação com o ego” (FREUD, 1895a/1996, p.258). Isso apresenta que o conflito psíquico repousa no embate entre um conteúdo intolerável, por um lado, e o ego, por outro.

Essas construções serão mantidas nos outros escritos contemporâneos do autor. No Rascunho K (FREUD, 1896/1996) são abordadas as neuroses de defesa, que se apresentam a partir de três formas principais, sendo elas a neurose obsessiva, a paranoia e a histeria. O especial interesse que esse escrito apresenta é a explicitação de uma estrutura do desenvolvimento da neurose e o papel do ego nessa dinâmica. Segundo Freud, as neuroses de recalque se organizariam a partir de quatro momentos: 1-experiência sexual traumática e prematura que deverá ser recalçada, 2- O recalque efetivo em uma etapa posterior e a formação de sintoma primário, 3- um estágio de defesa bem sucedido, no qual o sintoma primário continua a existir sem grandes prejuízos para a saúde do sujeito. O quarto momento

é o que deixa mais explícito o papel do ego nessa dinâmica, o que torna pertinente a citação do texto freudiano. Esse estágio seria aquele

Em que as ideias recalçadas retornam e em que, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita: isto é, uma fase de ajustamento, de ser subjugado, ou de recuperação com uma malformação (FREUD, 1896/1996, p.269).

Fica claro, assim, que uma parte fundamental do conflito psíquico causador da neurose está ligado ao retorno de conteúdos inconscientes, mais especificamente conteúdos de memória que se tornaram inadmissíveis à consciência, e seu embate com o ego.

O papel do ego é novamente abordado no Rascunho N (1897). Nele é possível acompanhar que Freud vincula o ego aos sistemas consciente e pré-consciente. Ao analisar o fenômeno da crença, o autor estabelece que tal estado “pertence inteiramente ao sistema do ego (o Cs.) [consciência] e não tem contrapartida no Inc [inconsciência]” (FREUD, 1897/1996, p.305). Nota-se, portanto, uma sobreposição destes dois termos, tanto que eles podem ser intercambiáveis.

Ainda nesse mesmo escrito, existe uma seção intitulada de *Motivos para a construção dos sintomas* (FREUD, 1897/1996, p.306), título esse que não deixa de ser indicativo da importância desse rascunho para analisarmos as primeiras teorizações sobre o conflito psíquico. Nele se propõe que um dos determinantes da emergência do sintoma é que se nota, por um lado, o retorno dos elementos que foram recalçados e por outro “a *defesa*, surgindo do *Pcs* [pré-consciente] (o ego)” (FREUD, 1897/1996, p.307). Segundo Bomfin, no rascunho N seria possível constatar

A relação estabelecida por Freud entre ego e a consciência. Algo que escapa a consciência deve encetar no ego um processo de defesa. Assim, temos de um lado o conflito entre algo consciente e algo reprimido, ou, em outros termos, o conflito entre o ego e o reprimido. (BOMFIN, 2008, p.23)

A análise dos textos publicados antes de 1900 permite traçar uma síntese sobre as principais compreensões freudianas acerca do ego. É possível afirmar que: a) a partir do *Projeto...* o ego está ligado à substituição dos processos psíquicos primários pelos secundários, b) em todos os textos é possível verificar que o ego

possui uma dimensão defensiva, buscando preservar o sujeito do excesso de estimulação desprazerosa (*Projeto...*), ou ainda dos conteúdos recalçados inadmissíveis à consciência (Rascunhos H, K, N); c) especificamente nos momentos em que Freud vai abordar os fenômenos psicopatológicos (Rascunhos H, K, N) o ego surge como um dos polos, estando em contraposição aos conteúdos recalçados, formando assim o cenário do conflito psíquico e d) principalmente nos *Rascunhos H, K, N* o ego emerge como um elemento quase que totalmente coincidente com a consciência e a pré-consciência.

3.1.2 O ego nos anos iniciais da primeira tópica

A formalização da primeira tópica representa uma mudança ampla no pensamento freudiano. Diferentemente dos escritos anteriores, principalmente o *Projeto*, a psicanálise passa a propor a existência de um modelo que pode ser adjetivado de psíquico e não mais neurológico. Com a *Interpretação dos sonhos*, Freud não busca mais encontrar a base material ou biológica de seu aparelho, visto que a partir de 1900 ele é concebido como uma metáfora dos processos que guiam a vida anímica do sujeito. Isso não significa, evidentemente, que a dimensão biológica encontra-se permanentemente abolida do pensamento freudiano, mas sim que ela não se afirma como o seu *fundamento* (LAPLANCHE, 1992).

Tal transformação na teoria psicanalítica não deixou de impactar as elaborações sobre o ego. Afinal, ele não passa mais a ser associado às organizações neuronais. Com a publicação da *Traumdeutung* o ego começa a ser interpretado como um dado, como um constituinte do psiquismo e chega mesmo, após a virada dos anos 20, ao status de instância psíquica que constitui a segunda tópica.

Não deixa de ser curioso notar, contudo, que, apesar dessa importante alteração, não se nota outros grandes acréscimos na teorização sobre o ego, salvo a sua vinculação com as pulsões de auto-conservação. Durante a vigência da primeira tópica o que se nota é uma melhor descrição de alguns processos já anteriormente vinculados à dimensão egóica, tais como uma melhor análise do que constitui processos primários e secundários, ou ainda um aprofundamento sobre o papel do ego no mecanismo do recalque.

É possível falar que a partir da *Interpretação dos sonhos* o ego sofreu um eclipsamento na obra freudiana, de maneira que “este conceito possui um papel secundário na articulação tópica” (BONFIM, 2008, p.34). Isso se torna inteligível se atentarmos que o principal objetivo de Freud nessa época era explicitar o caráter determinante do inconsciente, elemento que é um verdadeiro ponto de ruptura com as posições filosóficas e científicas até então existente. Segundo Monzani,

O que o leitor assiste, de fato, em *A interpretação dos sonhos*, é o seguinte: de um lado uma redistribuição das funções do ego, e de outro, uma tendência geral a identificar esse conceito com o sistema pré-consciente e consciente. A razão desse fato talvez esteja em que, em *A interpretação dos sonhos*, Freud está muito mais preocupado em delimitar, circunscrever e estabelecer as leis e as regras que regulam esse espaço absolutamente original que tinha sido o resultado de suas descobertas clínicas – o inconsciente – do que propriamente caracterizar o seu polo oposto, o domínio dos processos secundários ou da instância de defesa (MONZANI, 1988, p.243).

É útil destacar essa vinculação entre o ego com os sistemas pré-consciente e consciente, pois são esses elementos os responsáveis pelo recalque.

Ainda no terreno da primeira tópica, a compreensão sobre o ego recebeu uma importante contribuição. No texto *A concepção psicanalítica dos distúrbios psicogênicos da visão*, Freud (1910b/1996) explicita a sua primeira dualidade pulsional, que é baseada na oposição entre as pulsões sexuais e o ego, também denominadas de auto-conservação.

Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud estabelece que a constituição da civilização depende do sacrifício da sexualidade, que deve ser restringida e transformada, por meio dos diques morais, éticos e estéticos, para que objetivos úteis à organização social fossem obtidos. O que o texto sobre os *distúrbios psicogênicos da visão* deixa explícito é que esse processo não é isento de contradições. O recalque da sexualidade, realizada pelo ego consciente, pode trazer consequências, como, por exemplo, os sintomas neuróticos (FREUD, 1910b/1996).

Na tentativa de uma melhor análise desse conflito, Freud propõe que ele, em última instância, repousa em um embate pulsional. A pulsão invariavelmente busca a sua satisfação, todavia ela não é um elemento unitário, de maneira que se constata que as manifestações pulsionais nem sempre são uníssonas na busca de seus objetivos. É por tal cenário que Freud pode falar que existe uma “inegável oposição

entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego” (FREUD, 1910b/1996, p.223).

As pulsões sexuais seriam aquelas que contariam como tipo de energia a libido, ao passo que as pulsões do ego repousariam no interesse. Caberia ligar a esse último grupo a faceta não sexual, condição essa indispensável para a estruturação do conflito psíquico. É por conta disso que Massota pode afirmar que

O primeiro modelo pulsional permite acentuar a necessidade teórica fundamental de um dualismo das pulsões: é necessário para outorgar à sexualidade o que lhe é específico enquanto tal poder distingui-la de um punhado de pulsões ou de um campo não sexual (MASSOTA, 1986, p.38).

Um elemento que vale ser assinalado é que no conflito psíquico “as pulsões do eu participam da defesa do eu contra sua invasão das pulsões sexuais” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.629). Desta maneira, a teorização sobre as pulsões do ego fornece o fundamento energético necessário para explicar como, na primeira tópica, o ego se apresentava como a instância recalçante.

Essa nova descrição das características do ego será mais bem detalhada em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911b), no qual também se nota que a teoria pulsional passa a ser mais articulada com os outros determinantes do ego.

O aparelho mental se orientaria a partir de duas tendências. A mais primitiva é denominada de *princípio do prazer*, que consiste na busca do rebaixamento do nível de tensão intrapsíquica. Tal condição é atuante nos primeiros momentos da vida, quando as limitações impostas pela realidade não são totalmente consideradas. Todavia, também é preciso notar que apesar de caracterizar o modo de funcionamento mental do bebê, ela permanece atuante durante toda a vida do indivíduo. É característico do princípio do prazer se guiar pelos processos primários, isto é, por mecanismos que busquem a descarga imediata da energia psíquica e que no nível topológico encontram-se ligados ao inconsciente (FREUD, 1911b/1996).

A perturbação da existência do princípio do prazer se dá pelo contato com a realidade e com as limitações inescapáveis que essa apresenta para o sujeito. É possível mesmo afirmar que “uma organização que fosse escrava do princípio do prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo não se poderia manter viva”

(FREUD, 1911b/1996, p.238). Isso ocorre pois por mais que a descarga ocorra sem mediações, por meio da alucinação, por exemplo, ela não é capaz de sanar as fontes de estímulos, como a fome ou a necessidade de encontrar objeto sexual.

É por tais exigências que entra em ação o princípio de realidade, que é a segunda tendência a ser seguida pelo aparelho psíquico. Em tal modo de funcionamento as características apresentadas pelo mundo externo são levadas em conta e a descarga só se efetua dentro das condições que são possíveis e não mais irrestritamente. O princípio de realidade obriga o aparelho psíquico a tolerar um aumento no nível de tensão, ainda que isso possa ocasionar o desprazer. É característico do seu modo de funcionamento os processos secundários, que estabelecem que a energia precisa estar ligada para poder escoar, com a diferença que isso se dá de maneira controlada e não irrestritamente. Do ponto de vista topológico, esse princípio organiza o modo de funcionamento dos sistemas pré-consciente/consciente e, por consequência, também do ego (FREUD, 1911b/1996).

O princípio de realidade estabelece uma relação dialética com o princípio do prazer, afinal ele consiste na sua negação. A descarga não pode ocorrer da maneira como o princípio do prazer preconiza. Porém, simultaneamente, ele também é um prolongamento do princípio do prazer, não só por ser sua modificação, mas também por buscar as condições em que são possíveis a obtenção do prazer e do rebaixamento tensional.

Cabe observar ainda que esses dois princípios são ligados à dualidade pulsional e remetem também a uma diferenciação tópica. Eles incidem de maneira diferenciada em cada uma das classes de pulsão. Assim, a pulsão sexual se relaciona de maneira muito mais consistente ao princípio do prazer, preservando a descarga imediata na *fantasia*, que atua no registro do inconsciente. Por sua vez, as pulsões do ego, justamente por buscarem a preservação da vida do indivíduo, garantindo assim a sua auto-conservação, se ligam ao princípio de realidade. É por essa condição que é possível afirmar que existe “uma vinculação mais estreita entre o instinto sexual e a fantasia, por um lado, e, por outro, entre os instintos do ego e as atividades da consciência” (FREUD, 1911b/1996, p.241).

Não é difícil verificar certas homologias entre estes dois princípios e as formulações descritas no *Projeto...* Isso corrobora a afirmação de que as construções elaboradas no período pré-psicanalítico sobre o funcionamento mental e sobre o ego continuam a ser vigente no pensamento freudiano, ainda que tenha

ocorrido uma grande transformação por conta da mudança do referencial neurológico para o psíquico. Durante a primeira tópica, a grande modificação da teoria sobre o ego está relacionada com o desenvolvimento do conceito de narcisismo, mediação essa que impactou fortemente a reformulação dessa instância e colaborou para a instauração de uma nova visão sobre o conflito estruturante do homem.

3.1.3 As implicações do narcisismo para a teorização do ego

O narcisismo medeia a passagem da primeira para a segunda teoria do aparelho psíquico. Sua incidência foi variável nessa transformação, de maneira que é possível ligá-lo a uma série de processos que culminaram com a segunda tópica. Dentre esse espectro, o seu impacto na reformulação sobre o ego foi um dos fatores mais determinantes.

Conforme foi apresentado acima, entre a *Interpretação dos sonhos* e a emergência do conceito de narcisismo, o ego não ganhou grandes acréscimos; de maneira que a maioria das proposições freudianas sobre esse objeto apenas retomavam as elaborações que foram anteriormente construídas no chamado período pré-psicanalítico. A modificação da visão psicanalítica sobre o ego é solidária com o aprofundamento da compreensão do narcisismo.

Cabe observar, porém, que essas mudanças não ocorreram de maneira repentina. Apesar de o narcisismo ter emergido em 1910, as suas principais implicações para o ego foram estruturadas a partir da publicação de *Sobre o narcisismo: uma introdução* e dos *artigos de metapsicologia*. Essa ampliação sobre o conceito de ego foi mais incisiva a partir de 1914 e se solidificou com a chamada virada da década de 20, cujo texto *O ego e o id* (1923) pode ser tomado como ponto emblemático.

Isso não significa que os primeiros escritos sobre o narcisismo nada informavam sobre o ego. Em uma análise retrospectiva é possível afirmar que desde o início o narcisismo contemplava, de alguma maneira, um jogo entre ego e identificação. Ao retornarmos aos textos iniciais que contavam com o termo narcisismo, momento em que ele se ligava a uma dimensão metafórica e não propriamente metapsicológica, observa-se que esse conceito dizia respeito ao

mecanismo de escolha objetal dos homossexuais. Esses sujeitos investiriam libidinalmente objetos que fossem semelhantes ao que eles foram quando criança, repetindo a relação que suas mães travavam com eles mesmos. Essa descrição está presente nos *Três ensaios sobre teoria da sexualidade* (1905/1996) e em *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910a/1996).

O investimento da imagem de si, que no horizonte aponta para o investimento libidinal do ego, sempre foi uma figura associada ao narcisismo. Porém, ainda seriam necessários alguns anos para que esse mecanismo ocupasse o centro da preocupação freudiana sobre o conflito psíquico. São partes integrantes desse processo as formulações propostas no *Caso Schreber* (1911a), pois pela primeira vez o narcisismo é tirado do domínio da perversão, estrutura a que inicialmente estava associado à homossexualidade, e passa a ser associado tanto à neurose, quanto à psicose. É nesse escrito que o narcisismo passa a ser descrito como uma etapa universal do desenvolvimento libidinal e que pode comportar fixações.

Apesar de estar presente em todas as estruturas, o narcisismo é utilizado neste texto prioritariamente para explicar a etiologia de fenômenos psicóticos. Na tentativa de fornecer uma descrição dos mecanismos atuantes na paranoia, Freud estabelece que nesse fenômeno.

a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se assim um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego (FREUD, 1910a/1996, p.79).

Fica explícito, então, que a condição psicopatológica analisada se apoia no ego engrandecido pela libido. O que é interessante notar, é que nesse momento da elaboração freudiana já seria possível suspeitar de certa dimensão inconsciente do ego, de algo dessa instância que funciona em um registro diferente da consciência e que atua na configuração dos estados psicóticos. Porém, apesar dessas condições já estarem esboçadas, só serão explicitamente anunciadas e tomadas como ponto de mudança apenas alguns anos depois.

É em *Sobre o narcisismo: uma introdução* que essa questão se instala definitivamente na problemática freudiana. Conforme foi exposto no capítulo 2 desta dissertação, a publicação dessa obra está intimamente vinculada com o que foi previamente elaborado, de maneira que é possível falar que ela é a síntese dos

escritos anteriores. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910a), *Caso Schreber* (1911a) e *Totem e tabu* (1913) foram os textos que contribuíram mais diretamente para a série de reflexões que estão presentes no texto de 1914.

Uma discussão especialmente importante desse texto é sobre a gênese do ego. Desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud defendia que a condição primordial da organização da sexualidade é o auto-erotismo e seria próprio dessa fase a existência de um corpo fragmentado. Essa dispersão inicial seria superada pela instauração do narcisismo, que conferiria um sentido de unidade ao sujeito.

Não é sem sentido, portanto, que Laplanche (1985), ao analisar o texto freudiano, defende que o narcisismo pode ser compreendido a partir de uma tripla incidência. Ele é simultaneamente a) um investimento de si, um amor de si mesmo, b) esse amor a si mesmo passa pelo investimento libidinal do ego e c) o investimento libidinal do ego é inseparável de sua própria constituição. Isso aponta para o fato de que o narcisismo é um dos elementos estruturantes do ego. É por conta desse tipo de investimento que a distribuição anárquica da pulsão pode encontrar certa unificação, ou seja, a libido antes dispersa pelas pulsões parciais passa a investir um único objeto, o ego.

A contribuição do narcisismo não se restringe à explicitação da gênese desse sistema por meio da superação da dispersão perverso polimorfa infantil. Ele também atua na consolidação de certas diferenciações dentro do ego. Esse processo é complexo e pode ser melhor analisado se considerarmos os impasses econômicos que a instauração do narcisismo primário impõe para o sujeito.

Conforme é apresentado por Freud, o investimento libidinal no ego acarreta uma elevação no nível de tensão psíquica, que em atendimento ao princípio do prazer precisa ser escoada. Diante de tal quadro, a libido passa então a ter dois destinos, o primeiro é a vinculação a objetos e o segundo é a criação de uma instância ideal. Essa instância representa uma diferenciação no interior do próprio ego e será um elemento importante para a estruturação do processo de recalque. Vale sublinhar que essa teorização será uma das bases para a posterior proposição do superego.

Ao falar sobre as instâncias ideais Freud apresenta duas figuras que estão inter-relacionadas, são elas o ego ideal (*Idealich*) e o ideal do ego (*Ichideal*).

Laplanche (1992) propõe que não diferenciar esses dois elementos é perder uma das nuances fundamentais do texto de 1914. A primeira dessas estruturas, o ego ideal, consiste na formação psíquica criada para preservar o fugidio momento no qual o ego encontrava-se revestido de toda a perfeição. Ele retrata a condição primitiva em que o sujeito era o seu próprio ideal. A segunda é denominada de ideal do ego, que é o parâmetro pelo qual o sujeito mede o seu ego real e que aponta o modelo a ser seguido. Justamente por apresentar uma utopia a ser perseguida essa formação delimita quais são os fatores que precisam ser negados através do processo de recalçamento.

É possível afirmar que existe um jogo entre essas instâncias ideais e o ego. Nota-se um reiterado movimento do sujeito em tentar preservar a onipotência infantil prévia às experiências de castração. Assim, podemos acompanhar Garcia-Roza quando afirma que

O narcisismo se desloca[...] do ego real para esse novo *ego ideal (Idealich)* que é dotado de todas as perfeições. Incapaz de renunciar a perfeição narcísica de sua infância, o homem procura recuperá-la sob a forma de um *ideal do ego (Ihideal)* (GARCIA-ROZA, 2009, p.203).

Um dado fundamental que precisa ser considerado na análise tanto do ego ideal quanto do ideal do ego é que “ambos apresentam formação inconsciente e ambos apresentam um caráter narcísico” (BONFIM, 2008, p.60). Vemos assim o início da discussão acerca de uma dimensão do ego que é simultaneamente um fator responsável pelo recalçamento e que funciona em um registro diferente dos sistemas Pré-consciente/Consciente.

As características do ideal do ego, em especial a agressividade e atividade crítica, são detalhadas em *Luto e melancolia* (1917a), obra na qual se privilegia a discussão sobre o narcisismo secundário. A existência de uma retração libidinal de caráter narcísico que surge diante de uma perda objetal está descrita desde *Totem e Tabu* (1913), mas somente no texto de 1917 é que são diferenciadas duas maneiras como esse fenômeno se apresenta. O primeiro é o luto, que consiste simplesmente no retorno momentâneo da libido para o ego, e o segundo é a melancolia, no qual a perda objetal adquire caráter patológico. É no desenrolar da análise desse segundo estado que serão desvelados alguns aspectos fundamentais do ego.

Especificamente no que tange à melancolia é possível observar que a perda objetual é substituída por uma identificação. Diante de um rompimento o ego assume traços do objeto para captar as catexias eróticas anteriormente vigentes. Esse processo é uma tentativa de se preservar as relações de amor, uma vez que segundo Freud “as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal” (FREUD, 1917a/1996, p.250).

Todavia, não é apenas o amor que compõe esse quadro. Devido a uma ambivalência constituinte das relações objetais também se observa a existência de impulsos agressivos. Esse embate entre amor e ódio é essencialmente inconsciente e Freud insiste nesse argumento ao falar, por exemplo, que a “localização dessas lutas isoladas só pode ser atribuída ao sistema *Ics*.” (FREUD, 1917a/1996, p.261), ou ainda, que a “ambivalência constitucional pertence por natureza ao reprimido” (FREUD, 1917a/1996, p.262).

Esses dados são importantes porque a ambivalência que anteriormente constituía a relação objetual é atualizada na relação entre o ego e sua parte modificada via identificação. A parcela do ego que assumiu as características do objeto passa a ser o destino da agressividade e da crítica. Esse processo é especialmente claro na melancolia, mas não se limita a ela e evidencia aspectos importantes da constituição do ego em geral. A substituição de uma relação objetual por uma identificação é um processo universal e indispensável para a estruturação egóica.

Assim, segundo Freud, existe um cenário no qual

Uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto. Nossa desconfiança de que o agente crítico, que aqui se separa do ego, talvez também revele sua independência em outras circunstâncias, será confirmada ao longo de toda a observação ulterior. Realmente, encontraremos fundamentos para distinguir esse agente do restante do ego. Aqui, estamos-nos familiarizando com o agente comumente denominado ‘consciência’; vamos incluí-lo, juntamente com a censura da consciência e com o teste de realidade entre as principais instituições do ego (FREUD, 1917a/1996, p.253).

Com esses avanços nota-se que o narcisismo atua na estruturação do ego e que nesse processo ele provoca uma torção na compreensão psicanalítica sobre esse objeto. Ele não é mais coincidente com os sistemas Pré-consciente/Consciente, tampouco o pleno representante da realidade externa no psiquismo, guiado por processos secundários e atrelado prioritariamente ao princípio

de realidade. O ego passa a ser entendido como algo que é formado pelas identificações e que, portanto, possui uma dimensão inegavelmente inconsciente. Além disso, essa parcela inconsciente é uma de suas atribuições fundamentais, afinal está implicada nos processos de defesa.

Essas alterações serão explicitamente anunciadas em *Além do princípio do prazer* (1920), obra que traz a apresentação sintética da nova visão psicanalítica sobre o ego. O primeiro dado a ser considerado é que o conflito psíquico é reinterpretado, passando da oposição entre os sistemas *Inconsciente* e *Consciente*, para o contraste entre o *ego coerente* e o *recalcado*.

Vale notar que Freud explicita que o ego não pertence exclusivamente ao pré-consciente/ consciente, mas sim que “grande parte do ego é, ela própria inconsciente, e notavelmente aquilo que podemos descrever como seu núcleo” (FREUD, 1920/1996, p.30). Essa afirmação está diretamente envolvida com a proposição de que as parcelas mais fundamentais do ego, por exemplo, aquelas responsáveis pelos processos de defesa, são inconscientes.-.

Essa dinâmica fica mais clara se retomarmos o processo de recalçamento. Segundo essa nova visão, o ego não atua simplesmente na retirada dos conteúdos da consciência, mas também impede, via resistência, o retorno desse material. O que é interessante de se perceber é que essa resistência egóica é tão inconsciente quanto o material que foi recalçado. A divisão entre os sistemas *Inc.* e *Pcs/Cs*, que era um elemento fundamental da primeira tópica, mostra-se então insuficiente, mas não necessariamente incorreta, para explicar o conflito psíquico.

Além do princípio do prazer é um dos textos centrais da chamada virada de 1920, por apresentar uma nova visão sobre a dinâmica pulsional, acentuando o papel determinante da pulsão de morte. Todavia, no que concerne às teorias do aparelho psíquico, é em *O ego e o id* que as alterações poderão ser mais visivelmente percebidas.

3.1.4 O ego e o id: formalização da segunda tópica

Se existe algo que pode ser apontado como presente em todo o projeto freudiano é a aposta radical no conflito psíquico. Não é exagero afirmar que a postulação de um sujeito cingido é a base na qual a psicanálise pode edificar sua

teoria. Como não poderia deixar de ser, essa característica também está presente no movimento que resultou na elaboração da segunda tópica.

O que se observa na chamada virada dos anos 20 é a tentativa de se explicitar novas facetas sobre o conflito. Nota-se a proposição de explicações mais englobantes, que abordam processos e características que não foram analisadas previamente, mas que, no entanto, não se constituem como uma negação de todo o projeto anterior. Conforme aponta Garcia-Roza (2009), o que se observa com a publicação de *O ego e o id* (1923) é mais um deslocamento temático do que uma ruptura em relação à primeira tópica.

Essa mudança consiste na consideração cada vez maior dos processos recaladores, ao invés do recalado. Evidentemente esses polos são inseparáveis, porém, é possível afirmar que o modelo de 1900 direcionava suas atenções prioritariamente para desvelar a natureza do inconsciente, suas características e modo de funcionamento, ao passo que em 1923 o que está em primeiro plano é o jogo dinâmico das instâncias que formam o recalado.

Para o estabelecimento dessa nova visão foi necessário o acúmulo de experiências clínicas e o avanço da exposição metapsicológica. Uma mudança dessa envergadura só poderia ser estruturada a partir da contribuição de uma gama de fatores. Todavia, nesse cenário, dois pontos merecem ser destacados: uma visão mais ampla sobre o inconsciente e uma compreensão diferenciada sobre o que é o ego; pontos que estão intimamente associados. Não é sem sentido, portanto, que Freud (1923) estabelece explicitamente que foram esses os principais elementos que o levaram a proposição da segunda teoria do aparelho psíquico.

A nova compreensão sobre o inconsciente já vinha sendo delineada nos anos anteriores e foi formulada explicitamente dentro de uma nova noção tópica em 1923. Monzani (1988) propõe que o que se assiste é a um alargamento do conceito de inconsciente, pois ele passa a conter uma série de mecanismos de defesa que são recalantes, mas que não foram submetidos a um processo de recalamento. A necessidade de se articular essas novas construções foi de importância capital para a elaboração da nova tópica. É devido à análise de novas facetas do inconsciente que Freud estabelece que

Reconhecemos que o *Ics.* não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics.*, mas nem tudo que é *Ics.* é reprimido. Também uma parte do ego – e sabem os Céus que parte tão importante –

pode ser *Ics.*, indubitavelmente é *Ics.* E esse *Ics.* que pertence ao ego não é latente como o *Pcs.*, pois, se fosse, não poderia ser ativado sem tornar-se *Cs.*, e o processo de torná-lo consciente não encontraria tão grandes dificuldades. Quando nos vemos assim confrontados pela necessidade de postular um terceiro *Ics.*, que não é reprimido, temos de admitir que a característica de ser inconsciente começa a perder significação para nós. Torna-se uma qualidade que pode ter muitos significados, uma qualidade da qual não podemos fazer, como esperaríamos, a base de conclusões inevitáveis de longo alcance (FREUD, 1923/1996, p.32).

A necessidade de uma nova conceitualização não significa, no entanto, o abandono da primeira tópica. Na verdade ela continua a existir no interior da segunda e permanece como um pano de fundo a partir do qual novos processos, vinculados a uma nova compreensão da dinâmica psíquica, podem ser pensados. É assim que Freud postula, no momento da anunciação da segunda teoria do aparelho psíquico, que a “propriedade de ser consciente ou não constitui, em última análise, o nosso único farol na treva da psicologia profunda” (FREUD, 1923/1996, p. 32).

O que fica evidente no argumento freudiano é que a abordagem de novas facetas do inconsciente é tributária das formulações sobre o ego. Acompanhamos no início desse capítulo como o ego foi inicialmente encarado como um conceito bastante próximo dos sistemas Pré-consciente/Consciente. Era essa a posição que integrava os escritos pré-psicanalíticos e que foi adotada no momento da formalização da primeira teoria do aparelho psíquico. Costa consegue sintetizar bem esse cenário e estabelece que na primeira tópica

a metapsicologia tinha a aparência de uma linguagem bem feita. Seus pressupostos eram fáceis de esquematizar. O conflito psíquico, pedra angular da psicanálise, explicava-se por um jogo de forças onde as partes se diferenciavam com nitidez. De um lado, as pulsões sexuais; as representações recalcadas; o princípio do prazer e os processos primários; do outro, as pulsões de autoconservação; as forças recalcantes; o princípio de realidade e os processos secundários. O Ego representava, no sistema *PCs-Cs*, os interesses da autoconservação e o princípio da realidade. Dele derivava a censura, que mantinha nas fronteiras deste sistema as representações sexuais. Os pólos da tensão eram claros. O ego recalcava; defendia os interesses da autoconservação e do equilíbrio psíquico: a representação inconsciente era recalcada, pois a realização da noção sexual punha em risco este mesmo equilíbrio (COSTA, 2003, p.152).

Tal quadro começou a ser alterado com a introdução do conceito de narcisismo, uma vez que ele permitiu encarar o ego como um sistema complexo, fundado a partir de um jogo de identificações e que não coincidia totalmente com a consciência. Não é sem razão, portanto, que Monzani afirma que “se o ego possui partes que são inconscientes, isto implica [...] uma contradição com os postulados

da primeira tópica” (MONZANI, 1988, p.241). Essa contradição repousa, como vimos, no fato de que os elementos recalcantes são tão inconscientes quanto o recalcado. Tal impasse é de importância central, pois o que ele articula são as figuras que compõem o conflito psíquico. O seu desenvolvimento implica necessariamente a reavaliação de algumas bases conceituais da psicanálise, como o aparelho psíquico. Ainda acompanhando Costa nota-se que

Com o narcisismo, o Ego passa de aliado à Quinta coluna de homeostase mental. Freud tenta reestruturar a teoria. Propõe em sua Segunda tópica a divisão do Ego numa parte inconsciente e numa parte pre-consciente-consciente. Esta saída trouxe para a psicanálise mais desconforto que alívio, pois uma pergunta ficava no ar: que Ego é este que ao mesmo tempo que se define como aquilo que recalca possui as mesmas propriedades do recalcado? Onde e como ficava a distinção tópica, econômica e dinâmica que fazia do conflito psíquico uma noção teoricamente coerente? O ego deixava de ser o puro embaixador da realidade junto ao psiquismo. Em sua origem narcísica não era mais o outro na realização alucinatória do desejo. Não apenas o narcisismo, a teoria das identificações desde luto e melancolia passando pela Psicologia das Massas... até o Ego e o Id também apontava para esta gênese insuspeita da estrutura egóica. Objetivos do Ego e finalidades da libido de repente confundiam-se, fundiam-se, minando nesta fusão os alicerces da metapsicologia. O Ego tornava-se agora uma representação do tipo de representação sexual recalcada da primeira tópica (COSTA, 2003, p.159).

Essa alteração do estatuto do ego fica mais clara ao nos debruçarmos sobre as características do aparelho psíquico elaborado na segunda tópica. Em 1923 a teoria freudiana conta com a tríade id, ego e superego. O primeiro desses elementos, o id, é aquele que é mais primitivo e é o estrato mais profundo da mente. Todavia, conforme aponta Monzani (1988), dentre os três sistemas ele foi o último a ser teorizado por Freud, afinal a estrada que levava tanto ao ego quanto ao superego já tinha sido em grande parte construída nos textos metapsicológicos anteriores. A postulação desse sistema acentua fortemente a dimensão impessoal que governa o homem, o que se afirma como um fortalecimento do projeto freudiano de explicitar o descentramento da noção de sujeito como autônomo e consciente.

O id é o único elemento que é inteiramente inconsciente, embora deva ser sublinhado que esses dois conceitos não são intercambiáveis. Ele é aquela parte do aparelho que contém as paixões e pode ser representado como um campo fervilhante das pulsões. Freud afirma que o id

é a parte mais inacessível de nossa personalidade (...) aproximamo-nos do id com comparações, nós o chamamos de caos, um caldeirão cheio de

excitações borbulhantes. Imaginemos que seu extremo está aberto ao somático, acolhendo dentro de si as necessidades pulsionais que nele acham sua expressão psíquica (FREUD, 1923/1996, p.68).

Isso permite a compreensão de que o que compõe o id são apenas as catexias pulsionais que buscam a descarga. A apresentação desse sistema como sendo a sede das pulsões permite afirmar que, do ponto de vista econômico, ele é o reservatório inicial da energia psíquica.

O modo de funcionamento do id está ligado aos processos primários e ao princípio de prazer. Nele existe uma imperiosa necessidade de se satisfazer as demandas pulsionais. Evidentemente esse projeto não pode sempre ser levado a cabo, afinal, a realidade externa é um limite que precisa ser considerado. Essa mediação está a cargo de uma diferenciação do id, denominada de ego.

Ao analisarmos o texto freudiano é possível afirmar que o surgimento do ego ocorre devido ao contato entre o id e o mundo. Existe uma dupla incidência que contribui para a estruturação desse sistema, elas estão articuladas por ambas visarem a manutenção das condições possíveis de vida. A primeira delas é a necessidade de controlar a exigência de satisfação imediata do id, o que significa apontar que “o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade” (FREUD, 1923/1996, p.38). É correlativa a essa característica a substituição dos processos primários pelos secundários.

A segunda condição que contribui para o surgimento do ego são as estimulações fornecidas pelo mundo externo. Desde o *Projeto...* (1895b), passando pela *Interpretação dos sonhos* (1900) até chegar finalmente em *O ego e o id* (1923), Freud sempre sublinhou que é componente do aparelho psíquico uma parcela responsável pela percepção. Especificamente no texto de 1923, nota-se a defesa da ideia que uma parte do id, ao entrar em contato com o mundo, foi modificada para ser capaz de receber os estímulos. Tal alteração é justamente o sistema perceptivo, denominado também como *Pcpt.*

O sistema *Pcpt.* Pode, metaforicamente, ser encarado como um “calo” no id, pois apesar de receber os estímulos ele deixa apenas uma pequena parcela entrar no interior do aparelho. Ele surge diante da necessidade de se proteger o organismo contra a invasão da estimulação externa, afinal, essa situação levaria

inevitavelmente a um aumento do desprazer e no limite culminaria na morte. Vale destacar que o sistema *Pcpt.* é uma parte integrante do ego, se afirmando como um dos componentes centrais da relação entre a instância egóica e a realidade. É por essas características que Freud afirma que “o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do *Pcpt-Cs*” (FREUD, 1923/1996, p.38).

Isso significa que geneticamente o ego surge depois do id, sendo sua diferenciação. Por ser composto pelo sistema *Pcpt.* ele é consciente, porém, por estar fundido no id, ele também possui uma parte inconsciente. Vale lembrar que pertence à dimensão inconsciente do ego os mecanismos de defesa. O que o texto de 1923 apresenta de maneira clara é que o sistema egóico se articula com todos os três registros que compunham anteriormente a primeira tópica.

Dinamicamente o ego se esforça em restringir a insistente necessidade do id de descarga pulsional imediata. Todavia, esse controle não é dado de saída, mas sim paulatinamente construído. Freud propõe que primitivamente é o id que estabelece as relações objetais e isso se dá pela identificação, conforme a tese explicitada em *Psicologia das massas e análise do ego* (1920), e pelo investimento propriamente dito.

Nesses momentos primordiais o ego está se constituindo, o que significa apontar que sua capacidade de regular as exigências provindas do id são limitadas. O que se observa é que o ego ou permite que esses investimentos libidinais impostos pelo id encontrem o seu fim, ou tenta barrá-los por meio do recalçamento. Principalmente em relação a essa segunda alternativa, notam-se movimentos importantes, pois “quando acontece uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como a instalação do objeto dentro do ego” (FREUD, 1923/1996, p.42). Esse processo já havia sido anteriormente descrito na análise de fenômenos narcísicos como a melancolia, porém o que o texto de 1923 apresenta é que ele não está restrito à condições patológicas, sendo não só bem mais comum, mas também estruturante do sistema egoico.

Ao se identificar com o objeto, o ego consegue obter algum controle sobre o id, afinal a descarga imediata e irrestrita não ocorre. Isso elucida importantes facetas da relação entre esses dois sistemas, pois

Pode-se dizer que essa transformação de uma escolha objetal erótica numa alteração do ego constitui também um método pelo qual o ego pode obter controle sobre o id, e aprofundar suas relações com ele – à custa, é verdade, de sujeitar-se em grande parte às exigências do id. Quando o ego assume as características do objeto, ele está se forçando, por assim dizer, ao id como um objeto de amor e tentando compensar a perda do id, dizendo: “Olhe, você também pode me amar; sou semelhante ao objeto” (FREUD, 1923/1996, p.42-43).

Esse jogo descrito por Freud remete a uma dinâmica na qual o ego passa a ser investido libidinalmente, sendo narcísico, portanto. Desde o célebre artigo de 1914 a psicanálise estabelece que o narcisismo é um fenômeno que impacta diretamente a emergência do ego (LAPLANCHE, 1985), o que notamos a partir do trecho acima é que essa tese é mantida, mas agora articulada com a nova tópica.

A substituição de catexias objetais por identificações, que implicam a passagem da libido objetal para a narcísica, é um dos fatores que formam o ego. A centralidade desse mecanismo fica evidente quando Freud aponta que “o caráter do ego é um precipitado das catexias objetais abandonadas” (FREUD, 1923/1996, p.42). Assim, nota-se que narcisismo não apenas alargou o conceito de ego ao ponto de colaborar para o quadro que levou a reformulação da teoria tópica, mas também re-emerge no interior do segundo modelo de aparelho psíquico como um momento fundamental para a gênese e dinâmica das instâncias.

Desse modo, vemos na segunda tópica a proposição de um ego que contém características importantes de serem sublinhadas. Em primeiro lugar, fica claro que ele é simultaneamente inconsciente, pré-consciente e consciente. Além disso, por ser composto pelo sistema *Pcpt-Cs* ele é responsável pelo teste de realidade e efetua a passagem tanto do princípio de prazer para o princípio de realidade, quanto dos processos primários para os secundários, obtendo através disso um controle, sempre parcial, do id. Também se observa que ele é uma parte diferenciada do id e comumente deve se render às exigências desse sistema. O ego se estrutura por conta das sucessivas identificações e por meio disso transforma a libido objetal em narcísica. Ainda se nota que as parcelas do ego que são inconscientes são responsáveis pela resistência e pelos mecanismos de defesa. Diante desse cenário fica claro o quanto esse conceito foi ampliado em relação às compreensões existentes na primeira tópica.

Dentre as novas características do ego existe uma que merece ser melhor considerada. As modificações egoicas decorrentes da identificação não participam

apenas de seu processo de estruturação e aquisição de controle do id. Na verdade nota-se que elas apontam para um terceiro elemento que compõe a tópica. As instâncias ideais estão presentes no pensamento freudiano desde que o narcisismo começou a ocupar um lugar de destaque na metapsicologia, porém inicialmente elas apenas indicavam características especiais do ego, destacando também a existência de uma faceta inconsciente. A partir da segunda teoria do aparelho psíquico essas instâncias ideais são retiradas do domínio do ego e passam a compor um sistema específico, denominado de superego, sistema esse que será abordado em seguida.

3.2 Superego

O conceito de superego tem um claro ponto de surgimento na teoria freudiana. Ele é formalmente apresentado no texto *O ego e o id* de 1923, que segundo Ambertín, é o momento no qual “o superego alcança definitivamente sua nomeação e uma evidente posição estruturante no aparelho psíquico demarcado nessa segunda tópica” (AMBERTÍN, 2009, p.105). No entanto, isso não significa que várias de suas características e funções já não estivessem delineadas nos trabalhos anteriores de Freud. Figuras como a Consciência moral, a culpa, o delírio de ser notado, a instância crítica e a apresentação de ideais (AMBERTÍN, 2009; HOMRICH, 2008) integram o trabalho do autor desde longa data.

Diferentemente do conceito de ego, que conforme foi apresentado acima já estava presente desde os escritos pré-psicanalíticos, o superego é filho da virada dos anos 20. É por essa característica que esta dissertação não irá buscar uma recuperação histórica das teorizações prévias que concorreram para o seu surgimento, ao contrário do que foi feito com o ego. Limitar-nos-emos a rastrear os pontos que permitem vislumbrar a contribuição do narcisismo para a sua gênese e dinâmica.

O superego emerge como o terceiro elemento da tríade que compõe a segunda tópica. Ele é apontado como a instância que contém o modelo pelo qual o ego é medido, o que aponta para a sua aproximação com o ideal do ego. Caracteristicamente ele é apresentado como aquilo que comporta os preceitos morais, de onde parte a sua dimensão crítica. Ele possui uma dimensão integrativa, por ser a encarnação da lei que torna possível a emergência do sujeito, estando

articulado, portanto, com o complexo de Édipo. Porém, não raro, também pode apresentar uma face feroz, que critica o ego e exerce sobre ele violentos impulsos sádicos, momentos nos quais ele se torna “uma cultura pura do instinto de morte” (FREUD, 1923/1996, p.66). No plano de desenvolvimento da teoria é possível afirmar que a sua conceitualização decorre em grande parte do avanço da investigação freudiana acerca da relação entre narcisismo e identificação.

Diante desse quadro, um primeiro dado a ser levado em consideração é que o superego é teorizado a partir de um cruzamento de temáticas que se entrelaçam, mas que nem sempre encontram uma síntese definitiva. É por isso que é possível pensar que o texto freudiano executa “uma espécie de sobreposição dos numerosos polos implicados na questão do superego – auto-ataque, interdito, ideal – sem que o problema dos pontos de passagem de um a outro seja elaborado” (CARDOSO, 2002, p.32). Mas mesmo diante dessa miríade de conceitos é possível identificar dois grandes campos que integram essas numerosas figuras e servem de base privilegiada para a conceitualização do superego: a dimensão pulsional e a articulação entre complexo de Édipo, narcisismo e identificação.

Referente ao primeiro aspecto nota-se que Freud vincula algumas funções do superego à dinâmica pulsional⁸. Em um plano inicial isso fica evidente quando relembremos que, do ponto de vista psicogenético, o superego nasce do id, que é o caldeirão fervilhante de pulsões. Sob certo aspecto é possível conceber que o “superego é herdeiro do isso pela sua ligação com o pai terrível-perverso-demoníaco, que instiga a partir do cerne pulsional” (AMBERTÍN, 2009, p.108). Porém, é do ponto de vista dinâmico que essa relação fica mais evidente. O superego é concebido como uma instância crítica, que apresenta os modelos ideais a serem seguidos pelo ego e que constantemente o avalia. O que se nota é que não raramente essa crítica se reveste de contornos vorazes e violentos, se apresentando como um juiz implacável, sendo que a força que serve de base para tal processo decorre da ação da pulsão de morte.

Encontramos no *Ego e o id* a afirmação de que os dois tipos de pulsão normalmente não estão separados e que podem atuar em conjunto para possibilitar a descarga. Porém, também é salientado que nem sempre os objetivos desses dois

⁸Freud salienta que a pulsão não pertence especialmente a nenhuma instância do aparelho psíquico, ela circula entre as três instâncias e se liga a processos diversos em cada uma delas.

elementos coincidem, o que abriria espaço para a defusão. O resultado desse quadro é que ocorre uma liberação da agressividade, que passa então a ser assumida pelo superego na sua relação com o ego. Freud concebe que isso é “a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentada pelo ideal” (FREUD, 1923/1996, p.67). Em um trabalho posterior, intitulado *O problema econômico do masoquismo*, essa linha de raciocínio será reafirmada, mas se acrescentará que a inibição da descarga da pulsão de morte no mundo externo faz com que ela retorne para o sujeito e intensifique a ação sádica do superego (FREUD, 1924/1996).

Nesse quadro, o narcisismo certamente tem um papel importante que pode ser avaliado tanto sob a ótica histórica, quanto psicodinâmica. Historicamente observa-se na teoria freudiana que a postulação do dualismo pulsional baseado em pulsão de vida e de morte se deve em parte ao papel do narcisismo. Conforme foi apontado no capítulo anterior, a instauração desse conceito apontou contradições insolúveis na primeira teoria pulsional, articulada em torno das pulsões sexuais e do ego. Portanto, vincular o funcionamento de certos aspectos do superego à ação da pulsão de morte, só foi possível porque em determinado momento o narcisismo abriu espaço para teorização desse conceito.

Do ponto de vista dinâmico, nota-se que a defusão pulsional é tributária de um mecanismo encabeçado pelo narcisismo. Em *O ego e o id*, Freud retoma pontos descritos no texto de 1914, acerca da transformação da libido objetal e narcísica e acrescenta que nessa passagem existe “um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização” (FREUD, 1923/1996, p.43). O resultado desse processo seria a criação de uma energia inespecífica que poderia ser adicionada a qualquer uma dos dois tipos de pulsão, ou seja, é proposto que existe “na mente – no ego ou no id – uma energia deslocável, a qual, neutra em si própria, pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado e aumentar a sua catexia total” (FREUD, 1926/1996, p.57), e essa energia provém do estoque narcísico de libido⁹. A pulsão que recebe esse aumento energético pode então mais facilmente obter satisfação, o que encetaria um processo de defusão.

Em uma situação na qual a pulsão de vida aumentou sua catexia total ao ponto de satisfazer-se independentemente, nota-se que o destino da pulsão de

⁹ Isso fica evidente na passagem em que se propõe que a “energia deslocável e neutra, que é sem dúvida, ativa tanto no ego quanto no id, proceda do estoque narcísico de libido – que ela seja Eros dessexualizado” (FREUD, 1923/1996, p.57).

morte não foi simplesmente a destruição. Um dos desdobramentos desse processo é sua utilização, como vimos acima, para fortalecer as dimensões sádicas do superego em sua relação com a instância egoica. Nesse cenário poderíamos dizer que “o componente destrutivo entrincheirou-se no superego e voltou-se contra o ego” (FREUD, 1923/1996, p.65).

Ao lado da discussão da dimensão pulsional, Freud também adota como o segundo campo de teorização sobre o superego os desdobramentos do complexo de Édipo. Nesse caso nós somos lançados para a dinâmica entre narcisismo, identificação¹⁰ e instâncias ideais. A proposição do superego retoma modifica a articulação desses pontos que já estavam presentes na teoria freudiana desde o desenvolvimento das reflexões metapsicológicas.

Conforme é possível acompanhar durante o percurso do conceito de narcisismo, o problema da identificação sempre foi um elemento constante. Já em *Leonardo da Vinci*, Freud (1910a/1996) apontava que a identificação constitutiva da homossexualidade visava a preservação do narcisismo infantil. Também em *Totem e Tabu* (1913/1996), outro texto fundamental da história do narcisismo, a identificação é ligada a uma assimilação oral do pai, que uma vez introjetado serviria para instituir a lei.

Esses textos constituíram um preâmbulo necessário para que em 1914 a relação entre esses dois conceitos pudesse ser mais bem pensada. Em *Sobre o narcisismo* Freud propõe que um dos destinos do narcisismo primário é a formação de um ideal do ego, que seria uma modificação no interior da estrutura egoica. Esse ideal seria o herdeiro da perfeição que um dia o eu comportou (ego ideal), e teria por característica servir como modelo e apontar o que deve ser censurado. Ele encarna os preceitos culturais e éticos do indivíduo e se forma pela influência crítica dos pais, dos educadores e da opinião pública (FREUD, 1914/1996). Não é sem razão, portanto, que Ambertín (2009) relaciona o ideal do ego com a instalação do estrangeiro no interior do aparelho psíquico por meio da identificação. Justamente por essas características essa instância indica as diretrizes do recalçamento.

¹⁰Concordarmos portanto com a afirmação de Cardoso que estabelece que “ Na genealogia do conceito de superego, a questão da identificação ocupa um lugar central. A evolução desta noção é correlativa da colocação em primeiro plano do Complexo de Édipo e da Segunda Tópica, modelo no qual a instância do superego será formalmente introduzida. De acordo com esse modelo, as instâncias – que se diferenciam a partir do id – serão especificadas pelas identificações das quais derivam” (CARDOSO, 2002, p.33).

Uma melhor conceituação desses aspectos vai ser estruturada em *Luto e melancolia*. É nesse texto que se verifica que um dos destinos do rompimento das relações objetais é a identificação. Poeticamente se fala sobre uma alteração no ego em decorrência de um “recaimento da sombra do objeto”. Tal parte modificada é submetida à crítica pelo ideal do ego, dinâmica essa que pede uma consideração mais detida.

Uma nota que merece ser sublinhada é o caráter central da cisão nesse processo, que incide de duas formas diferentes. Um primeiro aspecto é a cisão do ego, que certamente é uma divisão mais clara por delinear duas regiões diferentes: o ego propriamente dito e o ideal do ego. Um segundo aspecto sugerido no texto de 1917 é a cisão do objeto, que passa a ser compreendido como bom e mau, como amado e odiado. Essa separação é correlativa da ambivalência que integra essas relações.

Pois bem, essa interpretação revela o seu valor ao observarmos que na melancolia, e posteriormente em toda a formação do ideal do ego, o polo privilegiado que serve como base da identificação é aquele que contém os aspectos maus, odiosos e agressivos do objeto. São esses os elementos que recaem como sombra no ego (CARDOSO, 2002). Assim, temos uma situação na qual o ego possui uma parte desprovida de valor e que aparece como merecedora de reprovações e outra que comporta uma perfeição narcísica ideal e que atua como um avaliador/juiz.

Certamente a instância crítica denominada de ideal do ego é o conceito que se encontra mais próximo das elaborações do superego. Em 1923 Freud propõe que inclusive eles são sinônimos, não existindo uma clara diferenciação entre esses elementos¹¹. Todavia, não é possível que executemos uma mera transposição de conceitos, afinal em *O ego e o id* é introduzida uma mediação fundamental, que, embora pudesse estar esboçada nos textos anteriores, não foi analisada em toda a sua extensão, a saber, o complexo de Édipo.

Assim como nos trabalhos anteriores, a origem do ideal do ego é ligada à identificação, porém o texto de 1923 avança ao apresentar que algumas identificações são mais estruturantes para a formação do superego, a saber,

¹¹Vale notar, todavia, que em outros trabalhos Freud estabelece que essas instâncias não são plenamente coincidentes. Nas *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise* (FREUD, 1932/1996) é proposto que o ideal do ego pode ser encarado como uma subestrutura, como uma diferenciação no interior do superego, que comportaria outras duas funções: a auto-observação e a consciência moral.

aquelas que ocorrem durante a primeira infância. É por tal quadro que Freud, ao analisar o que está em jogo na origem do superego, pode afirmar que

Por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. Isso aparentemente não é, em primeira instância, a consequência ou resultado de uma catexia do objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto (FREUD, 1923/1996, p.44).

Esse tipo de identificação já tinha sido anteriormente descrito em *Psicologia das massas e análise do ego* (1921) como sendo do tipo primário, isso é, aquele tipo de identificação que se afirma como o modo mais primitivo de se relacionar com o objeto. Embora isso não esteja explicitado no texto freudiano, concordamos com Miguelez (2007) quando afirma que a ocorrência dos fenômenos identificatórios sempre implica uma dimensão narcisista.

A centralidade desses processos só pode ser delineada com mais clareza se eles forem pensados integrados ao complexo de Édipo. O caráter triangular da situação, bem como a bissexualidade constitutiva do sujeito, são obstáculos a serem considerados na exposição desse cenário; afinal, no complexo de Édipo o sujeito tanto ama quanto odeia, simultaneamente, a figura paterna e materna.

Apesar de não ignorar a complexidade da situação, Freud privilegia na sua explicação a forma simplificada do complexo em um menino para elucidar o surgimento do superego. Segundo o autor, inicialmente, o sujeito desenvolve uma catexia objetual pela mãe e uma identificação com o pai, essas relações conseguem ser mantidas até que o aprofundamento dos desejos sexuais pela mãe apontem que o pai é um obstáculo. Assim, “a identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, afim de ocupar o seu lugar junto à mãe.” (FREUD, 1923/1996, p.44).

Os dois interditos básicos constitutivos do processo civilizatório, a proibição do incesto e do parricídio, faz com que exista uma demolição do complexo de Édipo. Como resultante do processo, nota-se que a catexia objetual da mãe deve ser abandonada e em seu lugar, na maior parte das vezes, observa-se que existe uma intensificação da identificação com o pai. Devido à bissexualidade constitutiva, quando o sujeito ocupa uma posição feminina essas posições são trocadas, ou seja, ele ama o pai e rivaliza com a mãe, com quem também está identificado. Diante da

dissolução do complexo de Édipo nesse último caso, ele abandona a catexia objetal paterna e intensifica a identificação com a figura materna.

Dessa maneira, Freud pode afirmar que o

amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Estas modificações do ego retêm a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (FREUD, 1923/1996, p.47).

O superego irá instalar no sujeito a dimensão da lei, o que significa dizer que ele não é apenas um “resíduo das primitivas escolhas objetais do id” (FREUD, 1923/1996, p.47), mas também uma formação que se opõe a essas escolhas. Assim, a relação do superego com o ego

não se exaure com o preceito: ‘Você *deveria* ser assim’ (como seu pai). Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode* ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’. Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência. (FREUD, 1923/1966, p.47).

Isso esclarece que o superego não pode ser tomado simplesmente como sendo apenas uma identificação com o pai. Na verdade, o que está em jogo é a identificação imediata com certos aspectos da *função paterna* (o que não é coincidente com a figura do pai), como a avaliação, voz crítica, interdito, ou de maneira mais geral, simplesmente a lei. Ambertín (2009) fala inclusive que nesse momento de constituição do superego o que está em jogo é uma “incorporação intrusiva do pai”, que é trans-histórica e se fará permanentemente presente para o sujeito. O que devemos ter em mente é que no complexo de Édipo o pai e a mãe reais são apenas vetores de funções que os transcendem.

Embora Freud ressalte a condição estruturante das identificações primárias para a formação do superego, ele não abandona as construções prévias sobre o papel das identificações secundárias. Ainda que acompanhem Miguez (2007) quando propõe que a identificação deve ser pensada como um fenômeno articulado com o narcisismo, não deixa de ser notável que no caso das identificações diretas essa relação é mais dificilmente percebida. Embora isso não esteja claramente

indicado no texto freudiano, parece ser lícito afirmar que qualquer modificação no sujeito sempre vai exigir, em maior ou menor grau, a participação da libido. A assimilação de traços talvez só seja feita contando com a participação do “cimento libidinal”.

Mas é no caso das identificações secundárias que o papel do narcisismo é mais notável. Mesmo nos momentos iniciais, nota-se que o sujeito substitui a relação objetal com o pai e com a mãe por uma identificação. Esse processo fortaleceria o núcleo superegoico formado pelas identificações primárias. Evidentemente que esse quadro se articula com a passagem da libido objetal para a narcísica. É notável nesse caso a linha que liga as teorizações sobre o superego ao quadro teórico desenvolvido quando Freud tratava da melancolia.

Posteriormente esse processo continuaria a se fazer presente. O amor pela autoridade e a subsequente identificação com ela, é um mecanismo que aponta para os modos como a dimensão superegoica se atualiza ao longo da história do sujeito.

Recuperando o que foi dito acima, podemos agora afirmar que o superego emerge na teoria freudiana como um elemento complexo que surge pelo desenvolvimento da teorização sobre as instâncias ideais. Como tal, ele está ligado a uma tentativa de preservação do narcisismo infantil, mas simultaneamente representa a internalização das figuras de autoridade. Essa internalização só pode ser pensada no terreno do complexo de Édipo, que aponta que o resultado desse processo é o estabelecimento de identificações. Dentre essas as mais estruturantes são as primárias, que, todavia, são fortalecidas pelas identificações secundárias. Em ambos os casos é possível afirmar que o narcisismo contribui para a sua estruturação, ora de maneira mais direta, ora menos direta. O importante é que o final do processo culmina com a estruturação de uma instância crítica que avalia o ego. Não raro esse processo pode se revestir de contornos vorazes e a crítica se tornar marcadamente agressiva. Ao tentar explicar esse quadro, Freud recorre ao embate pulsional e propõe que ele aponta uma situação na qual o superego se tornou “pura pulsão de morte”. Para que isso seja possível é necessário um processo de desfusionamento pulsional, que só pode ocorrer se uma cota de energia inespecífica e neutra em si for adicionada a uma das classes de pulsão. Essa energia decorre dos estoques narcísicos de libido, de “Eros dessexualizado”, o que explicita que o narcisismo é um dos elementos importantes para a gênese e dinâmica do superego.

Considerações finais

Após a análise desenvolvida nos capítulos anteriores é chegada a hora de apresentarmos uma resposta sintética para a questão que guiou este trabalho, ou seja: como o narcisismo impactou a passagem do primeiro para o segundo modelo de aparelho psíquico? Essa síntese só se tornou possível pelo percurso que fizemos na obra de Freud, tentando captar os momentos mais importantes de sua produção que poderiam auxiliar a compreensão dessa importante articulação teórica.

As principais conclusões que chegamos é que o narcisismo colaborou para a elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico através de duas vias. A primeira foi por contribuir para uma modificação da compreensão psicanalítica sobre o conflito psíquico, tema esse que costura integralmente a psicanálise. A segunda via está ligada ao fato de que o narcisismo emerge como uma mediação teórica fundamental para explicar o surgimento e a dinâmica dos componentes do segundo modelo de aparelho mental: o id, o ego e o superego.

Para o desvelamento desse quadro era imprescindível que nos concentrássemos inicialmente no primeiro modelo de aparelho psíquico. Buscamos a exposição presente na *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1990) por entender que ela contém aspectos essenciais do modelo que guiou toda a primeira tópica.

Mais do que simplesmente expor a proposta freudiana sobre o aparelho mental, buscamos apresentar como esse recurso era um produto inevitável da teorização que Freud realizava sobre a vida psíquica. O ponto de partida foi a análise de um sonho absolutamente singular do próprio autor, no qual ele reconheceu que a produção onírica era a realização de desejo. Após essa constatação se nota um trabalho de dupla ampliação. Em primeiro lugar se expande essa afirmação para todas as pessoas, considerando inicialmente aqueles sonhos em que o desejo era muito facilmente reconhecível, como os das crianças, passando então para os sonhos típicos de adultos, até estender essa afirmação para aqueles sonhos que parecem contrariar claramente a afirmação inicial, tal como os sonhos de angústia. Em todo esse quadro a afirmação de que todos os sonhos são sempre uma realização de desejo sempre se mostrou válida.

A segunda ampliação foi de cunho teórico. Mergulhando nas vicissitudes do processo de sonhar, Freud foi obrigado a reconhecer o quão complexo era esse

fenômeno. O desejo que ele denunciava nunca aparecia de maneira direta, sendo escamoteado por processos de condensação e deslocamento para só então serem reconhecidos pelo sujeito. Além disso, o desejo sempre remetia a elementos recalçados, que em última instância eram ligados a uma dimensão sexual infantil. Desse modo, após o trabalho de teorização, Freud pôde então complementar a sua proposição inicial afirmando então que os sonhos são a realização de desejos inconscientes, modificados pela ação da condensação e deslocamento, que são intoleráveis por apontarem para a sexualidade infantil.

Um elemento que vale notar é que essa progressiva universalização acabou por conduzir Freud para uma teorização global sobre a mente. A construção de um aparelho psíquico emerge, assim, como uma consequência necessária do processo de exposição conduzido ao longo da *Traumdeutung*.

Conforme é proposto no último capítulo dessa obra, a vida psíquica se organizaria a partir de três instâncias principais: o inconsciente, o pré-consciente e consciente. A primeira delas, o inconsciente, funciona a partir dos processos primários e do princípio do prazer. Ela comportaria todos os registros mnêmicos censurados, contendo as representações psíquicas que são intoleráveis para a consciência. De maneira sintética podemos afirmar que o inconsciente contém o recalçado.

O pré-consciente, por sua vez, é a instância que é inconsciente no sentido descritivo, mas não no dinâmico, ou seja, contém os elementos que não são imediatamente conscientes, mas podem se tornar mediante um aumento de catexia. Segundo Freud, seria essa a parcela da vida mental que estaria relacionada com o mecanismo de censura, ou seja, ele possui uma face recalçante.

Por fim, tem-se a consciência, que é a parte do aparelho psíquico responsável pela percepção e que possui tudo aquilo que está imediatamente disponível para o sujeito. Existe uma estreita ligação entre esse sistema e o pré-consciente, valendo sublinhar que esses dois elementos são, nesse momento, recobertos pela noção de ego.

A criação desse aparelho mental permitiu não apenas compreender os sonhos. Após a sua postulação, ele se mostrou útil também para entender todos os fenômenos que surgem a partir do conflito psíquico. A sua eficácia teórica e clínica pode ser comprovada ao lembrarmos que por mais de 20 anos ele esteve presente de maneira exclusiva na produção freudiana.

Durante essas duas décadas o conflito psíquico era entendido como uma contraposição entre os conteúdos ligados ao sistema inconsciente e os sistemas pré-consciente/consciente. Nem tudo poderia adentrar imediatamente na consciência; várias representações só poderiam fazer isso de maneira disfarçada, por meio dos processos de condensação e deslocamento. O mecanismo de censura demarcava o que estava autorizado ou impedido de se tornar consciente.

O que vale notar nesse modelo é que existe uma clara diferenciação tópica entre o recalçado e as instâncias recalcentes. Esses dois elementos estavam ligados a sistemas diferentes. O primeiro era sempre inconsciente, ao passo que o segundo se encontrava mais próximo do pré-consciente/consciente, ligado ao ego, portanto. Conforme propõe Costa (2003), na primeira tópica o conflito psíquico era uma noção coerente, facilmente delimitada, cujas figuras estavam bem separadas.

Apesar da fertilidade desse primeiro aparelho psíquico para explicar uma miríade de condições, alguns processos acabaram por questionar a sua total eficácia. As investigações clínicas impuseram a Freud fenômenos que não podiam ser integralmente assimilados pela primeira tópica e dentre esses podemos destacar a progressiva teorização sobre o narcisismo.

Esse conceito é um dos mais complexos da teoria Freudiana e se reveste de múltiplas significações ao longo dos anos. Green (1989) chega mesmo a afirmar que é impossível reunir sob uma figura única todas as conceituações freudianas sobre esse tema. Não é sem razão, portanto, que Miguez (2007) propõe o termo *narcisismos* para dar conta de todas as significações do conceito.

Diante desse cenário complexo, adotamos como estratégia perseguir as principais elaborações freudianas sobre o tema, nos concentrando nas suas formulações publicadas entre 1910, momento de aparecimento do conceito, até a chamada virada de 1920, que é marcada pela estruturação da segunda tópica. Essa reconstrução histórica foi o objetivo do segundo capítulo desta dissertação.

O que se nota é que nos primeiros escritos o narcisismo não pode ser descrito exatamente como um conceito, ele na verdade emerge como uma metáfora. As suas primeiras aparições tanto na reedição de 1910 dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, quanto em *Leonardo da Vinci: uma lembrança de infância* (1910a) estão ligadas a tentativa de explicar o mecanismo de escolha objetal dos homossexuais, que nesse momento era compreendido como um fenômeno perverso.

A dimensão conceitual do narcisismo seria mais bem delineada um ano depois do seu surgimento no Caso Schreber (1911a). Alguns autores, como Green (1989), estabelecem que esse é o momento de emergência do conceito propriamente dito. Acompanhando o texto de 1911, nota-se que o narcisismo é inserido em uma dimensão psicogenética, psicodinâmica e tópica, tornando-se um fator central para explicar a psicose paranoica. Nessa obra o narcisismo ultrapassa os limites da psicopatologia e começa a ser compreendido como um momento universal do desenvolvimento libidinal. Freud propõe a existência de uma sequência que se inicia com o auto-erotismo, passando posteriormente pelo narcisismo, para só então chegar ao amor objetal, que inicialmente é homossexual e depois pode tornar-se heterossexual.

Outro texto importante para a historiografia do narcisismo é *Totem e tabu* (1913), momento no qual ele é utilizado pela primeira vez para explicar fenômenos supra individuais. Freud estabelece um paralelo entre a mente infantil e o modo de funcionamento psíquico dos chamados povos primitivos, que em ambos os casos teriam a configuração subjetiva marcada pelo narcisismo. Também se encontra nessa obra os primeiros movimentos daquilo que posteriormente será denominado de narcisismo primário e secundário.

Esse grupo de textos será fundamental para que em 1914 Freud publique uma peça central para essa discussão. *Sobre o narcisismo: uma introdução* é o escrito que apresenta de maneira mais desenvolvida o conceito. É nela que observamos como o narcisismo, inserido em uma dimensão psicogenética, acaba por desvelar os principais momentos de estruturação do sujeito.

Conforme expõe Freud, inicialmente notar-se-ia que o auto-erotismo pode ser entendido como a condição na qual a pulsão é sempre parcial e investe um corpo essencialmente fragmentado. Essa dispersão inicial é superada pelo narcisismo, que para a sua emergência exige a introdução de uma nova ação psíquica: o ego. Conforme sublinha Garcia-Roza (2009), a constituição do narcisismo e do ego são interdependentes. Somente após a existência do narcisismo primário é que o sujeito passa a investir libidinalmente objetos diferentes de si mesmo. Todavia, essas relações objetais nem sempre podem ser mantidas, e diante de um rompimento a libido não é simplesmente extinguida, uma vez que ela retorna para o seu local de origem, o ego. Esse último movimento é denominado de narcisismo secundário.

Outro aspecto importante em *Sobre o narcisismo* é a postulação da existência das instâncias ideais. Em algum momento durante o narcisismo primário o ego foi compreendido como portador de toda a perfeição, ou seja, nenhuma falha poderia ser imputada a ele. Em certo sentido podemos afirmar que a castração ainda não tinha incidido de maneira absolutamente contundente. Evidentemente a realidade demonstra a impossibilidade dessa suposta perfeição e o sujeito começa a perceber a sua não completude. Não obstante, a possibilidade de uma perfeição não é abandonada, mas sim deslocada para o chamado ideal do ego, que é a parcela da mente que contém as imagens de perfeição preconizadas pelos pais e pela cultura. Conforme sublinha Freud, o ideal do ego ocupa um papel central no fenômeno do recalçamento, por apontar quais são os elementos que devem ser negados por não se coadunarem com o ideal.

As formulações sobre as instâncias ideais serão apuradas nos textos *Luto e melancolia* (1917a) e *Psicologia das massas e análise do ego* (1921). Uma contribuição fundamental dessas obras é explicitar o processo pelo qual uma relação objetal pode regredir para uma identificação. Conforme se observa na melancolia, um objeto pode se instalar no ego e encetar uma modificação, que passa então a ser investida libidinalmente. A existência desse tipo de investimento se estrutura sobre uma base narcisista e exige uma modificação da libido objetal para a narcísica.

Essas teorizações serão relevantes por apresentarem que o ego possui partes inconscientes e que elas são dotadas de muita importância por determinar o que vai ser recalçado. Essa é uma mediação que merece ser destacada por ser um ponto chave da passagem da primeira para a segunda tópica. O que observamos é que o progressivo desenvolvimento do conceito de narcisismo vai “embaralhando” as figuras que compunham o conflito psíquico, tal como preconizava a primeira tópica. Uma oposição entre recalçado e instâncias recalçantes, pertencendo respectivamente ao inconsciente e ao Pré-consciente/consciente, já não podia ser integralmente mantida.

Vemos assim uma primeira contribuição do desenvolvimento do conceito: uma alteração na compreensão freudiana das figuras do conflito psíquico. Todavia, o papel do narcisismo para a instauração da segunda tópica não se limitou apenas a esse aspecto; ele também foi uma peça chave para a estruturação de suas instâncias.

Os novos dados obtidos pelo avanço da investigação sobre o narcisismo contribuíram para que em 1923 fosse publicado o texto que contém a exposição sistematizada do segundo modelo de aparelho psíquico. *O ego e o id* (1923) é um dos pontos de demarcação da chamada virada dos anos 20. Evidentemente é impossível atribuir exclusivamente ao narcisismo uma alteração dessa envergadura, ainda que ele seja um dos elementos mais relevantes deste processo.

Vale lembrar, porém, que, mesmo diante de um novo modelo de aparelho psíquico, as construções prévias não foram simplesmente descartadas. Elas ainda permaneceram válidas, ainda que fossem insuficientes ou inadequadas para explicarem totalmente alguns fenômenos. Garcia-Roza (2009) estabelece que a proposição da segunda tópica trata-se mais de um deslocamento temático do recalcado para as instâncias recalcentes do que uma simples substituição. De qualquer modo, é sempre bom termos em mente a indicação freudiana de que a natureza consciente ou inconsciente de um processo é o principal farol na análise dos aspectos obscuros da mente.

Ao nos debruçarmos sobre o texto de 1923 notamos que o primeiro motivo apresentado por Freud como justificativa da elaboração de uma nova teoria do aparelho psíquico foi o alargamento do conceito de inconsciente. Seria possível delinear inicialmente um inconsciente dinâmico, isto é, algo que obedece aos processos primários e ao princípio do prazer, que contém o recalcado e que não pode tornar-se consciente livremente. Também poder-se-ia falar em um inconsciente descritivo, ou seja, algo que simplesmente não está consciente. Essa última alternativa conteria tanto o inconsciente dinâmico quanto o pré-consciente. Porém, o que as investigações clínicas estabeleceram é que, além desses dois tipos de inconsciente, ainda seria possível se falar em um inconsciente que não é composto pelo recalcado, mas sim que se afirma como uma instância recalcente. A explicitação dessa terceira faceta do inconsciente está diretamente ligada ao avanço das investigações sobre o narcisismo nos anos anteriores.

A existência de tantas apresentações do inconsciente reduz a eficácia explicativa do conceito. Freud (1923/1996) afirma inclusive que atribuir a determinados processos a característica de ser inconsciente ou consciente já não pode ser algo de significação inequívoca, seja na dimensão clínica ou teórica. Diante disso se propõe uma nova divisão da mente, composta por três instâncias: id, ego e superego.

O id é a parcela mais primitiva do aparelho mental e representa a radicalização de um processo que apresenta o homem como descentrado de si mesmo. A sua postulação pode ser vinculada ao narcisismo quando se nota que ele surge devido a um alargamento, até a implosão, do conceito de inconsciente. Ele é a sede de todas as pulsões, governado pelos processos primários e pelo princípio do prazer, que impõem incessantemente a exigência de uma descarga imediata da tensão.

Contudo, as limitações impostas pela realidade nem sempre permitem que essa descarga ocorra livremente, sem que com isso a existência do sujeito fique ameaçada. Para que a vida se torne possível, é necessário um adiamento da satisfação pulsional. Segundo Freud, existe um componente do aparelho psíquico que se ocupa diretamente desse quadro e executa a mediação entre as exigências pulsionais e a realidade. Essa instância é denominada de ego e pode ser encarada como uma diferenciação do id.

Acompanhar a contribuição do narcisismo para a postulação do ego é uma tarefa dotada de complexidade, uma vez que esse conceito é um dos mais perenes na obra freudiana. Nota-se que existem importantes elaborações sobre esse tema desde os escritos pré-psicanalíticos. Analisando o *Projeto para uma psicologia científica* (1895b), assim como os rascunhos K (1895a), H (1896) e N (1897), podemos afirmar que desde os momentos iniciais o ego é compreendido como um elemento responsável pela defesa, impossibilitando que os conteúdos recalçados inadmissíveis à consciência provoquem um excesso de estimulação desprazerosa. Isso significa dizer, portanto, que ele já aparece como um dos polos do conflito psíquico. Além disso, principalmente nos rascunhos H, K e N, o ego é compreendido como quase coincidente com a consciência/pré-consciência. Por fim, também se nota que o ego atua na substituição dos processos psíquicos primários pelos secundários.

Essas construções são importantes uma vez que serão largamente mantidas nos escritos posteriores. Mesmo após a publicação da *Interpretação dos sonhos*, momento no qual o acento biológico é substituído por uma compreensão propriamente psíquica, as elaborações sobre o ego serão mantidas. Tal quadro vai ser paulatinamente alterado com a introdução do conceito de narcisismo em 1910. Bonfim (2008) propõe que nos primeiros anos que se seguiram da primeira teoria do aparelho psíquico o ego sofreu um eclipsamento na obra de Freud.

Segundo Monzani (1988) a razão disso é que a psicanálise, nesse ponto de sua elaboração, estava muito mais voltada para o desvelamento das características e modo de funcionamento do recalcado, do que para as instâncias recalcentes. As principais contribuições desse momento estão relacionadas ao delineamento mais preciso das características do ego anteriormente citadas, como os processos primários e secundários e o princípio do prazer e de realidade.

A alteração desse quadro vai começar a ocorrer com a publicação dos primeiros escritos que versavam sobre o narcisismo. Evidentemente o impacto desse conceito foi progressivo e se fez mais incisivo a partir de *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Ao apresentar uma nova teoria sobre a psicogênese do ego, propôs-se que ele é constituído pelas instâncias ideais. Na análise das funções do ideal do ego, Freud estabeleceu que ele é uma força recalcente e que é inconsciente. Essas características foram melhores descritas em textos posteriores, principalmente em *Luto e melancolia* e *Psicologia dos grupos e análise do ego*, quando se ligou o surgimento das instâncias ideais a um processo de identificação com objetos perdidos.

Tal quadro levou a uma reformulação ampla do conceito de ego, pois diferentemente do que se desenhava desde os textos anteriores a 1900, esse componente do aparelho psíquico não podia mais ser concebido como ligado exclusivamente aos registros do pré-consciente/consciente. Cada vez mais ficava clara a dimensão inconsciente do ego, fator esse que impactou consideravelmente a clínica e levou a uma nova interpretação sobre os processos de defesa.

O terceiro componente do modelo de 1923, o superego, também pode ser ligado diretamente ao narcisismo, uma vez que ele decorre da investigação sobre o ideal do ego. Ele seria a presentificação da lei, que se estruturaria a partir do complexo de Édipo. A sua formação está ligada a um complexo jogo de identificação e abandono das relações objetais. Para Freud, o superego surge devido a interdição do incesto, condição essa que força o sujeito a abandonar o seu amor pela mãe e se identificar com o pai. Miguez (2007) propõe que os fenômenos identificatórios devem ser pensados como condições que remetem ao narcisismo, pois para a existência de uma modificação dessa natureza no interior do aparelho mental é preciso uma captação libidinal.

O narcisismo comparece não apenas na explicação do surgimento do superego, mas também na compreensão do seu modo de funcionamento. Segundo

Freud, por vezes o superego pode se apresentar como um impiedoso juiz do ego e isso ocorreria porque ele despeja sobre essa última instância um excesso de agressividade. Cardoso (2007) sublinha que nessa situação o superego se tornou uma cultura da pulsão de morte e isso só se torna possível por um processo de defusão pulsional. A separação parcial entre pulsão de vida e de morte pede, necessariamente, a participação de uma cota libidinal neutra em si, que pode ser adicionada a qualquer uma das pulsões. Ao investigar a origem dessa energia neutra, Freud é levado a propor que ela decorre dos estoques de libido narcísica do sujeito.

Diante desse quadro, fica claro o caráter fundamental do conceito de narcisismo para a elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico. Sua contribuição se deu tanto por redefinir a compreensão psicanalítica sobre o conflito psíquico, quanto por ser uma mediação teórica importante para elucidar a psicogênese e a psicodinâmica das instâncias da segunda tópica.

Em suma, podemos fechar essas considerações finais tendo a certeza que a investigação metapsicológica é um momento privilegiado de contato com a teoria psicanalítica. Dada a sua complexidade, o estudo da teoria freudiana continua sendo um desafio, mas que ainda reserva bons frutos para aqueles que se dispõem a acompanhá-la.

Referências

AMBERTÍN, M. G. **As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

BONFIM, T. H. **A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana**. 2008. 114f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

CARDOSO, M. R. **Superego**. São Paulo: Escuta, 2002.

COSTA, A. **Sonhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (org.) **Percursos na História da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Taurus, 2003, pp. 151-175.

DESSUANT, P. **O narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

FREUD, S. (1891) **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. (1895a) **Rascunho H**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1895b) **Projeto para uma psicologia científica**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1896) **Rascunho K**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. (1897) **Rascunho N**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1900) **Interpretação dos sonhos**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1910a) **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1910b) **A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1911a) **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia(Dementia Paranoides)**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1911b) **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1913) **Totem e tabu**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1915a) **Repressão**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1915b) **O Inconsciente**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1917a) **Luto e melancolia**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1917b) **Uma dificuldade no caminho da psicanalise**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1920) **Além do princípio do prazer**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1921) **Psicologia de grupo e análise do ego**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1923) **O ego e o id**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1924) **O problema econômico do masoquismo**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1929) **Futuro de uma ilusão**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1930) **Mal estar na civilização**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1938) **Esboço de psicanálise**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____ (1938b) **Moisés e o monoteísmo**. Em: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 1**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GAY, P. **Freud uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1989.

GUIMARÃES, L. M. **Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud: origem, metapsicologia e formas sociais**. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HOLMES, J. **Narcisismo**. Lisboa: Almedina, 2002

HOMRICH, A. C. B. **O conceito de superego na teoria freudiana**. 2008. 248f. Tese (Doutorado em Psicologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

KOHUT, H. **Self e narcisismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

LACAN, J. Estágio do espelho na formação do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.96-103.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fonte, 1992.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins fontes, 1994.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: Editora PUC-SP, 2011.

MASSOTA, O. **A dualidade psíquica: modelo pulsional**. Campinas: Papyrus, 1986.

MEZAN, R. **A sobre de Don Juan e outros escritos**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MEZAN, R. **Tempo de muda: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

MIGLIAVACCA, E. M. A psicanálise e a universidade: pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v.12, n.2, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642001000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mai. 2013.

MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos**. São Paulo: Escuta, 2007

MONZANI, L. R. **Freud o movimento de um pensamento**. Campinas: Unicamp, 1988.

OVÍDIO, N. P. **Las metamorfosis**. Madrid: Espasa Calpe, 1988.

RICOEUR, P. **Da interpretação: ensaios sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.